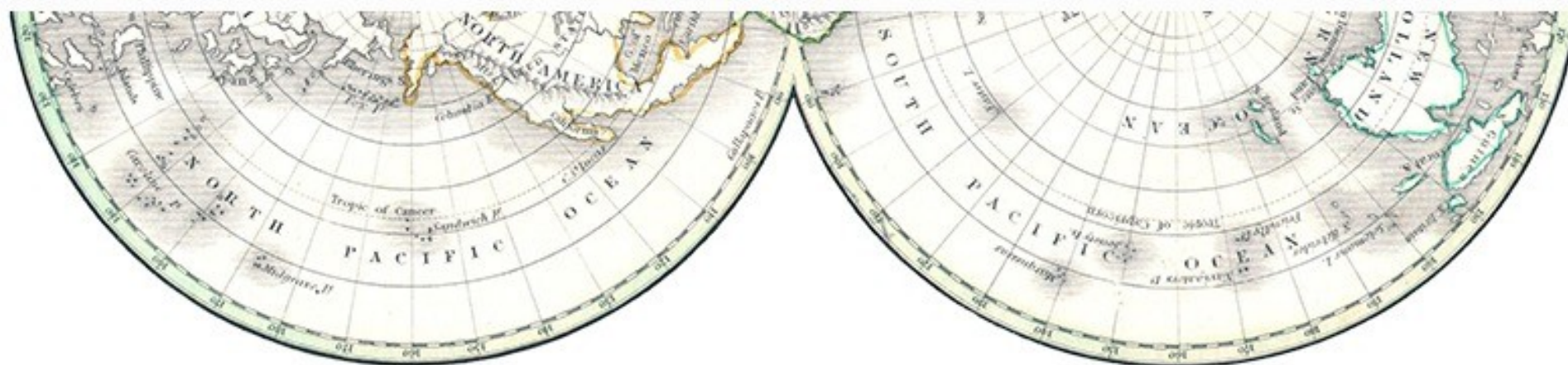




manual do mundo 2019



Redatores: Adriane Ribeiro da Silva, Afonso Brito Bandeira, Beatriz Bolini, Bruno Morescalchi Neto, Dalila Isis Fernandes, Gabriela Souza Gabassi, Geovanna Cocenza, Guilherme Giovaneli Lopes Silva, João Victor D’Almeida de Souza, Letícia Lika Shigeeda, Lucas de Lima Pinto, Maria Eduarda Kobayashi Rossi, Maria Teresa Liuti Ponce, Nathalia Gama, Nilo da Rosa Werneck, Pedro Henrique Campagna Moura da Silva, Rafael Rapolla, Rebeca Santos Ribeiro, Sofia de Paula Taveira, Thiago Vicino Fernandes, Vinícius Bento Lima.

Apoio:



Agradecimentos

O Cenários gostaria de agradecer a todos os alunos e alunas da UNESP – Franca que se envolveram com o projeto, doando folhas e suas impressões no polo, tornando a manufatura da apostila possível.

Gostaríamos de agradecer também a Professora Fernanda Mello Sant’Anna que nos coordena e auxilia tão prontamente. Somos igualmente gratos pela ajuda do pessoal do polo, que nos atendeu extremamente bem e fez o possível para nos ajudar.

E, por fim, agradecemos aos cursinhos populares de Franca, Cursinho Popular UNESP Franca - S.E.U. que acreditaram em nosso projeto. Esperamos que lhes seja útil!

Quem somos?

O Grupo de Elaboração de Cenários Prospectivos é um grupo de estudos e extensão da UNESP - Franca. Nosso trabalho envolve pensar e elaborar possíveis futuros de um determinado tema. Acreditamos que “o futuro não se prevê, mas prepara-se”. Estamos sempre em contato com atualidades, por isso elaboramos o Manual do Mundo. Queremos poder espalhar um pouco do conhecimento que a universidade nos dá e ajudar de alguma forma a preparação daqueles que estão prestes a participar desse novo mundo.

Boa sorte em suas próximas escolhas!

Índice

Biologia	1
Busca Pela Cura do HIV.....	1
Garotinhas modificadas na China.....	2
Física e Química	4
Experimento brasileiro reverte fluxo de calor, questionando o sentido único do tempo.....	4
Observação de um buraco negro comprova teoria de Einstein 100 anos depois de sua elaboração.....	4
Política Internacional	6
Indicação de Eduardo Bolsonaro para embaixador do Brasil nos EUA.....	6
Formalização do acordo entre Mercosul e União Europeia após 20 anos de negociações.....	7
Conflitos Sectários no Iêmem.....	8
Conflito entre China e Hong Kong.....	9
coletes Amarelos.....	11
Brexit + Renúncia de Theresa May.....	12
Governo Trump e o Movimento “alt-right”.....	12
Sociedade	14
Reforma da Previdência.....	14
Racismos.....	15
População LGBTIQ+.....	16
Preconceito Linguístico.....	18
Visibilidade na Copa do Mundo Feminina e Feminismo.....	18
Valorização nacional: a linha entre o nacionalismo e o ultranacionalismo.....	20
Sistema prisional brasileiro.....	20
Saúde mental entre os jovens.....	21
Terapia do choque + abertura para internação compulsória.....	22
Efemérides	24
Ruanda e o genocídio de 1994.....	24
70 anos da OTAN.....	24
25 Anos do exército zapatista de libertação nacional.....	25
50 Anos da Chegada do ser humano à lua.....	26
25 anos da morte de tom jobim.....	27
25 anos do tetra.....	27

2ª guerra mundial:80 anos da maior letalidade da história.....	28
25 anos da morte de Ayrton Senna.....	29
100 anos da escola bauhaus.....	29
30 anos da queda do Muro de Berlim.....	30
50 anos de Woodstock.....	31
100 Anos de Eva Perón e peronismo na Argentina.....	32
100 anos do Tratado de Versalhes.....	32
250 anos do nascimento de Napoleão.....	34
500 anos da morte de Leonardo Da Vinci.....	35
Primeiro poço de petróleo no Brasil.....	37
150 Anos da Tabela Periódica.....	38
111 anos da Imigração Japonesa.....	39
25 anos de eleição de Mandela + 150 anos de nascimento de Gandhi.....	40
25 anos do Plano Real.....	41
Geografia + Meio Ambiente.....	43
Brumadinho e rompimento de barragens.....	43
Chernobyl: conflito entre versões estadunidense e russa sobre o maior acidente nuclear da história.....	43
Furacão em Moçambique.....	44
Meio Ambiente + Acordo Mercosul UE + Agrotóxicos.....	45
Segurança alimentar, Agrotóxicos e Saúde.....	45
Atualidades.....	47
Transparência de governo e imparcialidade da justiça.....	47
Columbine, Suzano e a discussão sobre posse de armas.....	49
A crise na Venezuela.....	50
Incêndios em Notre-Dame e em Museus Brasileiros.....	50
Os Apátridas de Myanmae: Rohingyas.....	51
Mobilidade Urbana.....	52
Morte de João Gilberto.....	53
O Descrédito da Ciência na Atualidade.....	54

Biologia

Busca Pela Cura Do HIV

A AIDS, sigla em inglês para a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida, é uma doença do sistema imunológico humano resultante da infecção pelo vírus HIV. A AIDS se caracteriza pelo enfraquecimento do sistema imunológico do corpo, o que deixa o organismo mais vulnerável ao aparecimento de doenças oportunistas que vão de um simples resfriado a infecções mais graves, como tuberculose ou câncer. O organismo humano reage diariamente aos ataques de bactérias, vírus e outros micróbios por meio do sistema imunológico. Muito complexa, essa barreira é composta por milhões de células de diferentes tipos e com diferentes funções, responsáveis por garantir a defesa do organismo e por manter o corpo funcionando livre de doenças.

Entre as células de defesa do organismo humano estão os linfócitos T CD4+, principais alvos do HIV. São esses glóbulos brancos que organizam e comandam a resposta diante de bactérias, vírus e outros micróbios agressores que entram no corpo humano.

O vírus HIV, dentro do corpo humano, começa a atacar o sistema imunológico ligando-se a um componente da membrana dessa célula, o CD4, penetrando no seu interior para se multiplicar. Com isso, o sistema de defesa vai pouco a pouco perdendo a capacidade de

responder adequadamente, tornando o corpo mais vulnerável a doenças.

Cientistas norte-americanos acreditam estar próximos de testar uma vacina contra o HIV em seres humanos após conseguirem bons resultados com uma versão atenuada da vacina em macacos rhesus. De acordo com um estudo publicado nesta quarta-feira (17) na revista "Science Translational Medicine", os pesquisadores conseguiram eliminar a presença do SIV (imunodeficiência Símia) nos primatas, uma versão do vírus HIV que infecta apenas estes animais.

A vacina é feita com uma forma comum do vírus da herpes, o citomegalovírus (CMV) modificado geneticamente para servir de vetor, empacotando o vírus enfraquecido da SIV. Os estudos registraram que 59% das cobaias foram imunizadas com sucesso pela vacina.

"Por meio deste método, fomos capazes de ensinar o corpo do macaco a preparar melhor suas defesas para combater a doença", explicou no comunicado Louis Picker, um dos autores do estudo. "Estamos esperançosos de que usar nosso vetor de CMV modificado com o HIV possa levar a um resultado similar em humanos."

Uma vacina para prevenir o HIV, que serviria para que o próprio sistema imunológico produza anticorpos que atuem contra o vírus causador da aids, pode estar disponível em quatro anos, de acordo com o infectologista e epidemiologista Jorge Sánchez. O imunizante será testado em oito países, entre eles o Brasil.

Durante a 10ª Conferência Mundial Científica sobre HIV (IAS 2019), realizada na Cidade do México, o vice-presidente do Centro de

Pesquisas Tecnológicas, Biomédicas e Ambientais de Lima, no Peru, afirmou que a vacina pode ser eficaz para várias cepas do vírus.

A ideia é que, com a nova ferramenta, seja possível frear pelo menos em 65% a propagação do HIV.

"A vacina tem insertos de várias partes que se assemelham a partes do vírus, portanto, a possibilidade de ser efetiva para diferentes cepas ou tipos de HIV é alta", explicou Sánchez, que é um dos pesquisadores do estudo.

O trabalho, chamado Mosaico, contará com pesquisadores do Instituto Nacional de Doenças Alérgicas e Infeciosas, os Institutos Nacionais de Saúde, a rede de Testes de Vacinas contra o HIV e o Comando de Pesquisa e Desenvolvimento Médico do Exército dos Estados Unidos.

Essa pesquisa, que começará em setembro, será realizada com 3.800 pessoas de Brasil, Argentina, Itália, México, Peru, Polônia, Espanha e Estados Unidos, em 55 clínicas ao redor do mundo. Os participantes serão homens que têm relações sexuais com homens e pessoas transgênero.

"Estamos motivados a desenvolver uma vacina efetiva contra o HIV em nível mundial para reduzir a trajetória das 1,5 milhão de novas infecções estimadas por HIV ao ano que estão ocorrendo", afirmou Larry Corey M.D., pesquisador principal da organização HIV Vaccine Trials Network, virologista e membro da Faculdade do Centro de Pesquisa Oncológica Fred Hutchinson, em Seattle.

O especialista explicou que metade dos pacientes receberá um placebo, e a outra

metade, a vacina dividida em quatro doses que contêm o adenovírus sorotipo 26, fornecendo antígenos contra o HIV. Esses antígenos servirão para ativar a resposta imunológica do indivíduo em relação ao vírus.

"Não é o vírus como tal, são pedaços de vírus modificados que identificarão o HIV e o combaterão para que não chegue a lugar algum do corpo", acrescentou Sánchez.

De acordo com Sánchez, a vacina já foi testada em alguns centros em fases prévias "e teve resultados sem maiores efeitos indesejáveis". O especialista afirmou que a vacina será uma ferramenta a mais para prevenir o HIV, e não substituirá outros métodos.

"Existem várias ferramentas para prevenir o HIV. Temos a camisinha há décadas, mas na implementação não é usada de maneira suficiente, e esta vacina seria uma ferramenta adicional", comentou.

Um homem no Reino Unido teve o vírus HIV eliminado do corpo desde seu tratamento de câncer. Um caso similar foi reportado por pesquisadores que trataram um paciente na Alemanha. Juntos, eles adicionaram evidências de que talvez seja possível curar-se do vírus HIV.

O vírus afeta as células do sistema imunológico, que, por sua vez, são feitas da medula óssea. Um homem conhecido como o "paciente de Berlin" foi a primeira pessoa a ficar livre do vírus do HIV depois do tratamento de câncer. O fato aconteceu em 2007. Para tratar sua leucemia – um câncer do sistema imunológico – o paciente recebeu um tratamento que envolvia matar quase todas suas células de imunidade com radioterapia ou

drogas e então as repor com as células de um doador. Este doador era naturalmente resistente ao vírus HIV, graças à rara, mas natural, mutação no gene chamada CCR5.

Desde então, ninguém mais teve o vírus HIV eliminado do corpo da mesma forma, até que um segundo caso fosse anunciado. Esta pessoa, conhecida como o "paciente de Londres", recebeu células da medula óssea de um doador com gene CCR5 como um tratamento para a linfoma Hodgkin's, outro câncer que afeta as células da imunidade. Ele foi avisado para parar de tomar os medicamentos antivirais que mantinha o vírus controlado após anos. Um ano e meio depois, o vírus não havia retornado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CURY, Maria Eduarda. Vacina contra HIV deve passar para a fase de testes clínicos. Exame (22/07/2019). Disponível em: <https://exame.abril.com.br/ciencia/vacina-contra-hiv-deve-passar-para-a-fase-de-testes-clinicos/>. Acessado em: ? de 2019.

O que é a AIDS? Grupo de Incentivo à Vida. Disponível em: <http://giv.org.br/HIV-e-AIDS/O-Que-%C3%A9-a-AIDS/index.html>. Acessado em: ? de 2019.

VACINA contra o HIV poderá entrar em fase clínica após testes em primatas. G1 (18/07/2019). Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/aids/noticia/2019/07/18/vacina-contra-o-hiv-podera-entrar-em-fase-clinica-apos-testes-em-primatas.ghtml>. Acessado em: ? de 2019.

WILSON, Clare. A third person may have become HIV-free after a bone marrow transplant. New Scientist (05/03/2019). Disponível em: <https://www.newscientist.com/article/2195780-a->

third-person-may-have-become-hiv-free-after-a-bone-marrow-transplant/?fbclid=IwAR1vbbyb9d6qakOTPyCIKzgfSjENPEwF-0w8OqXfGJaWP8cDBPqWeyAdAkA. Acessado em: ? De 2019.

Garotinhas Modificadas Na China

Em novembro de 2018, o cientista da Universidade de Shenzhen He Jiankui, se pronunciou alegando ter realizado modificações genéticas a partir da técnica de CRISPR nas gêmeas Nana e Lulu, filhas de um homem portador do vírus HIV. As modificações que teriam sido feitas por He tiveram como intenção prevenir que as garotas herdassem o vírus do pai, assim tornando-as imune a essa herança genética. Após esse incidente as autoridades chinesas já se manifestaram contra as supostas experiências de He, e atualmente ele se encontra desaparecido.

Primeiramente, por que não tomar as falas do cientista como absolutas verdades? Há certa descrença nos dados divulgados por ele pois os resultados da pesquisa não foram publicados em revistas nem periódicos científicos (pois assim toda a comunidade tem acesso aos métodos e assim avaliar os resultados). Outros pontos que corroboram é que o hospital HarMoniCare (situado em Shenzhen) o qual teria colaborado com o experimento de He realizou uma denúncia por fraude, e que as assinaturas de aprovação do comitê de ética parecem falsificadas.

Deixando essas considerações de lado, o que é o CRISPR/Cas9? É um novo método de edição

genética através de enzimas que se difere de métodos anteriores devido ao preço muito mais baixo e de menor tempo de experimentação. Inicialmente o processo foi observado em bactérias infectadas por um vírus (lembrando que os vírus se instalam nas bactérias, alterando o código genético dela assim utilizando sua estrutura para criar novos vírus, e que ao final a destrói), e no momento em que esse infecta o DNA da bactéria, ela armazena o código genético do vírus em uma área chamada CRISPR. A bactéria ao ser atacada por um novo fago que seu código genético já está registrado no CRISPR, envia a nuclase Cas9 (enzimas capazes de quebrar as ligações entre os nucleotídeos) que ao estar ligada a sequência do vírus, identificara tal código no DNA da bactéria e o removerá, assim protegendo a bactéria. Ou seja, através da manipulação desse processo, é possível remover partes do DNA assim o editando.

É possível discutir algumas questões éticas a respeito dessas possíveis experiências, e elas podem se dividir em principalmente duas coisas: eugenia e a vida das meninas em si. Sobre esse segundo ponto, muitas críticas vêm do fato de que não é certo que as garotas herdariam o vírus, ou seja, elas poderiam viver de forma saudável, além disso há tratamentos que permitem que pessoas infectadas pelo HIV possam ter vidas comuns. Além disso não se sabe ao certo quais as consequência futuras por causa da alteração genética feita pelo cientista, pois através do gene CCR5 algumas funções do sistema imunológico são determinadas, e o que He Jiankui fez foi “mutar” esse gene (pois é através dele que o HIV infecta o corpo), e isso

pode causar falhas no enfrentamento de outras infecções, como a gripe, e pessoas com mutações nesse gene possuem 20% a mais de chances de morrer antes dos 78 anos. Outro ponto a ser discutido é sobre eugenia, e o que é eugenia? O conceito criado por Francis Galton surgiu no século XIX influenciado pelas teorias provindas do darwinismo, e representa uma idéia de melhorar o ser humano através da manipulação genética (lembrando que isso pode ser feito através de métodos simples, como seleção artificial) e da eliminação daqueles não desejados, e um dos debates a respeito de edição genética em humanos é como isso pode favorecer o racismo, quando um casal decidir ter um filho e poder escolher a aparência do filho, escolherá um garoto de olhos azuis e cabelos lisos, ou de pele negra e cabelo crespo?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- "CRISPR/Cas9 e os bebês geneticamente modificados na ... - YouTube." 4 dez. 2018, <https://www.youtube.com/watch?v=GFzJALqr8RM>. Acessado em 12 ago. 2019.
- "CRISPR/Cas9, a revolução nas ciências biológicas ... - YouTube." 28 mar. 2017, <https://www.youtube.com/watch?v=78v72vfJdQY>. Acessado em 12 ago. 2019.
- "CRISPR DNA: China investiga suposta criação de ... - El Pais - El País." 28 nov. 2018, https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/27/ciencia/1543319568_118824.html. Acessado em 12 ago. 2019.
- "Com modificação genética em bebês, China criou ... - El Pais - El País." 27 nov. 2018, <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/11/26/ciencia/>

1543253567_659329.html. Acessado em 12 ago. 2019.

"Edição genética com CRISPR em bebês é proibida na China - StartSe." 21 jan. 2019, <https://www.startse.com/noticia/nova-economia/59916/edicao-genetica-com-crispr-em-bebes-e-proibida-na-china>. Acessado em 12 ago. 2019.

"A polêmica experiência de edição genética chinesa que pode ... - BBC." 3 jun. 2019, <https://www.bbc.com/portuguese/geral-48479434>. Acessado em 12 ago. 2019.

Física e Química

Experimento Brasileiro Reverte Fluxo De Calor, Questionando O Sentido Único Do Tempo

A produção de conhecimento na Física se estabelece em três grandes grupos, dependendo do tamanho (em nível de energia) do fenômeno estudado: quântica para coisas menores que átomos, mecânica newtoniana para coisas do nosso tamanho e relatividade para coisas muito grandes. O desafio da produção física contemporânea é estabelecer relações entre teorias e fenômenos que perpassem a realidade de forma mais ampla, usualmente pondo à prova leis amplamente verificadas de um nível de energia para fenômenos de outro. Foi isso o que cientistas da Universidade Federal do ABC (UFABC) fizeram com a entropia.

A segunda lei da termodinâmica, que diz sobre a entropia, estabelece um sentido único ao tempo dada a tendência dos sistemas irem ao caos espontaneamente. Isso também é corroborado pela naturalidade com que nossos olhos percebem uma bola saindo das nossas mãos e indo para o chão, e não o contrário. Pensado retroativamente, um sistema não entrará em equilíbrio sem a cessão de energia. O experimento explora a correlação quântica - estado em que partículas subatômicas se influenciam - entre átomos de carbono e hidrogênio, constitutivos do clorofórmio

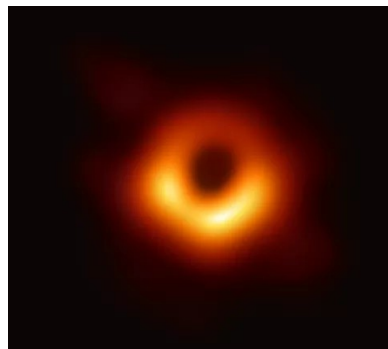
(CHCl₃), quando em um campo magnético muito forte. O resultado esperado seria a obtenção de um equilíbrio térmico entre a temperatura do carbono e do hidrogênio, mas o resultado obtido foi o contínuo resfriamento e aquecimento, respectivamente.

Portanto, os resultados demonstrados abrem um maior espaço para a compreensão do comportamento do tempo e como propriedades de outros níveis de energia podem ser instrumentais para esse avanço no conhecimento humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2018/01/1953556-brasileiros-conseguem-reverter-a-direcao-do-tempo-em-experimento.shtml>
<http://www.sbfisica.org.br/v1/home/index.php/pt/destaque-em-fisica/915-experimento-reverte-fluxo-de-calor-em-escala-atomica>

Observação De Um Buraco Negro Comprova Teoria De Einstein 100 Anos Depois De Sua Elaboração



O esforço de cientistas de 40 países, com 8 telescópios, possibilitaram pela primeira vez a observação de um buraco negro - corpo com grande força gravitacional que absorve toda a matéria que o cerca, característica que o nomeou - revelando um comportamento tal qual descrito pela formulação de Einstein da Teoria Geral da Relatividade (1915). A concepção einsteiniana assume que o espaço e o tempo são indissociáveis um do outro, formando, juntos, o tecido da realidade. Nessa teia do espaço-tempo, a gravidade poderia gerar “ondulações”, apresentando fenômenos não-previstos na Física Newtoniana como um corpo em que a energia e matéria entram e não saem integralmente. Nessa seara, gravidade é descrita como um corolário da ação-reação na formulação:

$$F = \frac{m + M}{d^2}$$

F: força gravitacional

M: massa do corpo 1

m: massa do corpo 2

d: distância entre os corpos

Outro grande físico teve sua teoria comprovada nessa observação experimental: Stephen Hawking. O cientista cuja vida inspirou o filme A teoria de tudo (2014) formulou que os buracos negros não eram absolutamente negros. Ele conseguiu articular a forma com a energia era “refratada” destes corpos na forma da Radiação de Hawking, da qual deriva o Teorema da Calvície (questionadora dessa teoria de Hawking), visto que essa radiação é

observada como os “cabelos” dos buracos negros.



Política Internacional

Indicação De Eduardo Bolsonaro Para Embaixador Do Brasil Nos EUA



O presidente Jair Bolsonaro anunciou o desejo de que seu filho Eduardo Bolsonaro, Deputado Federal pelo PSL-SP, ocupasse o cargo de Embaixador brasileiro nos Estados Unidos em Washington, considerada a posição de maior prestígio e importância estratégica. O filho do presidente havia acabado de completar 35 anos, idade mínima para exercer a função alguns dias antes do presidente fazer a declaração. Se a nomeação for realizada, ela deve ainda ser aprovada pelo senado em voto secreto. Esse fato causou grande alarde na população e até mesmo discussões de juristas para verificar-se se essa indicação pode ou não ser enquadrada no crime de nepotismo, conforme decreto da casa civil Nº 7.203, de 4 de junho 2010.

Histórico das Relações Exteriores

Historicamente as relações exteriores se iniciam da maneira como conhecemos hoje a partir da formação dos Estados-Nação, principalmente a partir do Séc XIV, a partir de quando se definem mais claramente as fronteiras e relações comerciais. Isso deveu-se a uma série de fatores, destacando-se o uso de uma moeda nacional, adoção de língua comum e centralização do poder em monarquias profundamente ligadas com a história dos países.

Nesse momento histórico os agentes das relações entre essas nações eram principalmente pessoas ligadas à elite real e a nobreza, com o objetivo maior de evitar a guerra entre eles, uma vez que as famílias reais de países diferentes competiam as coroas.

Esse cenário mudou a partir da Primeira Guerra Mundial e principalmente após o fim da Segunda, com a criação de organismos supranacionais como a Organização das Nações Unidas - ONU. A partir desse período os países foram pouco a pouco passando a formar e adotar corpos diplomáticos profissionais e de estado, ou seja, os diplomatas daí então seriam agentes do estado que não se ligam diretamente ao governo que ocupa a presidência.

Itamaraty

O ministério das Relações Exteriores do Brasil, Itamaraty, é internacionalmente reconhecido por formar os diplomatas brasileiros além de oferecer formação

complementar para quadros de embaixadores de todo o mundo.

Alguns nomes reconhecidos a ocupar o cargo foram Antônio Patriota (2007-2009), Luiz Alberto Figueiredo (2015-2016) e atualmente Sérgio Silva do Amaral (2016-2019). Todos diplomatas de carreira formados pelo Instituto Rio Branco e que já ocuparam ministérios, fatos que colocam em discussão a capacidade do filho do presidente em exercer o cargo, além de que em entrevista para a Fox News (emissora de TV americana) não demonstrou domínio formal do inglês, em dezembro do ano passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

"Eduardo Bolsonaro, um aspirante a embaixador ... - El País - El País." 28 jul. 2019, https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/22/internacional/1563822867_797050.html. Acessado em 12 ago. 2019.

"Quem foram os embaixadores do Brasil nos EUA ... - Estadão - Política." 12 jul. 2019, <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,quem-foram-os-embaixadores-do-brasil-nos-eua-desde-a-redemocratizacao,70002920138>. Acessado em 12 ago. 2019.

<https://www.youtube.com/watch?v=dYmhDXrE5tw&t=78s>

Formalização Do Acordo Entre Mercosul E União Europeia Após 20 Anos De Negociações

Foi firmado no dia 28 de junho de 2019 o tão discutido acordo entre o Mercosul e a União Europeia, durante a 14ª cúpula do G-20¹ em Osaka, Japão. O acordo, cujas negociações se iniciaram em 1999, prevê medidas que prometem modificar a dinâmica comercial entre os dois blocos, que juntos representam 25% do Produto Interno Bruto Mundial. Entre os principais pontos do acordo estão reduções tarifárias de bens e serviços, flexibilizações burocráticas para o comércio e alinhamento de regulamentações para o comércio, medidas sanitárias e propriedade intelectual.

Para compreender – Mercosul

O Mercado Comum do Sul foi firmado em 1991 e é constituído por quatro dos países do Cone Sul: Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai (a Venezuela encontra-se atualmente suspensa e a Bolívia ainda aguarda sua formalização como membro efetivo). Caracteriza-se como uma União Aduaneira, ou seja, uma área de livre comércio (com ausência ou diminuição de tarifas para os bens e serviços comercializados entre os países da União). Assim, há o estabelecimento de uma Tarifa Externa Comum para todos os produtos comprados pelas nações do bloco.

O Mercosul é atualmente um dos principais instrumentos de integração entre os países sul-americanos e é de grande importância aos interesses brasileiros, tanto como espaço de

escoamento aos produtos nacionais quanto como canal de diálogo político e econômico com outros grandes blocos.

União Europeia (UE)

A União Europeia é uma união política e econômica instituída em 1993 e é composta atualmente por 28 países europeus. Dentre suas principais características estão o estabelecimento de um mercado comum, de um espaço de livre circulação de pessoas entre suas nações (conhecido como espaço Schengen) e de uma união monetária através da utilização do Euro, que abrange a maioria de seus países.

Principais pontos do acordo entre o Mercosul e a União Europeia

Em relação às reduções e eliminações tarifárias, o acordo prevê que elas se façam de maneira gradual, com prazos de 0 a 15 anos dependendo do setor dos bens e serviços a serem comercializados. Assim, estipula-se que a UE dará preferência e concederá facilidades à entrada de produtos agrícolas do Mercosul (entre eles café, frutas, peixes, entre outros) que terão suas linhas tarifárias reduzidas em 92% para o mercado europeu.

Para produtos industrializados, a UE promete reduzir suas tarifas de importação em 100% ao Mercosul, que por sua vez liberalizará em 92% as linhas tarifárias para recebê-los. Outros setores a terem suas linhas tarifárias a serem eliminadas pelo Mercosul são o automotivo, o de produtos químicos e produtos farmacêuticos, que agora terão mais facilidade em adentrar o mercado sul-americano.

Regulamentações sobre comércio, propriedade intelectual e medidas de proteção sanitária também devem ser definidas e alinhadas. O acordo também reserva o direito dos países ao “princípio de precaução”, caso percebam algum tipo risco à saúde humana, animal e vegetal através dos produtos em comércio.

Entrada em vigor e perspectivas

Assim que assinado, o documento deverá passar pelos processos internos de seus países para poder ser ratificado, com prazo para entrada em vigor de 2 a 3 anos. As perspectivas em relação ao acordo são mistas. Os presidentes do Brasil e da Argentina, Jair Bolsonaro e Mauricio Macri receberam a notícia com alegria, considerando que trará benefícios às economias sul-americanas.

De outro lado, as críticas tecidas ao acordo são de que ele impedirá o desenvolvimento de setores nacionais como o da indústria e do aço, que não teriam espaço para crescer em um Mercosul inundado de produtos europeus. Além disso, considera-se que o Mercosul, mais fraco politicamente que a União Europeia, não terá grande poder de barganha com ela, ficando assim fragilizado.

Notas

1. Grupo formado pelos líderes das 19 maiores economias do mundo mais a União Europeia. Em suas cúpulas, discutem questões como economia, comércio, meio ambiente, entre outros.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acordo de associação Mercosul – União Europeia. Ministério das Relações Exteriores, 2019. Disponível em:
<http://www.itamaraty.gov.br/images/2019/2019_07_03_-_Resumo_Acordo_Mercosul_UE.pdf>
Acesso em 08/08/2019

Mercosul e União Europeia selam esperado acordo após 20 anos de negociações. El País, 2019. Disponível em:
<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/28/economia/1561741745_016799.html> Acesso em 08/08/2019.

Conflitos Sectários No Iêmen



Os conflitos sectários são possivelmente os tipos de combates mais retratados pela mídia e livros em todo mundo. Esses tipos de atritos tratam de visões estreitas a ideologias ou seitas, que fazem os indivíduos terem noções fechadas ao questionamento. Vale ressaltar que, embora possa ter uma conotação religiosa, o sectarismo também diz respeito à política e à filosofia.

O Oriente Médio é um dos continentes que mais passam por esse tipo de embate. O fundamentalismo, por exemplo, acaba tornando-

se um cerne dos problemas que fazem grupos rivais constantemente se chocarem na região e, quando a população encontra-se no meio disso, catástrofes tendem a acontecer. Um exemplo é o Iêmen.

Iêmen: a guerra esquecida

Antes de mais nada, é de suma importância não tomar causas religiosas como únicos fatores para entender muitos conflitos que ocorrem no mundo, especialmente no Oriente Médio. Dito isso, para entender Iêmen precisa-se ter em mente duas coisas: a histórica rivalidade entre sunitas e xiitas e a localização estratégica do país.

Quando Maomé morreu, o poder religioso, militar e político árabe passou a ser exercido por um califa, ou seja, um líder com poderes absolutos. Os quatro primeiros califados eram governados por familiares de Maomé (Haxemitas). Quando Ali, o último desses quatro califas, foi assassinado, o califado foi passado para a dinastia Omíada. A maioria dos muçulmanos aceitou a mudança, mas houve quem só visse nos descendentes de Ali como a verdadeira linhagem merecedora do califado. Ocorreu então uma cisão, evento esse que dividiu os sunitas (maioria) e os xiitas (tradicionalistas), grupos que atritam entre si até os tempos atuais.

Quanto a localização do Iêmen, o país do sul da Península Arábica carece de recursos materiais que aumentariam o interesse de outros países nele. No entanto, ele encontra-se no estreito de Bab el-Mandeb, acima do chifre africano. É uma região que dá acesso ao Mar

Vermelho que, por sua vez, é o portão de entrada para o Canal de Suez, o caminho mais curto que o petróleo (grande parte produzido na região do Golfo Pérsico) tem para chegar à Europa e, até, para os Estados Unidos. Assim, quem controla o Iêmen, controla parte da entrada e saída do petróleo para o Ocidente.



O conflito iemenita inicia-se em 1978, quando Ali Abdullah Saleh assume o poder no Iêmen do Norte e permanece até a reunificação do país em 2011. Seu governo foi marcado pela corrupção e, por consequência, muitos grupos insurgentes tentaram derrubar seu regime. Um desses grupos era chamado de Houthís, movimento político e religioso da vertente xiita.

Paralelamente, em 2011, na Tunísia, eclode a Primavera Árabe: uma onda revolucionária popular que se disseminou pelos países do mundo árabe, a favor da democracia e da derrubada dos regimes ditatoriais. Um acordo, então, foi selado entre Saleh e seu vice, Abd Rabbuh Mansur al-Hadi, para que o primeiro deixasse o governo em detrimento do segundo, a

fim de que as exaltações fossem acalmadas, seja por parte das revoltas árabes ou por parte dos anseios dos Houthís, bem como evitar o risco da entrada de grupos terroristas no país.

Tal objetivo, contudo, não foi realizado com sucesso e, em 2014, os Houthís aumentam suas atividades a ponto de tomar a capital do país, Sana'a, e um ano depois, tomam grande parte do poder de al-Hadi ao forçá-lo a fugir do Iêmen. Começa, então, um temor de que os Houthís assumam controle de todo o país e uma coalizão é formada entre Arábia Saudita, Emirados Árabes Unidos, Marrocos, Egito e Bahrein: nações sunitas, defensoras da volta do antigo governante iemenita visto a posição do país na Península Arábica.

Esses aliados a al-Hadi começaram, desde então, a atacar pontos da estrutura Houthís, porém, Irã e o grupo libanês Hezbollah, ambos xiitas, declararam apoio aos insurgentes, fazendo o mesmo com as áreas nas quais al-Hadi ainda governava. A partir de então, o povo do Iêmen começa a ter graves sequelas do conflito direto que se desencadeou no país.

Foi quando em 2017 a crise humanitária agravou-se. No início desse ano, aliados aos Houthís atacaram a capital da Arábia Saudita, acarretando sanções econômicas ao Iêmen. A falta de abastecimento de alimentos e remédios, aliada a altas taxas de desemprego e custo de vida alçaram o país a um estado de calamidade humana.

Segundo o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários (OCHA):

-22 milhões precisam de ajuda humanitária

-8,4 milhões não sabem onde irão encontrar a próxima refeição

-16 milhões sem água potável e saneamento

-500 mil crianças menores de 5 anos estão desnutridas

-3 milhões de pessoas deslocadas da região

-Mais de 1 milhão já sofrem com cólera ou diarreia

-A cada 10 minutos uma criança morre por causas evitáveis

Apesar desses números mostrarem que o conflito tomou proporções aterradoras para o povo do Iêmen, a mídia internacional não anda relatando o conflito de forma abrangente. Por isso muitos estão chamando essa, que é considerada, pela ONU, a pior crise humanitária da história, de “guerra esquecida”.

Conflito Entre China E Hong Kong

Desde que se tem notícia, a ilha de Hong Kong foi um território que pertenceu à China. Isso, no entanto, mudou no século XIX: empreitadas imperialistas durante a Era Vitoriana fizeram com que a ilha fosse para as mãos dos ingleses – como consequência da famigerada Guerra do Ópio.

No início do século XIX, enquanto os países europeus passavam pela Segunda Revolução Industrial, a Ásia evoluía no seu próprio ritmo. O Império Chinês já comercializava com países estrangeiros, mas com diversas restrições que visavam proteger sua cultura e o comércio local. Enquanto a Inglaterra comprava seda chinesa aos montes, os chineses mal consumiam as bugiangas britânicas.

Diante disso, o governo inglês, reagindo às medidas protecionistas, resolveu explorar um produto pelo qual os chineses demonstravam grande interesse: o ópio. Mesmo ilegal, o comércio desse entorpecente da papoula para o mercado chinês trazia um grande lucro para a Inglaterra, que chegou a exportar ilegalmente toneladas de ópio. O incentivo fez a droga começar a virar uma epidemia no país asiático. O governo chinês, claro, não gostou nada daquilo e, como resposta, mandou destruir carregamentos de ópio ingleses em 1839. Os britânicos levaram o episódio como uma ofensa, e ordenaram uma invasão armada à China. Após anos de conflito, a guerra cessou em 1842, com a assinatura do “Tratado de Nanquim”. O documento obrigou os chineses a conceder todos os desejos da Inglaterra: abrir vários portos ao comércio britânico, pagar uma indenização elevada e – o mais importante para nós no momento – entregar a ilha de Hong Kong aos imperialistas.

A partir disso, Hong Kong virou um grande centro comercial, um polo puramente inglês no meio da Ásia, que facilitava as transações econômicas dos britânicos. Em 1898, após a Inglaterra prestar favores à China, o país asiático acabou arrendando a ilha por mais 99 anos ao governo britânico.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a ilha ainda passaria um período sob o controle do Japão, quando virou praticamente um centro militar. Em 1945, com a rendição japonesa, a Inglaterra reassumiu o controle.

Após a guerra civil entre nacionalistas e comunistas na China continental, uma grande onda de chineses refugiados foi para Hong

Kong após a vitória comunista, em 1949. Com uma enorme mão de obra barata e iniciativas estrangeiras, Hong Kong cresceu e se tornou uma das regiões mais ricas e produtivas da Ásia já na década de 70. A preferência por focar toda sua produção no mercado exterior elegeu a ilha como um dos poderosos “Tigres Asiáticos”.

Toda essa abertura ao capital do ocidente, no entanto, poderia estar com os dias contados. Em 1997 acabariam os 99 anos acordados, e o território de Hong Kong seria impreterivelmente devolvido à China. Para evitar que os avanços nas relações comerciais fossem prejudicados – na visão dos britânicos – sob as rédeas do regime comunista, a Grã-Bretanha iniciou, em 1982, conversas com a China sobre o futuro da ilha.

Ao final de várias negociações, em 1984, os dois países assinaram uma declaração conjunta que transformou o território em ‘Região Administrativa Especial chinesa’ a partir de 1997. A China prometeu que o seu sistema econômico socialista não seria aplicado a Hong Kong – sob a política “um país, dois sistemas”. As liberdades civis e o sistema jurídico do território serão mantidos intactos por 50 anos (até 2047), mas não o sistema político.

Para garantir a soberania chinesa sobre a ilha, Pequim ficou encarregada de escolher o novo governador do território e indicar os representantes de uma futura Assembleia Legislativa, que não seria mais eleita pelo voto direto.

Apesar de estar sob o domínio chinês, Hong Kong é um mundo à parte. Enquanto a língua oficial da China é mandarim, a ilha capitalista fala majoritariamente inglês (herança da

colonização britânica) e cantonês (falado também na província de Guangdong). O território tem sua própria moeda, o ‘dólar de Hong Kong’, que mantém uma paridade fixa com o dólar americano. Os cidadãos da ilha se orgulham de seu sistema de leis, bem parecidas com as leis britânicas, e Hong Kong emite até seu próprio passaporte.

Apesar da grande liberdade, os benefícios da “Lei Básica” – espécie de constituição que garante toda essa autonomia a Hong Kong – não bastam para pessoas que cresceram com uma noção de mundo bem diferente. Os jovens, sobretudo, querem ainda mais autonomia. Até por isso, a maioria dos cidadãos locais de lá não se identifica como chinesa.

Na contramão, a China também quer mais controle sobre a ilha. Toda essa onda de protestos teve como estopim a “lei de extradição”, exigindo que alguns criminosos da ilha sejam julgados na própria China continental. O problema é que a jurisdição dos dois locais é totalmente diferente.

A polêmica proposta de lei entrou em pauta após o caso de Chan Tong-kai. Nascido em Hong Kong, ele é suspeito de ter assassinado a namorada enquanto os dois estavam de férias em Taiwan. Tong-kai acabou sendo capturado em Hong Kong, mas o território não sabia de que forma o extraditar para ser julgado.

A complexidade do caso se dá pois Hong Kong oficialmente pertence à China, que não reconhece o governo de Taiwan – considerado uma “província rebelde” de seu território. Por isso, a ilha e a província não possuem nenhum acordo formal de extradição. Aproveitando o caso, Carrie Lam propôs um projeto de lei que

previa extradições de Hong Kong para a China continental em alguns casos específicos, como acusados de crimes de estupro e assassinato.

Os cidadãos, no entanto, viram a lei como uma invasão. O temor é que a população de 7,3 milhões de habitantes fique à mercê da justiça chinesa, pouco transparente na visão de culturas mais ocidentalizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LUISA, Ingrid. O que querem os manifestantes de Hong Kong, afinal?. Superinteressante (06/08/2019). Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/o-que-querem-os-manifestantes-de-hong-kong-afinal/>. Acessado em: 06 ago. 2019.

Coletes Amarelos



No dia 17 de novembro nasce um movimento nas ruas de Paris, capital francesa, caracterizado como “Coletes Amarelos”. Esse movimento se iniciou com o protesto de cerca de 280 mil pessoas na Champs Elyseé em que a principal pauta de reivindicação dos manifestantes era com relação ao preço dos combustíveis que subiu 23% em um ano até outubro de 2018.

Em 2014, o presidente da França, François Hollande anunciou um plano para reduzir a emissão de gás carbônico, aumentando os impostos sobre os combustíveis e usando os recursos arrecadados para bancar os projetos ambientais e fomentar pesquisa em novas atrizes energéticas. Em seu plano, o aumento das tarifas deveria ser aplicado de forma escalonada e progressiva. Dessa forma, Emmanuel Macron, atual presidente da França, precisou arcar com as consequências políticas e econômicas de tais medidas. No momento em que os protestos estouraram, os impostos representam cerca de 60% do preço dos combustíveis na França. Durante a onda de protestos, os manifestantes chegaram a despejar esterco no palácio do governo para mostrar o descontentamento para com medidas tão impopulares. As reações às

manifestações tiveram às vezes caráter passivo e outras vezes foram duramente reprimidas nas ruas, deixando uma série de feridos.

As redes sociais são as ferramentas usadas para organizar o movimento. Em sua maioria, o movimento é composto por pessoas que vivem em cidades espalhadas no interior da França, que se sentem abandonadas economicamente e politicamente e acabam sentindo mais o fardo dos aumentos dos impostos. Outra característica do movimento é que não existem líderes para que possam negociar e apresentar pautas concretas. Assim, se tornam pouco compreensíveis suas reivindicações, visto que apesar de todos clamarem pela diminuição dos combustíveis, há uma série de outros motivos pelos quais as pessoas estão indo às ruas. Há pessoas que estão no movimento pedindo por menos desigualdades e outras pela renúncia de Macron.

Tendo em vista que o movimento não tem um caráter ideológico bem definido, partidos políticos da esquerda e da direita já se uniram e apoiaram o movimento para se beneficiar do caos em que o país se encontra. Marine Le Pen, líder da extrema direita e Jean-Luc Mélenchon, líder da coligação de esquerda França Insubmissa já se manifestaram a favor dos manifestantes e tentam ganhar força neste cenário.

Em abril de 2019 o presidente apresentou algumas medidas que espera atender à população. Uma delas é a redução de impostos para a classe média e aumento de pensões, e a outra é a simplificação das regras dos referendos para que a população possa se sentir mais envolvida no processo democrático. Apesar de

ter apresentado tais reformas, o presidente rechaçou algumas reivindicações dos coletes amarelos, como por exemplo a reintrodução do imposto sobre fortunas (ISF), alegando não ser necessário aumentar os impostos de ricos, mas sim diminuir da classe média.

A questão agora é ver se as medidas propostas irão aliviar a fúria social que ameaçava o governo de Macron ou se o movimento foi apenas o início de uma onda de movimentos populares.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Acesso em 3 de agosto

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2018/11/27/Quem-s%C3%A3o-os-coletes-amarelos-que-protestam-na-Fran%C3%A7a>

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/25/internacional/1556193369_791913.html

<https://www.youtube.com/watch?v=rDksnoXf0Nw>

v=rDksnoXf0Nw

Brexit + Renúncia De Theresa May

O tema sobre o Brexit, que é a saída do Reino Unido da União Européia (a junção das palavras inglesas British e Exit) iniciou-se em junho de 2016, quando em um plebiscito realizado no país, os eleitores votaram pela saída do reino do bloco. A saída foi estabelecida para acontecer em 29 de março de 2019, mas devido a não aprovação de um acordo até essa data, e também ao medo de haver uma saída sem acordo, o prazo foi prorrogado até 31 de outubro deste ano.

Há alguns motivos principais dos britânicos terem votado a favor da saída, entre eles, se destacam os argumentos que políticos a favor da saída colocavam de que o Reino Unido gastava muito dinheiro com o resto da Europa, e que as potências econômicas como França e Reino Unido “bancavam” países mais pobres como Portugal e Grécia. Outra questão importante foi a narrativa de que o país estava perdendo o controle sobre suas fronteiras e muitos imigrantes, representando um potencial risco à segurança nacional estavam entrando no Reino Unido,. Um outro ponto é que o Reino Unido nunca foi tão ligado à Europa, exemplo disso é o fato do país nunca ter implantado o Euro como moeda corrente interna.

O primeiro ministro britânico na época do plebiscito, David Cameron, não era um apoiador do Brexit, e após os resultados renunciou o seu cargo, e então foi eleita Theresa May como a nova premier, em julho de 2016. Ao longo desses últimos anos, alguns acordos foram feitos para negociar a saída do país do bloco, mas

todos não têm sido aprovados pelo parlamento britânico.

Há algumas questões bem sensíveis para se negociar esse “divórcio”, dentre elas podemos citar a fronteira entre as duas Irlandas (a Irlanda do Norte, a qual faz parte do Reino Unido, e a República da Irlanda, um país independente que faz parte da União Europeia), já que uma fronteira rígida não é desejada por nenhum dos lados, mas é complicado estabelecer os termos legais para isso, e de forma similar acontece em Gibraltar um pequeno território britânico ao sul da Espanha. Outros pontos espinhosos estão relacionados às novas regulações para as relações de trabalho entre residentes europeus no país e o contrário, além de como serão as novas regulações para empresas britânicas que antes estavam ligadas às regulações europeias.

Em meio a toda essa dificuldade da criação de um acordo e da aprovação do parlamento, em 24 de maio Theresa May renunciou o cargo de primeira ministra, e então houveram novas eleições internas nas quais é eleito Boris Johnson, um político do partido Conservador que é um grande apoiador do Brexit, ou seja, situação que desfavorece um novo referendo. É dito que com ele como chefe de governo as chances do parlamento aprovar o acordo é maior, mas ainda assim é possível haver uma saída sem acordo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

"8 razões pelas quais os britânicos votaram pela saída da União ... - BBC." 24 jun. 2016, <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-36609225>. Acessado em 8 ago. 2019.

"O que é o Brexit? Entenda a polêmica ..." 29 mar. 2019,

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46335938>. Acessado em 8 ago. 2019.

"O que a renúncia de Theresa May significa para o brexit - Folha - Uol." 24 mai. 2019, <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/05/o-que-a-renuncia-de-theresa-may-significa-para-o-brexit.shtml>. Acessado em 8 ago. 2019.

Governo Trump E O Movimento “alt-right”

No dia 20 de janeiro deste ano marcam dois anos da eleição do milionário republicano Donald Trump nos Estados Unidos. Dois anos de um nacionalismo marcante, demonstrado na política externa provocativa e na administração interna autoritária, conduta estampada no slogan de governo “America First” (América primeiro).

Apesar de ter tido uma campanha eleitoral barulhenta em 2017, Trump não consolidou suas piores ameaças. Ainda que seu discurso apresente um caráter nacionalista ligado ao imperialismo, as tarifas protecionistas de 45% sobre produtos chineses e a saída do NAFTA, medida das quais falava enquanto candidato, não foram concluídas.

Um dos pontos mais marcantes da política do 45º presidente dos EUA é a radicalização da agressividade imperialista no país, isto é, tem-se um modus operandi cujo maior objetivo é que o resto mundo possa se dobrar, ainda mais, aos interesses norte-americanos. Ou seja, em dois anos de governo, Trump apresentou uma conduta que visa fazer pressão em favor de seus

interesses, como, tratados comerciais mais favoráveis aos Estados Unidos, desregulamentação ambiental de fluxo de capitais que beneficiam os investimentos do país, entre outras ações que, em conjunto, fazem a manutenção do sistema capitalista de forma que beneficie as grandes corporações norte-americanas.

Sob este prisma, nota-se uma crescente tendência conservadora nos Estados Unidos e na Europa, o movimento denominado “alt-right”. Essa fração da extrema direita refere-se à disposição de defesa de discursos de ódio em rejeição ao conservadorismo clássico, ou seja, essas pessoas militam em favor dos brancos, do sexismo, do antissemitismo e do conspiracionismo, sendo contra a imigração e a inclusão dos imigrantes. Durante e após a eleição presidencial americana de 2016, o termo ganhou crescente difusão, gerando considerável controvérsia na mídia.

O termo “alt-right” foi criado por um nacionalista branco chamado Richard Spencer, diretor do National Policy Institute. De acordo com Spencer, o movimento é dedicado à herança, identidade e o futuro das pessoas com descendência europeia residentes dos Estados Unidos. Outra figura de grande importância no movimento, Jared Taylor, explica bem seu cerne: “qualquer tentativa de criar uma sociedade onde a raça dos indivíduos não importe no funcionamento da mesma, irá falhar”.

A maioria apoiou Donald Trump durante a campanha presidencial e continua a respaldá-lo. Eles acham que o magnata constitui um progresso extraordinário e que sua política vai

na boa direção. Eles sustentam principalmente sua política de imigração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

“The Economist: O governo de Trump é tão ruim como se pinta?” - Estadão 14 jan. 2018 <<https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,the-economist-o-governo-de-trump-e-tao-ruim-como-se-pinta,70002149602>> Acesso em: 05/08/2019

OPERA MUNDI - “20 minutos - O que fez Donald Trump em um ano de governo?” (2018) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q4oXn4R_drM> Acesso em: 05/08/2019

TRADUTORES DE DIREITA - “O que é a Alt-Right - Prager U” (2017) Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iVPgH1EVb1g>> Acesso em 07/08/2019

“Com Trump, grupos de extrema direita se multiplicam” - Carta Capital 27 nov. 2017 <<https://www.cartacapital.com.br/mundo/com-trump-grupos-de-extrema-direita-se-multiplicam/>> Acesso em: 07/08/2019

Sociedade

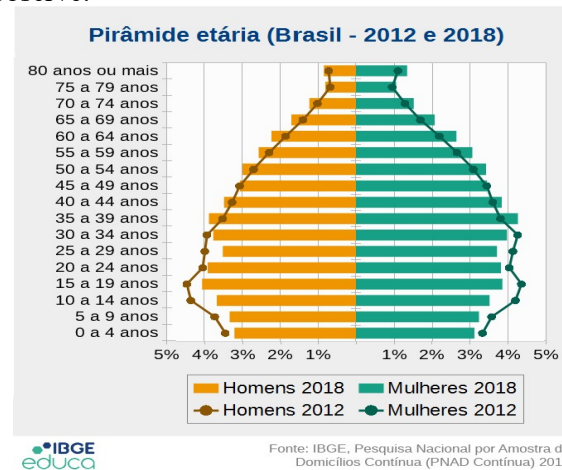
Reforma Da Previdência

No dia 7 de Agosto de 2019 a câmara dos Deputados aprovou o texto principal da reforma da previdência.

A previdência é, idealmente, projetada para a resolução e manutenção da sustentabilidade dentro do sistema visando o futuro. Esse sistema é chamado de repartição, onde as pessoas que trabalham formalmente contribuem e as que se aposentaram recebem. Diferentemente do sistema de capitalização, onde cada pessoa faz uma poupança individual para sua aposentadoria no futuro. O risco para esse tipo de sistema é considerado grande em comparação ao sistema de repartição.

O sistema de previdência público, de repartição, necessita de um equilíbrio entre a quantidade arrecadada, por pessoas trabalhando e a quantidade de pagamento aos que se aposentaram. Quando há um desequilíbrio nessa relação, geralmente, se realiza a reforma da previdência. A expectativa de vida sobe, ou melhor, a expectativa sobrevida, que diz respeito ao tempo de vida do cidadão após o momento da aposentadoria que irá ser pago o benefício, juntamente com a diminuição de contribuição, reflete massivamente neste equilíbrio. O Brasil possui um sistema de saúde bem mais eficiente do que outros países do mundo, isso contribui para a melhora da

qualidade de vida da população e estimula a expectativa de vida dos idosos, fato extremamente positivo. Entretanto, quando a taxa de grupos etários mais jovens não acompanha, é gerado um desequilíbrio também. Dados do IBGE demonstram a relação da pirâmide etária brasileira de 2010 à 2018, observe:



Atualmente, o contexto em que vivemos remonta a um déficit na previdência, influenciado pelo alto índice de desemprego, há cerca de 13,4 milhões de desempregados no Brasil atualmente, baixo crescimento econômico, reflexos da crise econômica que ainda estamos vivendo.

A idéia é que a reforma da previdência não deveria ser empregada com base no instante, no seu déficit atual e para quitar as demandas fiscais conjunturais. Mas deveria se pensar nas questões estruturais que a influencia, como por exemplo o desemprego elevado.

Quando se têm um alto grau de desemprego, consequentemente há uma diminuição na

contribuição para o sistema de previdência, reduz a arrecadação de impostos e não estimula a economia, já que, há menos dinheiro para os cidadãos desestimulando seu poder de consumo. Além da falta de emprego, o Brasil ainda enfrenta a grande presença de trabalhos informais, que não possuem registro em carteira, o que inviabiliza as contribuições e não garante por lei que aquele trabalhador possa obter a aposentadoria futuramente.

Geralmente, as pessoas que estão nos empregos informais são a população mais pobre. Consequentemente, essas pessoas não conseguem se aposentar por tempo de contribuição, que atualmente é de 30 anos para as mulheres e 35 para os homens, por não possuírem registro e acabam aderindo a segunda forma possível para se aposentar no Brasil. Sendo ela por idade, necessariamente 60 anos para mulheres e 65 anos para homens.

Há três formas que o governo pode utilizar para ajustar a relação do sistema de aposentadoria. Sendo elas: o adiamento da aposentadoria, aumentando a idade mínima para que as pessoas recebam por menos tempo o benefício; a redução do valor do benefício para os aposentados; e o aumento do valor de contribuição para as pessoas que estão na ativa.

Portanto, é necessário levar em consideração a desigualdade social quando se elabora a reforma da previdência, estudar as classes que compõe cada grupo e como cada medida adotada irá influenciar a vida da população brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18318-piramide-etaria.html>

<https://www.inss.gov.br/beneficios/aposentadoria-por-tempo-de-contribuicao/>
<https://www.inss.gov.br/beneficios/aposentadoria-por-idade/>

Ref e indicação:

<https://www.youtube.com/watch?v=fjLTFh4OA3k&feature=youtu.be>

Live Reforma da Previdência por Laura Carvalho.

Racismos

O termo “racismo” é muito comum aos ouvidos de qualquer cidadão brasileiro. Isto porque vivemos em uma sociedade composta em sua maioria por pessoas de pele preta. Há discussões sobre os limites desta afirmação, tendo em vista que parte da população se considera parda e nem todos entendem que pardos são negros.

De todo modo, o racismo contra o povo preto é real e atinge as pessoas em todas as direções. É uma característica fundante de nossa sociedade, visto que esta foi construída pelas mãos de homens e mulheres escravizados há mais de 500 anos. Este tipo de racismo é estrutural e institucional, de modo que pode ser observado tanto em falas e comportamentos de pessoas em relação à outras, como também pode ser assistido das mais diversas - e sutis - formas.

Este tipo de racismo encontra suas bases em conceitos ditos científicos, pensados e aprofundados para justificar a utilização de

vidas negras como capital e força de trabalho. Acreditou-se, em um longo período da história, que pessoas pretas não tinham alma, nem inteligência, além de só terem força física e, por isso, serem perfeitamente utilizáveis para o trabalho. Instituições como a Igreja reforçaram e reafirmaram tais crenças, perpetuando estas práticas.

Não obstante, no século passado, em tempos de teorias como a da eugenia e do determinismo social, que afirmavam que existiam raças geneticamente superiores à outras que poderiam se sobrepor e dominar as demais, os negros foram novamente “desfavorecidos” pela ciência.

Os resultados deste tipo de construção do conhecimento são profundos e visíveis em qualquer sociedade que se baseou em regimes escravocratas: grande parte da população carcerária, pobre, órfã e etc é preta. O governo brasileiro, por exemplo, tenta remediar ou consertar este passado por meio de políticas públicas muito discutidas (como as cotas), que não têm muito êxito.

Diante do contexto político em que vivemos, em termos de política internacional inclusive, faz-se necessário discutir outros tipos de racismos que têm sido comuns. No caso da sociedade brasileira, os indígenas têm sido alvo desta prática, muito pelo fato de indígenas terem formas distintas de viver (em comparação com o modo como o mundo ocidental compreende ser “normal”).

Discursos comuns, advindos inclusive de governos, colocam os indígenas (chamados “índios”) como pessoas não dispostas ao trabalho, que querem usufruir dos “benefícios dados pelo governo” e que não contribuem em

nada para o desenvolvimento econômico e social do Brasil. Há também a ideia de que os indígenas não são brasileiros - não são coisa alguma - e que, se quiserem ser, devem fazer parte do modus operandi da sociedade.

Acontece que, embora de fato vivam e se relacionem com a vida de forma muito distinta daquela vivida pelo homem ocidental em estado puro, os indígenas são da mesma raça que qualquer outro ser humano. Isto é, são subjugados e condenados às mais diversas doenças e desolações, assim como ocorreu e ocorre com os povos pretos. Esses povos foram os primeiros nativos desta terra chamada América e foram os primeiros a serem comercializados e escravizados, além de terem tido sua história apagada da História da humanidade.

Diante disso, o racismo contra os povos indígenas também decorre de uma construção cultural e do saber científico, que os marginaliza e diminui há séculos. Hoje, o que se vive no Brasil, nas discussões sobre demarcações de terras indígenas, por exemplo, é resultado desta construção histórica entrando em choque com a resistência destes povos, que ainda existem e urgem por visibilidade e respeito aos seus mais básicos direitos.

Esta análise do preconceito sofrido por indígenas como sendo uma categoria de racismo se refere ao que os próprios povos reconhecem sobre a construção de sua identidade. A identidade indígena - que não é uma só, mas remonta a uma história racial e social - também sofreu o apagamento de milhares de povos, ritos, traços culturais, línguas, práticas medicinais e cultura da terra.

Os indígenas brasileiros podem ser nordestinos, sulistas, médicos, professores, advogados, etc, sem deixarem de ser indígenas. Assim como o podem os negros. Deste modo, a categorização se aproxima, apesar de afetarem identidades diferentes.

Esta é uma questão muito profunda que perpassa as mais diversas categorias de análise tanto das Ciências Humanas, como das práticas culturais, sociais e políticas fundantes de qualquer país. Assim, é um assunto a ser abordado e discutido incansavelmente, pois as variáveis são muitas e demandam muita atenção.

Há ainda outros racismos possíveis, mas na sociedade brasileira estes são os mais discutidos e urgentes. Adverte-se que para caracterizar alguma prática como racista, deve-se remontar às suas origens e visar compreender as condicionantes de tal prática. Aqui, fala-se sobre povos e identidades que foram e são subjugadas há séculos por meio de práticas estruturais e institucionais que não se modificam e não permitem que esta conjuntura seja rompida. Por isso, alerta-se que haja sempre muito cuidado ao pensar sobre racismo.

Dica: Leia também sobre racismo contra judeus e muçulmanos; sobre racismo reverso e sobre os recortes do feminismo, por exemplo. Estes temas te ajudarão a compreender o assunto com mais profundidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

IELA UFSC. O racismo na questão indígena. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=_qxx814B18o>

v=_qxx814B18o> Acesso em: 20 de agosto de 2019.

Manual do Mundo 2017. Negritude e racismo. Disponível em:

<<https://cenariosprospectivos.wixsite.com/site-cenarios>> Acesso em: 20 de agosto de 2019.

CAMPOS, Luis Augusto. Racismo em três dimensões: uma abordagem realista-crítica. Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 32, n. 95. IESP UERJ - Rio de Janeiro, 2017.

População LGBTIQ+

Você provavelmente já ouviu ou leu essa sigla em algum lugar, mas você sabe o que ele significa?

Parada do orgulho LGBT de Brasília em 2017.

O acrônimo LGBTIQ+, é utilizado para se referir à comunidade de minorias sexuais e de gênero. Você pode ter percebido também que a sigla vem incorporando novas letras ao longo do tempo, mas antes de defini-las convém sabermos a diferença entre orientação sexual, sexo biológico e identidade de gênero.

Em primeiro lugar, o sexo biológico diz respeito ao aspecto físico do corpo, sendo designado no momento do nascimento, através do exame visual do médico.

Em segundo lugar, o gênero diz respeito às normas construídas pela sociedade do que se entende por “masculinidade” e feminilidade”. A identidade de gênero é a qual dos dois gêneros o indivíduo se identifica ou não.

Por fim, a orientação sexual, diz respeito à forma pela qual o indivíduo compreende e direciona o seu desejo sexual.

Os três termos geralmente são associados a orientação sexual dos indivíduos, de maneira errônea, uma vez que os conceitos não são necessariamente ligados ou dependentes uns dos outros.

Significado das letras:

L- Lésbicas: indivíduos que se reconhecem como mulheres e sentem atração sexual por outras mulheres.

G- Gays, nome popular para indivíduos que se reconhecem como homens e sentem atração sexual por outros homens.

B- Bissexuais, indivíduos que sentem atração sexual pelos dois gêneros principais, mulheres e homens.

T- Transsexuais/Transgêneros: indivíduos que não se identifica com o sexo biológico determinado no seu nascimento. O oposto de transexual é o indivíduo cisgênero, que se identifica com o sexo biológico atestado no nascimento.

I- Intersexual: Indivíduos cujas características sexuais biológicas não se encaixam com os corpos tradicionais “masculino” e “feminino”.

Q- Queer: termo em inglês que define qualquer indivíduo que não se encaixe dentro das letras anteriores. O sinal de “+” é adicionado para abarcar todas as pessoas que também não se identificam como queers.

Tendo sido explicadas as diferenças entre esses conceitos fundamentais para se entender a sexualidade humana e a definição da sigla, vamos agora a um pouco de história.

Desde a antiguidade, a sexualidade humana se expressou de diferentes formas nas civilizações e culturas: há registros frequentes de relações homossexuais na Grécia, em Roma e no Egito,

na China e nas civilizações americanas; existem também registros sobre indivíduos que se reconheciam com outros gêneros que não o masculino e o feminino.

Dessa forma, pode-se atestar que a não-heterossexualidade é apenas uma forma de expressão da sexualidade, tão natural quanto à heterossexualidade, não causando qualquer prejuízo natural ao indivíduo. Todas as dificuldades de não ser heterossexual são originadas pelo preconceito e discriminação da sociedade.

A estigmatização da população LGBTIQ+ começa a partir da idade média, com a disseminação dos ideais europeus no mundo, quando essas diferentes formas de expressão da sexualidade foram condenadas e consideradas pecaminosas, passando a ser crime em vários países.

Além da criminalização, a população LGBTIQ+ sofreu com perseguições, violências, exclusão e preconceito, em todos os aspectos das existências.

Sem contar o silenciamento histórico. Muitas pessoas pensam que havia menos pessoas LGBTIQ+ no mundo; o número é o mesmo, mas essa população era obrigada a viver escondida, sob o medo de perseguição e morte.

A partir dos anos 50, com os movimentos que buscavam maior liberdade, questionando os valores tradicionais, vários grupos entre a comunidade LGBTIQ+ foram formados para buscar maior visibilidade e proteção contra a discriminação.

Duas revoltas marcam o início organizado da militância política, o Distúrbio da Cafeteria Compton, em São Francisco, nos EUA, e a

Revolta de Stonewall, em Nova Iorque, ocorrida em 28 de junho de 1969.

Desde então, muito se tem avançado, mas falta ainda um longo caminho para que a população LGBTIQ+ tenha seus direitos e sua cidadania reconhecidos e iguais plenamente aos dos cidadãos heterossexuais e cisgêneros.

Essa questão é ainda mais problemática no Brasil, país onde uma pessoa LGBTIQ+ é assassinada por motivação preconceituosa, apenas por existir a cada 23 horas.

Em relação aos direitos, o Brasil foi um dos primeiros países da América a descriminalizar a homossexualidade, em 1830.

Desde então, em 1999, o Conselho Nacional de Psicologia retirou a homossexualidade e a transexualidade do catálogo de doenças sexuais, proibindo qualquer tipo de terapia de conversão.

Ato denunciando a violência policial contra homossexuais nos anos 80

Em 2013, o Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu equiparar o casamento homoafetivo aos casamentos heterossexuais, proibindo que os cartórios do país se recusassem a casar casais do mesmo sexo.

Em relação à população trans, uma lei de 2016 permite o uso do nome social em todas as instâncias do governo, e uma decisão do STF garantiu o direito da população trans à mudar o nome civil para o social nos documentos sem a necessidade de cirurgia de redesignação sexual.

Além do direito ao casamento, os homossexuais têm o direito de adotar crianças e servir nas forças armadas. Apesar disso, a população homossexual ainda é proibida de doar sangue.

Em relação à criminalização da transfobia e da homofobia, o país não possui nenhuma lei específica que proteja essas populações de agressão e preconceito.

Apesar disso o STF decidiu, em 2019 equiparar o crime de homofobia/transfobia ao racismo, garantindo punição a quem agredir ou insultar os indivíduos homo e transexuais.

As proteções legais, todavia, não garantem a segurança completa da população LGBTIQ+, uma vez que o preconceito ainda se encontra profundamente presente na sociedade e no cotidiano, cabendo a todos aceitar e respeitar a diversidade.

No fim, não se trata de privilégios como muitos dizem, mas sim de igualdade de direitos e de oportunidades para todos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BBC Brasil. STF aprova criminalização da homofobia. Disponível em: <
<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47206924>
>

G1. Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas. Disponível em: <
<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml> >

Ministério Público. Ministério Público e a igualdade de direitos para LGBTI. Disponível em: <
<http://www.mpf.mp.br/atualizacao-tematica/pfdc/midi-ateca/nossas-publicacoes/o-ministerio-publico-e-a-igualdade-de-direitos-para-lgbti-2017> >

Você sabia?

O que é nome social?

É o nome pelo qual as pessoas transexuais/transgêneros ou de qualquer outro gênero, preferem ser chamados, em oposição ao nome registrado no nascimento.

No Brasil, é direito do indivíduo que não se identifica com o gênero atribuído no nascimento trocar o seu nome no cartório, sem necessidade de cirurgia.

Preconceito Linguístico

Aipim é mandioca, trampo é trabalho e chicretes é chicletes. É sabido por todos os linguístas e sociolinguístas que a língua é volátil, varia por região, grupo, ambiente ou faixa etária, isso porque ela tem justamente como principal função permitir que seu falante se expresse, que ele possa, por meio dela, mostrar sua percepção acerca do mundo. Assim, em um país tão heterogêneo como o Brasil não poderia, de maneira alguma, ser representado por um só modo de expressar a língua.

Entretanto, a maior interação entre todas as facetas desse grande país, tornou evidente um problema que perdura há séculos no Brasil: o preconceito linguístico. E, este acompanha outras formas de preconceito, como o social e o regional, e é enfatizado principalmente pela mídia. Exemplos disso são que os jornais e os programas de ampla audiência são sempre apresentados por falantes da região metropolitana do sudeste do país e o fato de que, por exemplo, em novelas e filmes nacionais o

falar nordestino é associado às personagens “malandras” e preguiçosas.

Além disso, o ensino nas escolas da língua “certa” ou “errada” também contribui para enraizar essa discriminação. É claro que um falar e escrever que seja comum a todos os brasileiros faz-se necessário, por isso, de maneira alguma, o ensino da norma padrão culta



deve ser dispensado, mas, é preciso que ele seja encarado como uma das formas de abordar a língua portuguesa e não a única. As variantes da língua devem considerar os contextos nas quais



estão inseridas, assim não existe certo ou errado, mas sim adequado ou inadequado.

Desse modo, vale ressaltar que a língua engloba em si a cultura, é parte do que somos.. E, assim, suas variantes não poderiam ser negadas, mas sim, deveriam ser olhadas como uma das manifestações da beleza da diversidade do nosso grande país .

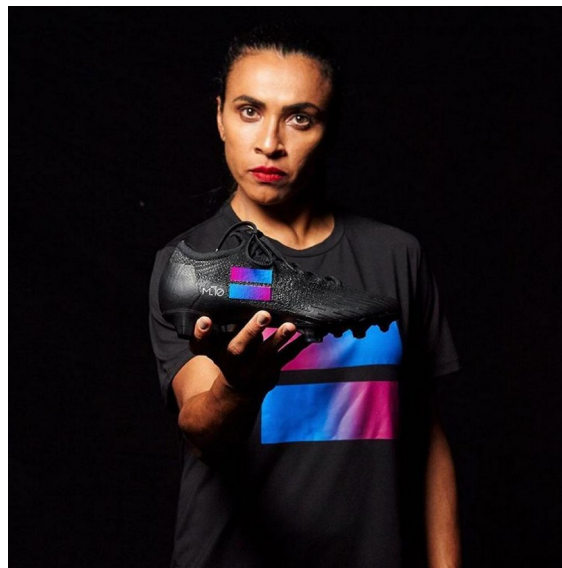
Visibilidade Na Copa Do Mundo Feminina E Feminismo

O feminismo é um movimento social, político e filosófico, que existe desde o século XIX e que tem a intenção de promover a igualdade entre homens e mulheres, na vida social, política e econômica. É, portanto, uma luta diária pela igualdade, e não pela soberania da mulher em relação ao homem, o que muitas vezes é reproduzido. É muito importante ressaltar, entretanto, que homens e mulheres possuem suas peculiaridades, isso quer dizer que são diferentes, ou seja, possuem necessidades diferentes, mas como cidadãos são iguais, e desse modo, é essencial que sejam tratados social, cultural e economicamente como tais. Outro fator que vale ressaltar é o machismo que está enraizado em nossa cultura. Este que, por sua vez, é a supervalorização de características tanto físicas quanto culturais, historicamente associadas ao sexo masculino, em detrimento daquelas associadas ao sexo feminino, refletindo a crença de que os homens são superiores às mulheres. É neste contexto que se insere a famosa frase de Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se”, evidenciando toda uma

construção social em relação ao papel da mulher na sociedade.

Um exemplo nítido do machismo é a ideia de que o futebol é um esporte de homens e para homens, o que não apenas exclui as mulheres de um espaço que elas poderiam facilmente ocupar, com também reforça um estereótipo de mulher delicada e frágil. A Copa do Mundo Feminina ocorreu pela primeira vez em 1991, 61 anos após a primeira edição masculina, e teve sua 8ª edição este ano, na França, que foi tida como a copa da visibilidade. Foi transmitida pela primeira vez na história do Brasil pela maior emissora de televisão do país, no qual (Brasil) faz apenas 36 anos que as mulheres podem praticar esportes, uma vez que antes eram proibidas por lei devido sua “incompatibilidade natural”.

Para contextualizar melhor a desigualdade entre homens e mulheres nesse recorte específico, vamos analisar os números. A revista francesa France Football divulgou que Marta ganha 833 vezes menos que Messi, que possui a mesma posição que a jogadora no ranking de salários de masculinos (5º). A diferença de premiação deste evento também é outro indicativo dessa desigualdade. Na última edição da Copa do Mundo masculina, os vencedores receberam um prêmio no valor de US\$ 38 milhões, enquanto para o futebol feminino o valor foi de US\$ 4 milhões. Não é nenhuma novidade falar sobre diferença econômica, social e política entre homens e mulheres - no meio esportivo esse abismo salarial é ainda maior, como visto, e por isso a tamanha importância de se lutar, diariamente, para que essa situação se altere.



Na foto a jogadora da seleção Marta com a chuteira rosa e azul, que ela usou nos jogos da Copa do Mundo de 2019, protestando contra a desigualdade salarial e de patrocínios entre homens e mulheres.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A luta do futebol feminino contra o descaso e o preconceito no Brasil. 2014. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/a-luta-do-futebol-feminino-contra-o-descaso-e-o-preconceito-no-brasil,c1d88f1dedf94410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html>>. Acesso em: 06 dez. 2017.

ADESÃO, PERMANÊNCIA E BARREIRAS PERCEBIDAS NA PRÁTICA DO FUTEBOL FEMININO. São Paulo: Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 10, n. 40, 02 abr. 2018. Disponível em:

<<http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/553/456>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

AS DIFICULDADES DO FUTEBOL FEMININO DO BRASIL. São Paulo, 15 dez. 2017. Disponível em:

<<https://baurutv.com/2016/12/15/as-dificuldades-do-futebol-feminino-do-brasil/>>. Acesso em: 04 abr. 2018.

FUTEBOL FEMININO E AS BARREIRAS DO SEXISMO NAS ESCOLAS: REFLEXÕES ACERCA DA INVISIBILIDADE. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 16 out. 2009.

O FUTEBOL FEMININO E SUA INSERÇÃO NA MÍDIA: A DIFERENÇA QUE FAZ UMA MEDALHA DE PRATA. São Paulo: Pensar A Prática, 9 out. 2006.

O FUTEBOL FEMININO: UMA HISTÓRIA DE LUTA PELO RECONHECIMENTO SOCIAL. Buenos Aires: Efdesportes, 11 ago. 2007. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd111/o-futebol-feminino.htm>>. Acesso em: 11 ago. 2007.

Valorização Nacional: A Linha Entre O Nacionalismo E O Ultranacionalismo



Valorizar sua nação, ressaltar suas belezas e seus feitos, ter orgulho de pertencer a sua cultura e sua pátria são fatores muito importantes e fundamentais para o desenvolvimento de um país e de sua população.

Entretanto, infelizmente, ao longo dos séculos, esse sentimento autêntico de amor e identificação em conjunto com uma língua, cultura, costumes e coletividade também foi com grande frequência distorcido em discursos de ódio em relação a outras culturas, em um sentimento de superioridade que leva ao imperialismo, que nega o princípio da soberania de todas as nações e em extermínios de muitas etnias e culturas.

Exemplo disso foram os genocídios ocorridos com povos africanos, ameríndios, ciganos e judeus, principalmente durante a época do colonialismo e neocolonialismo europeu e com o Fascismo e o Nazismo do século XX. Esses casos ultrapassaram o sentimento de valorização nacional, não são exemplos de nacionalismo,

mas sim da forma mais extrema de sua manifestação: o ultranacionalismo.

Também nesta última década, com a onda de governos de extrema direita em países como Hungria, Grécia, França e Inglaterra, assim como nos EUA da era Trump e no Brasil com o governo Bolsonaro, foi possível testemunhar novamente o fortalecimento de discursos ultranacionalistas, amparados em ideais que estimulam segregacionismo, xenofobia e violência, de modo a contrariar valores humanitários anteriormente defendidos entre esses mesmos povos.

Em contrapartida, é preciso recordar que foi graças a movimentos de identidade nacional que muitas outras coisas boas aconteceram, como a Primavera dos Povos no século XIX, que deu surgimento a centenas de países, antes explorados por nações imperialistas, como foi também com o sentimento patriótico que muitos países mobilizaram suas populações para fortalecerem-se nas ações de solidariedade, civismo, reforma educacional e até autoestima, a fim de conquistarem objetivos comuns de reconstrução de seus países pós-guerra e em favor do desenvolvimento humano e tecnológico nacional.

Portanto, fica claro que para toda nação se desenvolver o nacionalismo é essencial, pois se expressa por meio de um vínculo afetivo genuíno de solidariedade, amor e esforço em benefício da coletividade e da pátria. Porém, fica claro também que o ultranacionalismo, que é carregado de ódio, preconceitos e violência, não só prejudica as nações estrangeiras, mas também é uma grande perda para a nação que o propaga.

Sistema Prisional Brasileiro



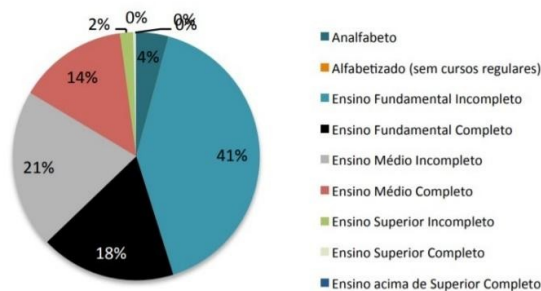
Basta olhar para o sistema carcerário brasileiro para enxergar a precariedade do sistema prisional se manifestando em todos os âmbitos. Um problema que salta os olhos é a superlotação dos presídios em que a taxa de ocupação representa cerca de 197%, representando o déficit de vagas nas prisões em que uma cela, na maioria dos casos, precisa comportar o dobro de pessoas do que realmente comporta, variando de Estado para Estado. No Amazonas, em particular, em uma cela que deveria comportar uma pessoa, o sistema insere cinco. Além disso, a demora do julgamento final acaba agravando esse problema mencionado anteriormente, pois os detentos permanecem presos mesmo sem saber se de fato foram condenados. Todavia, há um paradoxo muito grande em toda a estrutura penal, pois na mesma medida em que há muitas pessoas sendo mantidas na prisão sem serem condenadas, há também muitos casos em que pessoas condenadas por crimes gravíssimos, como

homicídio, acabam respondendo o processo dos crimes em liberdade e o julgamento demora anos para apresentar um desfecho.

A possibilidade de um criminoso responder em liberdade e receber um justo julgamento depende da qualidade da defensoria pública que, muitas vezes, estão sobrecarregadas com muitos casos e não conseguem dar a devida atenção para cada um deles. Dessa forma, apenas pessoas que possuem condição de arcar com a defesa privada, conseguem ter o mínimo para um justo julgamento.

Apesar de o sistema carcerário possuir muitos defeitos, é preciso olhar para a raiz do problema que se encontra no sistema educacional do país. O Infopen (Levantamento Nacional de Informações penitenciárias) informou que mais da metade dos presos não chegaram nem a completar o ensino fundamental e 94% não chegaram a cursar o ensino superior.

Esse déficit educacional tem sua continuidade dentro dos presídios e apenas um a cada dez encarcerados participam de programas com atividades educacionais que possibilitam um caminho para a sua reabilitação.



Para agravar todos os problemas mencionados, o Estado não consegue prover segurança nos presídios. Um detento possui três chances mais de morrer, trinta vezes mais chances de contrair tuberculose do que se estivesse solto. Além disso, ser uma detenta mulher extrapola mais ainda a desumanidade carcerária, devido à falta de estrutura nos cárceres. O STF (Supremo Tribunal Federal) concedeu a prisão domiciliar às mulheres em gestação, todavia as gestantes seguiram presas.

Dessa forma, é evidente que o sistema prisional brasileiro tem muitos problemas a serem resolvidos, todavia para o sistema de fato melhorar, é preciso olhar para muitas outras perspectivas do sistema brasileiro como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://aosfatos.org/noticias/cinco-fatos-sobre-o-sistema-prisional-brasileiro/>
<https://aosfatos.org/noticias/cinco-fatos-sobre-o-sistema-prisional-brasileiro/>
<https://taninhaventura.jusbrasil.com.br/artigos/261003643/sistema-criminal-brasileiro-e-a-impunidade-que-gera-o-aumento-da-violencia>

Saúde Mental Entre Os Jovens

“Somos todos feitos de carne, mas temos que viver como se fôssemos de ferro”

Com uma metáfora simples, Freud, o homem que revolucionou o modo que a medicina lida com a saúde mental, foi capaz de retratar uma realidade muito complexa: como a dinâmica da sociedade atual demanda muito mais do que a natureza humana é capaz de aguentar. Ótimos desempenhos, muita competitividade, a cobrança de alta produtividade e bons resultados são só algumas das exigências feitas pelo modo de vida contemporâneo, e, as escolas e universidades não ficam fora desse cenário.

Não bastasse as pressões diárias já expostas, os estudantes, principalmente no ambiente universitário, ainda passam por todas as mudanças que envolvem a passagem para o mundo adulto, sair de casa, pensar sobre decisões de carreira, a concorrência entre os próprios alunos, e muitos outros fatores que contribuem para agravar ainda mais a questão do sofrimento mental entre os jovens que, além de tudo isso, na maioria das vezes, não encontram chance de serem compreendidos e ouvidos em seus locais de estudo.

Desse modo, tem-se como resposta a todas essas cobranças, uma crescente onda de distúrbios de ansiedade, casos de suicídio, depressão e síndrome do pânico entre os jovens ao redor do mundo. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS) em 2018 foi constatado que a cada 40 segundos uma pessoa se suicida no planeta e essa é a segunda maior causa de morte entre pessoas de 15 a 29 anos de idade.

Além disso, essa questão extremamente preocupante é muito pouco discutida, inclusive, uma das principais causas para o agravamento dessa situação, é justamente o fato de ela ser subestimada, encarada muitas vezes como “frescura”, o que leva muitos a se fecharem e esconderem suas dores, agravando ainda mais seu sofrimento. Isso reforça a necessidade de novos estudos e reflexões acerca do tema, bem como um incentivo às atividades universitárias para difundir e aprimorar políticas e serviços de apoio psicológico aos estudantes.

Igualmente, faz-se essencial o reconhecimento dos fomentadores desse quadro. Em primeiro lugar, está a incessante competição entre os alunos por bolsas de estudos, vagas em estágios, bolsas de iniciação científica, liderança nas empresas juniores e oportunidades de intercâmbio. A brusca mudança estilo de vida, a quebra de uma autoimagem, a ausência de um “espaço-escuta”, comportamentos preconceituosos dos docentes e dos próprios estudantes e a frustração com o curso, que, muitas vezes, não corresponde à expectativa do aluno, são alguns dos pontos a serem considerados.

Portanto, pode-se concluir que atualmente o estudante enfrenta uma variedade de condições de risco para sua saúde mental e bem-estar ao longo de sua trajetória acadêmica. Esse ciclo deve começar a ser quebrado de dentro da própria academia, como é exemplo a proposta dos estudantes da USP, “Isso não é normal”, que auxilia os alunos que passam por sofrimentos psicológicos e contribui para uma aproximação entre os estudantes, funcionando também como um mecanismo de prevenção.

Assim, fica claro que, a promoção, proteção e a restauração da saúde mental entre os jovens devem ser consideradas como uma preocupação fundamental dos indivíduos, comunidades e sociedades por todo o mundo. É trabalhando com a saúde mental entre os jovens que se garante que o futuro de uma nação seja repleto de profissionais competentes, realizados e saudáveis que contribuam não só para o desenvolvimento de seu país como também para o de toda uma geração.

Terapia Do Choque + Abertura Para Internação Compulsória

O Senado Brasileiro aprovou no dia 15 de maio a internação involuntária, ou seja, sem consentimento do paciente, levantando debates entre profissionais da área e juristas sobre a legalidade da decisão e se a mesma pode ser considerada ética ou não.

Além disso desde sua campanha de governo o presidente Jair Bolsonaro (PSL) se mostrou favorável a práticas já abolidas e condenadas no que tange à saúde mental, como o uso de tratamento de choque e internação manicomial.

Houve em 15 de fevereiro uma reorientação nas diretrizes da Política Nacional de Saúde Mental na qual foram comprados aparelhos de eletroconvulsoterapia (eletrochoques).

Fora os pontos supracitados, sobre o combate à dependência química foi retirado o protagonismo da política de redução de danos, vigente há 30 anos.

Tais medidas vão de encontro às práticas mais modernas de saúde mental e representam um retrocesso no sistema de saúde brasileiro.

Outra consequência das decisões tomadas pelo governo é o aumento da discriminação, afastamento e exclusão de pessoas com transtorno mental, fato brilhantemente ironizado por Machado de Assis, em sua obra “O Alienista”, que tece uma discussão sobre o conceito de loucura e sanidade e como a exclusão de pessoas consideradas insanas afetam não somente aquele que é excluído quanto a sociedade de onde ele foi retirado.

Outro fato que mostra-se a partir disso principalmente no combate à drogadição é um preconceito a respeito do dependente químico e tentativa de, ao invés de compreender e tratar os motivos sociais que levam uma pessoa à dependência, uma tentativa de combate violento à essa pessoa que possui doença.

Torna-se, a partir disso retrógradas as medidas tomadas pelo governo que parece se recusar a compreender um problema que no Brasil tem aumentado.

Conforme o último relatório brasileiro sobre drogas (2010), tem crescido a dependência de drogas tanto lícitas quanto ilícitas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

"Governo Bolsonaro Incentiva Eletrochoques E Propõe a Volta Dos" 8 fev. 2019, <https://www.brasildefato.com.br/2019/02/08/governo-bolsonaro-incentiva-eletrochoques-e-propoe-a-volta-dos-manicomios/>. Acessado em 13 ago. 2019.

"O tratamento de choque contra o crack no Rio de Janeiro | VEJA.com." 19 fev. 2013, <https://veja.abril.com.br/politica/o-tratamento-de-choque-contrao-crack-no-rio-de-janeiro/>. Acessado em 13 ago. 2019.

XAVIER, Mariane da Silva et al. INTERNAÇÃO COMPULSÓRIA E INVOLUNTÁRIA NA COMPREENSÃO DE ENFERMEIROS ATUANTES EM SAÚDE MENTAL. 2015. Disponível em :<<https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/7448/XAVIER%2C%20MARIANE%20DA%20SILVA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>

Relatório Brasileiro sobre Drogas - Ministério da Justiça." <https://justica.gov.br/central-de-conteudo/politicas-sobre-drogas/relatorios-politicas-sobre-drogas/relatoriobrasileirosobredrogas-2010.pdf>. Acessado em 13 ago. 2019.

Efemérides

Ruanda E O Genocídio De 1994



Há 25 anos, Ruanda, uma nação do continente africano, passava por um genocídio étnico. O ódio tribal nutriu chacinas hutus sobre tutsis, dois grupos rivais que compunham a maioria da população daquele país, promovendo cenários com milhares de corpos nas ruas. Foi uma guerra civil ignorada, por um tempo, pelo mundo, cujo resultado tange 1 milhão de mortos.



A rivalidade entre tutsis e hutus remonta bem antes da dominação europeia, em épocas onde o país era regido por um monarca tutsi, mas foi com a chegada dos europeus que o atrito de ambas as partes se acentuou.

A partir de 1910, a Bélgica assumiu o controle de Ruanda durante o neocolonialismo. Assumindo os tutsis como semelhantes aos próprios europeus, os belgas tomaram esses como “superiores” em relação aos hutus, emitindo, mais tarde, cartões que frisavam as etnias de cada cidadão no país. Desse modo, houve um aprofundamento das brigas entre os dois grupos.

Quando a África mergulhou na descolonização, hutus começaram a liderar movimentos que conduziram Ruanda à independência, em 1959 (Revolução Ruandesa). Entretanto, ao passo que o país se libertava do controle europeu, tutsis começaram a serem perseguidos. Desde então, esses passaram a serem alvos constantes, ainda mais sob governos que continuaram com tais perseguições.

Discursos de ódios inflamaram ações dos Akazu (organização de hutus extremistas), quando em 1990, milícias armadas tutsis (refugiados em Uganda por causa das perseguições) chamadas de Frente Patriótica de Ruanda (FPR) atacaram tropas governamentais. A guerra civil, então, eclode.

O conflito durou até 1993, quando o então presidente, Juvénal Habyarimana, assinou um cessar-fogo com os tutsis, o que deixou os hutus extremistas descontentes. Esses passaram a acusar Habyarimana de traição e o chamado Poder Hutu incentivava a população de sua etnia

a pegar em armas. No ano seguinte, uma enorme chacina contra os tutsis ocorre em Ruanda.

Alguns especialistas apontam que o que aconteceu no país, entre 1990 e 1994, é um exemplo de como muitos países de grande destaque no palco internacional colocam questões como paz e direitos humanos em segundo plano, em detrimento de interesses econômicos ou políticos. Ruanda tem pouco a oferecer estrategicamente, o que o caracteriza como desinteressante perante ambições globais. A ajuda internacional, portanto, veio com pouca urgência, não chegando a tempo de resolver o genocídio.

Indicação de filme:

- Hotel Ruanda

70 Anos Da OTAN

OTAN é a sigla dada a Organização do Tratado do Atlântico Norte, uma aliança de cooperação militar criada pelo Tratado de Washington e composta, atualmente, por 29 países, sendo eles: Estados Unidos da América (EUA), Canadá, Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Islândia, Itália, Luxemburgo, Noruega, Portugal, Reino Unido, Grécia, Alemanha, Espanha, Polônia, República Tcheca, Hungria, Bulgária, Estônia, Letônia, Lituânia, Romênia, Eslováquia, Eslovênia, Croácia, Albânia, Turquia e Macedônia

Assinado em 4 de abril de 1949, suas origens estão no contexto da Guerra Fria. Este conflito ideológico ocorreu após o término da Segunda Guerra Mundial (1930-1945), em que houve o fim de um mundo multipolar - marcado pela

grande influência e atuação de várias potências e o início do chamado “Mundo Bipolar” - o qual estava dividido entre duas potências hegemônicas (EUA e URSS) que possuíam ideologias distintas (Capitalismo e socialismo).

Explicando o contexto histórico:

Em 1945 houve o fim da Segunda Guerra Mundial e a destruição da influência de muitos países como, por exemplo, o Japão. A partir daí duas potências emergiram no cenário internacional, os Estados Unidos e a União Soviética -os quais passaram a disputar a hegemonia mundial. Para isso buscavam expandir suas influências e, então, criaram pactos e alianças com diversos países. Em 1948 houve a criação do chamado Plano Marshall, que objetivava a reconstrução da Europa a fim de conter a ascensão do socialismo em meio a toda destruição e crises causadas pela Guerra. Para proteger estes países, os EUA criaram, também, a OTAN, que garantiria a cooperação militar e, portanto, a proteção dos países nela aliados. Em pouco tempo ela passou a não abranger somente a Europa, mas também algumas regiões da Ásia. A URSS não ficou para trás e, como reação, criou o chamado Pacto de Varsóvia, uma aliança de cooperação militar entre os países do bloco socialista.

Atuação da OTAN

A OTAN atuou fortemente na Guerra da Coreia, e após o ocorrido os EUA sentiram a necessidade de criar cada vez mais alianças como ela. Logo, criou-se a Otase, a Anzus e o Tratado Interamericano de Assistência

Recíproca. Diferente do Plano Marshall, a OTAN não acabou com o final da Guerra Fria, tendo, ainda, mais que duplicado o número de membros iniciais. Seus objetivos passaram de apenas uma reação ao ataque soviético, no contexto da guerra fria, para a função de conter conflitos existentes, combater o terrorismo e outras emergências.

Em 1990 a OTAN atuou na questão dos Balcãs, enviando tropas de ajuda militar a ex-Iugoslávia. Outras atuações:

Tabela 1
Lista Completa das Operações da OTAN em Andamento (Dezembro/2008)

Operação	Localidade
ISAF	Afganistão
SFOR*	Bósnia-Herzegovina
Allied Provider	Somália
Allied Harmony*	Macedônia
NTM-I	Iraque
KFOR	Kosovo
Active Endeavour	Mediterrâneo

* Estas operações persistem, ainda que as missões de paz tenham se encerrado oficialmente. A OTAN mantém quartéis-generais em Sarajevo e Skopje para dar suporte às operações da União Europeia instaladas nesses países.
Fonte: OTAN (2008a).

Neste ano de 2019 a OTAN tem se destacado pela sua atuação na Turquia e na Polônia. Em maio de 2019 o presidente norte americano, Donald Trump, notifica o Congresso sobre a intenção de tornar o Brasil um extra-aliado desta Organização. Atualmente 17 países já têm este status, o que significa mais do que uma aliança militar, pois os países que assim o fazem detêm de privilégios como maior facilidade na compra de armamentos e tecnologia militar.

25 Anos Do Exército Zapatista De Libertação Nacional



No ano de 1994 em Chiapas, um dos estados mais pobres do México, houve a organização por parte de camponeses indígenas do Exército Zapatista de Libertação Nacional, tendo como inspiração o defensor da reforma agrária e líder da Revolução Mexicana de 1910, Emiliano Zapata.

O Exército Zapatista ocupou 6 municípios mexicanos lutando pela reforma agrária, por uma maior conquista de direitos para os camponeses e pelo fim do NAFTA (Tratado de Livre Comércio da América do Norte), que tinha sido assinado naquele ano por EUA, Canadá e México e segundo os mexicanos, causaria uma dependência econômica em relação aos EUA.

O governo assinou um acordo com os zapatistas, o Acordo de San Andreas, que previa a concessão de direitos aos indígenas. Entretanto, o governo não cumpriu o acordo e reagiu violentamente contra os revolucionários, organizando uma ocupação armada em Chiapas. O episódio resultou na morte de 45 indígenas e ficou conhecido como Massacre de Acteal. A reação violenta do governo fez com que o

movimento se tornasse ainda mais conhecido, tornando-se manchete pelo mundo todo.

Atualmente o Exército Zapatista de Libertação Nacional ainda continua sendo uma das mais importantes organizações camponesas de luta e resistência popular contra a pobreza e desigualdade social, contudo esses problemas e desigualdades ainda persistem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-o-movimento-zapatista/>
<https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historia-america/exercito-zapatista-libertacao-nacional.htm>
<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-e-o-movimento-zapatista/>
<https://brasilecola.uol.com.br/geografia/nafta.htm>
<https://oglobo.globo.com/mundo/justica-do-mexico-ordena-libertacao-de-acusados-de-massacre-de-acteal-3203025>
<https://www.infoescola.com/historia/movimento-zapatista/>

50 Anos Da Chegada Do Ser Humano À Lua

O dia 20 de Julho de 1969, há 50 anos, marcou um dia histórico para a história, para a ciência, para a política, e para a humanidade. 600 milhões de pessoas de todo o mundo estavam atentas em suas televisões, tecnologia em alta na época, para observar a chegada dos primeiros seres humanos na Lua. Os astronautas Buzz Aldrin, Michael Collins e Neil Armstrong, com os esforços de grande equipe da NASA

(National Aeronautics and Space Administration / Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço), foram os tripulantes da missão Apollo 11, primeira a ter êxito a enviar pessoas para pisaram no satélite natural da Terra.

“Um pequeno passo para o homem, mas um grande passo para a humanidade”. A famosa frase de Armstrong resumia os sentimentos da época quanto a missão e ao contexto em que ela se inseria. Os antecedentes do Programa Apollo do Projeto Gemini foram marcados por tensões, principalmente após a morte de três astronautas na Apollo 1, que geraram uma série de investigações que paralisou o programa em 1967. Retomado em 1968, as Apollos 7, 8, 9, e 10 prepararam tudo para que a missão pudesse atingir seu ápice com a chegada do ser humano na Lua.

A Corrida Espacial entre os Estados Unidos (EUA) e União Soviética (URSS) acirrava as expectativas em torno do envio de missões tripuladas, uma vez que a disputa entre as duas potências travadas na Guerra Fria buscava também evidenciar suas capacidades militares e tecnológicas. Em 1957 os soviéticos foram os primeiros a lançar um satélite artificial em órbita, e em 1961 enviaram um primeiro homem para os espaço, o cosmonauta (como eram chamados os astronautas soviéticos) Iuri Gagarin. Esses eventos preocuparam os estadunidenses, que como reação criaram a NASA e iniciaram a corrida. O início da década de 1960, principalmente com o governo de John F. Kennedy, a importância em investir em um programa de exploração espacial mais robusto e sofisticado foi enfatizado, tornando a possibilidade de pousar um homem na Lua e

retorná-lo para a Terra com segurança uma necessidade nacional dos EUA.

Para tal tarefa, naquela década o governo alocou 25 bilhões de dólares para o programa Apollo, o que correspondia a 2,5% de seu P.I.B. a cada ano, para no fim de 1960, após cinco dias de viagem, os astronautas americanos pisaram na lua com ajuda do módulo de pouso Lunar Eagle. A estada no satélite natural duraram aproximadamente 22 horas, com duas horas e meia fora do módulo. Na Lua os astronautas realizaram experimentos, estudaram a superfície lunar e coletaram aproximadamente 22 kilogramas de material geológico para levar para a terra.

O mundo inteiro acompanhou esse momento, tendo um impacto social cultural pelo mundo todo e colocando os EUA em evidência e vantagem nas disputas da Guerra Fria. A imagem da profissão de astronauta passou a ser tida como heróica e foi romantizada, alimentando até a atualidade a imaginação da cultura pop. Em contrapartida, na época, os movimentos sociais lançaram muitas críticas ao projeto principalmente pela quantidade de dinheiro gasto pelo governo com os missões e por deixarem de lado as lutas contra a desigualdade, movimentos em prol dos direitos dos negros, estudantis e contra a Guerra do Vietnã.

A chegada do ser humano na lua e as consequências da Corrida Espacial deram abertura para que cada vez mais a humanidade conhecesse sobre o espaço. Após o sucesso da missão algumas outras viagens foram feitas até a lua e foram lançados outras missões não tripuladas para o conhecimento do espaço.

Atualmente, não somente o governo dos países, mas também empresas privadas estão buscando investir na exploração espacial e na tentativa de levar mais seres humanos para fora da Terra, como é o caso da empresa SpaceX.

Sugestão de Filme:

- “O Primeiro Homem” (2018) - Dir.: Damien Chazelle

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

G1. Veja minuto a minuto como foi a chegada do homem à Lua há 50 anos. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2019/07/20/veja-minuto-a-minuto-como-foi-a-chegada-do-homem-a-lua-ha-50-anos.ghtml>>

GALILEU. Apollo 11: veja 31 fotos da NASA que te transportarão para 1969. 2019. Disponível em:

<<https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Espaco/noticia/2019/07/apollo-11-veja-31-fotos-da-nasa-que-te-transportarao-para-1969.html>>

GOHD, Chelsea. Apollo 11 at 50: A Complete Guide to the Historic Moon Landing. Space, 2019. Disponível em: <<https://www.space.com/apollo-11-complete-guide.html>>.

25 Anos Da Morte De Tom Jobim

Em 2019 completa-se 25 anos da morte de Tom Jobim, um dos músicos brasileiros mais conhecidos mundialmente e expoente da Bossa Nova. Antonio Carlos Jobim nasceu em 1927 no Rio de Janeiro filho de um diplomata e com a família repleta de artistas. Logo na juventude já possuía contato com a música e era apaixonado pela obra do maestro Villa Lobos. Tornou-se

ilustre compositor, cantor, violinista, pianista, e maestro. Iniciou sua carreira tocando na vida noturna de Copacabana até ser contratado para exercer funções técnicas na gravadora Continental em 1952.

Na década de 1950 conheceu e estabeleceu parceria com dois outros artistas em ascensão na época: Vinícius de Moraes e João Gilberto. Desse encontro, Tom Jobim expandiu suas composições e envolveu-se na criação de um novo estilo musical que iria levar a música brasileira a um conhecimento e um prestígio internacional que nunca havia acontecido antes. Assim, Jobim tornaria-se um dos principais expoentes da Bossa Nova, gênero musical mais influente da música popular brasileira.

A criação Bossa Nova estava inserido num contexto de mudança na vida brasileira. O país passava por um novo impulso desenvolvimentista e tornava-se mais urbano, principalmente por todo o impacto que a construção da nova capital do país, Brasília, pelo presidente Juscelino Kubitschek - conhecido como o “presidente bossa nova” - em 1960. O mundo também passava por um novo ritmo cultural devido ao impacto do pós-II Guerra Mundial. A influência do jazz americano e da música clássica impressionista são sentidas em sua combinação com as sonoridades brasileiras, principalmente o samba e as modas de viola. Diferente desses ritmos, a formação da bossa nova foi mais elitizada, surgindo por uma juventude de classe média boêmia da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Tom Jobim ficará conhecido mundialmente por sua composição de 1962 “Garota de Ipanema” que tornou-se uma das músicas

brasileiras mais tocadas no exterior até os dias de hoje e ganhou versões em outros idiomas, sendo interpretada por muitos artistas famosos como Frank Sinatra. Outras músicas que são do compositor: “Samba do Avião”, “Águas de Março”, “Corcovado” e “Wave”.

Jobim faleceu no dia 8 de dezembro de 1994 em Nova Iorque, Estados Unidos, aos 67 anos.

• Sugestão de Álbuns:

- “Wave” (1967)
- “Francis Albert Sinatra & Antonio Carlos Jobim” (1967)
- “Stone Flower” (1970)
- “Elis & Tom” (1974)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORREIO BRAZILIENSE. 24 anos sem Tom Jobim. 2018. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/a/diversao-e-arte/2018/12/08/interna_diversao_arte,723861/24-anos-da-morte-de-tom-jobim.shtml>.

E BIOGRAFIA. Antonio Carlos Jobim. 2019. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/antonio_jobim/>.

25 Anos Do Tetra

Há 25 anos, na Copa do Mundo de 1994 nos Estados Unidos, o Brasil conquistou seu quarto título mundial. O jogo que definiu o título foi contra a Itália que no momento também tinha vencido três copas. Em uma partida acirrada o jogo foi para os pênaltis onde o Brasil ganhou a taça pela quarta vez. Bebeto, Dunga, Taffarel, e

Romário eram alguns nomes da escalção oficial. Faziam 24 anos que o país não ganhava uma copa, a última conquista da Seleção Brasileira de Futebol havia sido em 1970 no México (completando o terceiro título com os anteriores no Chile em 1962 e na Suécia em 1958). Após essa vitória, o Brasil só conquistou mais um título mundial até agora na copa sediada entre a Coreia do Sul e o Japão em 2002, sendo o maior campeão do mundo com 5 taças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CBF. 25 anos do Tetra da Seleção. 2019.
Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/selecao-brasileira/noticias/selecao-masculina/25-anos-do-tetra-da-selecao-1994-e-o-renascimento-da-tradicao>>

2ª Guerra Mundial:80 Anos Da Maior Letalidade Da História



Em 1939, Reino Unido e França não conseguiram mais ficarem calados quanto as ações tomadas por Adolf Hitler na Europa. No

dia 1 de setembro desse mesmo ano, a Alemanha invadia a Polônia, desencadeando uma série de declarações de guerra entre esses países europeus que, mais tarde, tomou o mundo. O conflito mais destrutivo da história humana, então, começava há 80 anos: a Segunda Guerra Mundial.

Esse grande “corpo a corpo” teve suas origens ainda no fim da Primeira Guerra Mundial, com o chamado Tratado de Versalhes. As consequências de tal acordo para a Alemanha, principal derrotada da primeira guerra, foram duras o suficiente para desestruturar os alemães e nutrir um sentimento de revanche por parte desses. Desde então, pouco a pouco, Alemanha foi retomando seu poderio na Europa mesmo com a vigilância que França e Reino Unido realizavam em cima dela.

A justificativa do aparente apaziguamento dos franceses e britânicos quanto aos recorrentes atos alemães, já então sob controle de Hitler, era usar a Alemanha como uma muralha para impedir um possível avanço do emergente socialismo soviético para cima dos países capitalistas. Entretanto, o acordo de não agressão nazi-soviético (ou Pacto Molotov-Ribbentrop) entre Hitler e Stálin, firmando a neutralidade de ambos os lados caso um possível conflito colocasse um contra o outro, veio à tona, centralizando o ditador nazista na temeridade de uma possível guerra. A invasão na Polônia foi, assim, o estopim para luta entre Aliados (Inglaterra, França, Estados Unidos e, mais tarde, URSS) e o Eixo (Alemanha, Itália e Japão).

A Segunda Guerra Mundial elevou os assombros de sua antecessora, essa que já havia

revelado a enorme capacidade destrutiva do homem. O dano material da segunda grande guerra chegou à casa do trilhão de dólar e as baixas humanas, sendo de sua maioria civil, oscilam entre 45 a 50 milhões de pessoas (alguns dados revelam números ainda maiores). Quanto a isso, há de se destacar o uso de sistemas de extermínio a nível industrial, como os campos de concentrações, os quais levaram, por exemplo, cerca de 6 milhões de judeus à morte.

Mudanças na geopolítica europeia também foram peças ao fim do evento: Áustria obteve sua liberdade perante a Alemanha; países como Itália, Hungria, Iugoslávia, Romênia e Bulgária substituíram seus regimes monárquicos pelo republicanismo; o totalitarismo despencou acentuadamente, apesar de Portugal e Espanha ainda ficarem sob controles de ditadores e a União Soviética passava a expandir a sua área de influência pelo continente europeu, fato esse que levaria à Guerra Fria.

75 ANOS DO DIA-D



No dia 6 de junho de 1944, em uma terça-feira, nas praias da Normandia (noroeste da França), dava-se início à derrubada do nazismo

alemão durante a Segunda Guerra Mundial. Sob o codinome de Operação Overlord (também chamada de Operação Netuno), o Dia-D é considerado a maior invasão marítima da história.

Quando as praias normandas foram invadidas pelos Aliados, a Alemanha já enfrentava duas frentes de batalha durante a guerra. No fronte em território italiano, observava-se um avanço gradual das forças britânicas e norte-americanas, enquanto no fronte leste, o exército soviético recuava o exército alemão de forma brusca. Era de grande importância a Alemanha não ficar cercada.

A execução bem sucedida da Operação Overlord fez com que os Aliados penetrassem a França, abrindo uma terceira frente contra os alemães a oeste. Isso foi um duro golpe nos nazistas, que começavam a desgastarem-se em meio ao conflito armado.

O Dia-D mobilizou, inicialmente, cerca de 150 mil soldados, entre eles britânicos, canadenses e norte-americanos. Pouco mais de 5 mil embarcações, 12 mil aeronaves e mil tanques também foram utilizados para aumentar a pressão contra a Alemanha, que acabaria por ser derrotada no ano seguinte à invasão. Estima-se que houve quase 500 mil mortos, aliados e nazistas, como saldo da Normandia e das batalhas que a sucederam na França.

Indicações de filmes e séries

- Segunda Guerra
 - A Lista de Schindler
 - O Menino do Pijama Listrado
 - A Vida é Bela
 - O Diário de Anne Frank

- O Jogo da Imitação
- Generation War

- Dia-D

- Band of Brothers
- O Resgate do Soldado Ryan

25 Anos Da Morte De Ayrton Senna

1994 foi um ano triste para o esporte brasileiro. No dia 1º de maio, o piloto de Fórmula 1 Ayrton Senna faleceu aos 34 anos em um acidente em uma corrida no circuito de Ímola na Itália após chocar seu veículo contra um muro. Senna tornou-se um ídolo do esporte no país e no mundo, conquistando 3 vitórias mundiais além de outras 41 corridas ganhas. Dirigiu para as equipes da Lotus, McLaren, Toleman e Williams-Renault. O piloto inspirou e inspira as novas gerações da Fórmula 1 como o pentacampeão Lewis Hamilton.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

O GLOBO. Morte de Ayrton Senna faz 25 anos. 2019. Disponível em:
<<https://oglobo.globo.com/esportes/morte-de-ayrton-senna-faz-25-anos-um-heroi-continuara-sendo-para-sempre-23634156>>

100 Anos Da Escola Bauhaus

Em 2019 comemoram-se 100 anos da inauguração Escola Bauhaus em Weimar na Alemanha pelo arquiteto Walter Gropius. A Escola ganhou grande reconhecimento por lançar seu próprio movimento de arte no século

passado e pela perseguição que sofreu durante o regime Nazista de Adolf Hitler.

A Bauhaus, nome que em alemão significa “casa de construção”, foi uma escola de artes, design e arquitetura que buscava apresentar ideias vanguardistas em um período em que a Alemanha passava um período de crise econômica e sofria as consequências por ter perdido a I Guerra Mundial, principalmente as imposições feitas pelo Tratado de Versalhes (1919) que encerrou oficialmente a Guerra e declarou o país como culpado. No mesmo ano de abertura a Bauhaus já lançou seu primeiro manifesto artístico e estabeleceu as diretrizes de seu curso, que se desenvolvia em três etapas: a desconstrução da ideia do “belo” e da “estética” para uma preparação intelectual; o contato com o desenvolvimento de projetos mais complexos que iam desde a publicidade e indústria até pintura e artes cênicas; por fim, o curso de arquitetura de fato.

Em 1925 o governo cortou o financiamento da Escola, a qual foi fechada em 1932 pelo partido nazista e seus artistas perseguidos. Os ideais de beleza e estética do Nazismo eram voltados para o retorno de um belo neoclássico, inspirados na Grécia e na Roma Antigas. Os nazistas disseminavam uma ideia de arte pura com um próprio projeto estético que impedia o que eles chamavam de “arte degenerada”, em sua maioria artes modernas e vanguardistas, de movimentos como o expressionismo e o futurismo, e de artistas judeus. Logo, a arte produzida pela Bauhaus não encaixava-se nesse padrão, o que acarretou a fuga de vários artistas para o exterior que promoveram lá também suas exposições e ideias.



Após o fim da II Guerra Mundial e, consequentemente, do regime Nazista, a Bauhaus foi reaberta e segue como fundação e Escola de ensino superior até a atualidade. Seu pensamento continua influenciando e formando muitos artistas, principalmente pela utilização de formas geométricas, e da criação de obras voltadas para o consumo e a produção em grande escala, como a produção de objetos e utensílios domésticos.



Sugestão de Documentário para entender o ideal de beleza nazista: “Arquitetura da Destruição” (1989) - Dir.: Peter Cohen. Disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=gDqGT4xepjQ>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DW. Há 100 anos era inaugurada a escola Bauhaus em Weimar. 2019. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/h%C3%A1-100-anos-era-inaugurada-a-escola-bauhaus-em-weimar/a-782396>>.

SUPERINTERESSANTE. As cinco ideias por trás do nazismo. 2018. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/historia/nazismo/>>

30 Anos Da Queda Do Muro De Berlim



Nos dias 09 e 10 de novembro de 2019 a queda do Muro de Berlim completará 30 anos. O episódio foi um dos mais simbólicos da Guerra Fria, pois marcou o início do processo que culminaria no fim do sistema de bipolaridade vigente desde o final da Segunda Guerra Mundial em 1945, que dividia o mundo em duas esferas de influência – de um lado, os Estados Unidos capitalista, e de outro, o bloco soviético liderado pela Rússia, de economia e sistema político socialista.

Com a derrota da Alemanha na Segunda Guerra Mundial, o território do país (e consequentemente de sua capital) foi dividido em quatro zonas de influência entre quatro das

nações vencedoras do conflito: Estados Unidos, França, Reino Unido e União Soviética. Em 1961 foi dado início à construção do muro que dividiria a parte ocidental do país (República Federal da Alemanha, ou RFA, de sistema capitalista) e a parte oriental (República Democrática Alemã – RDA, de sistema socialista). Extremamente controlados e vigiados, o Muro de Berlim e as fronteiras entre os dois Estados alemães simbolizavam literalmente a “cortina de ferro” europeia, que dividia o mundo capitalista do socialista.

Eram visíveis as diferenças entre as duas Alemanhas durante a divisão. Enquanto o lado ocidental recebia incentivos do Plano Marshall¹ para se reconstruir e impulsionar sua economia e industrialização sob regime democrático, o lado oriental filiar-se ao Pacto de Varsóvia², porém sem condições de investir mais pesadamente em sua produção e reconstrução. A situação piorou ainda mais nos anos 1970 com a crise do petróleo que, somada à situação interna, fez o país se individir. A solução encontrada foi a institucionalização de um governo altamente militarizado e autoritário, marcado por forte controle e vigilância da população.

A falta de comunicação entre os dois Estados somada às insatisfações dos alemães orientais com sua situação política e econômica resultou em uma série de protestos por parte dos cidadãos do Leste entre outubro e novembro de 1989. As pressões fizeram com que a Alemanha Oriental anunciasse, em 9 de novembro, uma nova lei de mobilidade que permitia o acesso de pessoas de seu país à Alemanha Ocidental. Para fazer endossar a lei, cidadãos de ambos os Estados (cerca de 100 mil pessoas) se reuniram

na madrugada do dia 9 para o dia 10 ao redor do muro com ferramentas para destruí-lo, em ato bastante simbólico.

O processo de reunificação da Alemanha após 50 anos de separação foi por fim concretizado em outubro de 1990, sob orientação e condução por parte do Ocidente. O evento evidenciou ainda mais a situação de crise que o bloco soviético enfrentava desde meados dos anos 1980, e foi um dos elementos que levou à sua extinção, em dezembro de 1991, inaugurando assim uma nova ordem mundial.

Para ilustrar: filme *Adeus, Lenin!* (2003)

Direção: Wolfgang Becker (II)

Alternando-se entre cenas cômicas e dramáticas, o filme alemão “Adeus, Lenin!” conta a história de dois irmãos alemães orientais que passam por todas as mudanças proporcionadas pela queda do muro e reunificação da Alemanha tendo que escondê-las de sua mãe, uma socialista que não lidaria muito bem com o fim de seu país.

Notas

1. O Plano Marshall foi um projeto de ajuda financeira encabeçado pelos Estados Unidos com o propósito de auxiliar os países europeus ocidentais a se reconstruírem no pós-Segunda Guerra, na tentativa de barrar as influências soviéticas e manter sua zona de poder.

2. O Pacto de Varsóvia foi uma aliança militar firmada em 1955 entre os países soviéticos com o objetivo de se defender de possíveis ameaças provenientes do Ocidente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Deutsche Welle Brasil: A divisão da Alemanha: de 1945 a 1989. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/a-divis%C3%A3o-da-alemanha-de-1945-a-1989/a-958753>> Acesso em: 06/08/2019.

IEGELSKI, Francine, A queda do Muro de Berlim: Considerações sobre os usos políticos do passado pela historiografia contemporânea. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1428353327_ARQUIVO_Anpuh_Iegelski.pdf> Acesso em: 06/08/2019.

50 Anos De Woodstock

Há exatos 50 anos, foi realizado em Bethel, Nova York, o festival Woodstock Music & Art Fair entre os dias 15 e 18 de agosto de 1969, representando um grande marco da contracultura dos anos 1960. O festival contou com um line-up composto por Jimi Hendrix, The Who, Jefferson Airplane, Sly & The Family Stone, Santana, Grateful Dead, Creedence Clearwater Revival e Janis Joplin & The Kozmic Blues Band. Bandas como The Doors, Led Zeppelin, Jethro Tull e Beatles também foram cotados para o evento, porém, por diferentes razões não compareceram.

Oficialmente participaram 400 mil pessoas, embora haja relatos de cerca de 1 milhão de pessoas presentes no evento, somente 186 mil ingressos foram vendidos. O festival hippie teve como motivação arrecadar fundos para a construção de um estúdio de música em

Woodstock, cidade onde foi idealizada a realização do festival, mas houve rejeição dos moradores locais ao evento e por esse motivo não se realizou ali. E também promover a celebração da paz, música e do amor.

Para entender o movimento de contracultura fortemente representado pelo festival, vejamos, resumidamente, o contexto histórico, político e cultural da década de 1960.

Auge da Guerra Fria e da corrida armamentista entre EUA e URSS, forte movimento pelos direitos civis dos negros liderados por figuras como Martin Luther King nos EUA, e o envolvimento dos EUA na guerra do Vietnã, fator principal do desencadeamento do movimento hippie. Nesse contexto Woodstock impactou o mundo levando a expressão artística alternativa para uma luta direta contra o estilo consumista americano de viver, indo contra a hierarquia de valores estabelecidos na época. Simbolizou o ápice do movimento hippie e de contracultura, influenciando a juventude do mundo todo. O termo contracultura, se refere ao conjunto de movimentos de rebelião da juventude, contando com expressões artísticas, música, arte, estética, movimentações nas universidades, etc. Refere-se a um certo modo de contestação, de enfrentamento diante da ordem vigente, de caráter radical e opondo-se às forças tradicionais dominantes. A característica mais marcante do movimento era seu caráter não-violento, a idéia de peace and love. Pela primeira vez nos EUA muitos jovens recusavam-se a alistar no exército.

O discurso do movimento estudantil internacional nos anos 1960 criticava as

contradições da sociedade capitalista, tecnocrática, e industrial. Teve sua importância principalmente pelo poder de mobilização que gerou, pela natureza de ideias que colocou em circulação e pelo modo como as veiculou e pelo espaço de intervenção crítica que gerou.

No Brasil, em meio ao período da ditadura militar, houve forte influência do movimento hippie na cultura brasileira, sobretudo no Tropicalismo, movimento cultural que teve como expoentes Caetano Veloso, Gilberto Gil, Tom Zé e Os Mutantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/festival-de-woodstock-marco-da-contracultura-faz-40-anos.htm>
<https://colunastortas.com.br/festival-de-woodstock-1969-o-festival-da-contracultura/>
<https://projetopulso.com.br/8-curiosidades-que-voce-precisa-saber-sobre-woodstock/>
<http://movwoodstock.blogspot.com/p/traco.html>

100 Anos De Eva Perón E Peronismo Na Argentina

No dia 7 de maio de 1919, nascia a argentina Eva Perón, figura central no populismo argentino. A atriz foi casada com Juan Domingo Perón, que se tornou presidente da Argentina em 1946.

A fama de Evita Perón, como era chamada, foi além da de primeira dama, mas também como ativista política, ficando conhecida como “mãe dos pobres” e até mesmo “Santa Evita”, devido

ao seu trabalho e dedicação na Fundação Evita Perón. Instituição de assistência social que atendia a população mais pobre (os chamados “descamisados”) com a implantação de uma ampla rede de saúde com a construção de hospitais, escolas de tempo integral e fornecimento de medicamentos.

Além disso, Evita Perón era defensora do voto feminino e lutava pelo direito das mulheres; também criou o Partido Peronista Feminino, responsável pela maior inserção das mulheres na política nesse período.

Devido às grandes contribuições de Eva Perón, o povo se manifestava pedindo para que a primeira-dama assumisse como vice-presidente.

Entretanto, um câncer de ovário fez com que Evita não pudesse atender aos clamores da população. Eva Perón morreu em Buenos Aires aos 33 anos, em 26 de julho de 1952, causando enorme comoção na Argentina, com 3 milhões de pessoas tomando as ruas.

O período conhecido como “peronismo” é durante os mandatos de Juan Domingo Perón, que compreende entre 1956 e 1955 e 1973 até 1974. Nesse período, o presidente Perón implantou medidas de caráter nacionalista, como a nacionalização de ferrovias e do Banco Central. Além disso, houveram também medidas de assistência social à população mais pobre, aproximando a imagem do presidente à população, tornando Perón uma espécie de “pai dos pobres”.



Esse período é conhecido por ter forte caráter populista, assim como ocorreu em outros países da América Latina, como o mandato de Getúlio Vargas no Brasil e Lázaro Cardenas, no México.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/mulheres-que-mudaram-a-historia-eva-peron/>
<https://acervo.estadao.com.br/noticias/personalidades,evita-peron,944,0.htm>
<https://brasilecola.uol.com.br/biografia/eva-peron.htm>
<https://www.brasilefato.com.br/2019/05/07/eva-peron-100-anos-or-o-legado-da-mulher-que-virou-simbolo-da-historia-argentina/>
<https://brasilecola.uol.com.br/historia-da-america/peronismo.htm>
<https://www.suapesquisa.com/historia/peronismo.htm>

100 Anos Do Tratado De Versalhes

Em 2019 o Tratado de Versalhes completou 100 anos, sua importância é simbólica, já que foi o responsável por acabar oficialmente com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918).

A Grande Guerra, como ficou conhecida, foi um dos embates mais importantes da história da humanidade, por ter sido um conflito que mobilizou um grande número de países participantes e milhões de soldados, além da sofisticação dos armamentos utilizados, e o uso de armas químicas, como gás de mostarda.

O conflito foi resultado de disputas ocasionadas pelo imperialismo, expansionismo e rivalidades motivadas pelo revanchismo e nacionalismo, o que gerou um clima de tensão na Europa. Esse contexto motivou os países a formarem alianças militares: a Tríplice Aliança contava com a Alemanha, Áustria-Hungria e o Império Otomano, enquanto a Tríplice Entente era formada pela Rússia, Grã-Bretanha, França e Itália, e em 1917, houve a entrada dos EUA. O país foi decisivo para a vitória da Tríplice Entente.

Mesmo com o fim da guerra em 1918, com a Alemanha assinando a trégua em 11 de novembro do mesmo ano, o Tratado de Versalhes, assinado um ano depois, em 28 de junho de 1919, foi o responsável por oficializar o fim do conflito, acabando definitivamente o combate que ainda persistia em algumas regiões. Ele contou com 27 nações, incluindo o Brasil, e teve a liderança dos EUA, Reino Unido, França e Itália - os três grandes ganhadores. Foi assinado durante a Conferência de Paz de Paris, na cidade de Versalhes, França. Na mesma Conferência, criado pelo Tratado, houve a formação da Liga das Nações, uma instituição internacional criada para ajudar a garantir o equilíbrio dos países e evitar uma nova guerra.

A Alemanha não teve o direito de participar de tal Conferência, e teve que assumir a responsabilidade pela Grande Guerra. O Tratado exigiu uma série de exigências políticas, econômicas e militares do país. Foi um acordo radical que visava enfraquecer os alemães, se vingar do país por suas ações e ganhar vantagem econômica para pagar os prejuízos da guerra - interesse dos ingleses e franceses. Alguns de seus principais pontos foram: a responsabilização total de ser causador da guerra; pagamento de uma indenização de 33 bilhões de libras-ouro para os países vencedores; redução do Exército a 10% do montante do início da guerra e proibição de recrutamento; proibição de ter marinha, aeronáutica, tanques de guerra e artilharia pesada; limitação da indústria bélica; perda de 1/7 de seu território.

Dentre as principais consequências que o acordo teve, pode-se destacar mudanças no mapa europeu, extinguindo países, criando outros e ou os dividindo, o que causou em muitos casos ainda mais tensão; e o revanchismo alemão. As severas imposições do acordo foram consideradas humilhantes para os alemães, o que contribuiu para o surgimento de grupos políticos com ideologias políticas radicais. Ainda, a Alemanha entrou em uma crise econômica, o que ajudou na ascensão da extrema-direita no país e no surgimento do nazismo. A indignação causada pelo acordo levou, alguns anos mais tarde, Adolf Hitler a chegar ao poder, e um novo conflito como sendo necessário para reerguer a Alemanha e se vingar - a Segunda Guerra Mundial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA, Juliana. Tratado de Versalhes (1919). Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/tratado-de-versalhes/>>. Acesso em: 03 ago. 2019.
- CASTRO, Luiz Oliveira. 100 ANOS DO TRATADO DE VERSALHES. 2019. Disponível em: <<https://descomplica.com.br/tudo-sobre-concursos/100-anos-do-tratado-de-versalhes/>>. Acesso em: 01 ago. 2019.
- CREUZ, Derek Assenço. Os 100 Anos do Tratado de Versalhes e a Criação da Sociedade das Nações. 2019. Disponível em: <<http://jornalri.com.br/derek-assencco-creuz/os-100-anos-do-tratado-de-versalhes-e-a-criacao-da-sociedade-das-nacoes>>. Acesso em: 01 ago. 2019.
- DORIGO, Gianpaolo. Fim da Grande Guerra completa 100 anos: Conheça os detalhes. 2018. Disponível em: <<https://dicasdevestibular.blogosfera.uol.com.br/2018/01/15/fim-da-primeira-guerra-completa-100-anos-conheca-os-detalhes/>>. Acesso em: 02 ago. 2019.
- LESME, Adriano. 100 anos do Tratado de Versalhes. 2019. Disponível em: <<https://vestibular.brasilecola.uol.com.br/atualidades/100-anos-tratado-versalhes.htm>>. Acesso em: 03 ago. 2019.
- SILVA, Bruno Izaías da. Tratado de Versalhes. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/tratado-de-versalhes/>>. Acesso em: 07 ago. 2019.
- SILVA, Daniel Neves. "Tratado de Versalhes"; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/tratado-versalhes.htm>> Acesso em 09 de agosto de 2019.

250 Anos Do Nascimento De Napoleão

Napoleão Bonaparte nasceu em 15 de agosto de 1769, sendo em 2019 o aniversário de 250 anos de seu nascimento. Nascido em Ajaccio, cidade francesa da região de Córsega, no Mediterrâneo, foi o segundo filho de oito, com uma família de ascendência nobre. Ingressou na Academia Real Militar de Paris aos 15 anos, e ainda cedo demonstrou habilidades que o destacavam na área.

O contexto da Revolução Francesa em 1789, trouxe ainda mais destaque para o general. A França passava por uma crise política, econômica e social, advinda dos custos elevados e desnecessários do governo francês e pelo atraso econômico pela falta de reformas que não ocorriam. O ciclo revolucionário foi o responsável por levar ao fim do absolutismo e dos privilégios de isenção de tributos - restritos ao clero e a nobreza.

A Revolução contou também com a influência do pensamento iluminista, que visava a igualdade de direitos e a luta contra a opressão absolutista. Uma das mais importantes heranças da Revolução Francesa, aliás, foi a Declaração dos Direitos Humanos e do Cidadão, documento que determinava, teoricamente, que todos os homens eram iguais perante a lei; com o ideal universal de liberdade, igualdade e fraternidade.

A Queda da Bastilha foi a tomada da prisão pelo povo parisiense, e foi o marco do início da Revolução, espalhando um fervor revolucionário pelo país. Durante o conflito, os burgueses franceses viram em Napoleão uma figura capaz de contornar o caos estabelecido

com a Revolução, mas foi apenas em 1792 que Napoleão se posicionou a favor dos jacobinos.

Em 1799, ocorreu um golpe político realizado por membros da alta burguesia, alguns nobres e membros do exército, que buscavam um governo forte e centralizador. O dia do golpe foi chamada O 18 Brumário, e pode ser considerado como o início da Era Napoleônica. O poder político foi dividido entre Napoleão e mais dois representantes, contudo era o general que detinha a maior importância política. Nesse momento, a França ganhou uma nova Constituição e foram tomadas medidas e reformas para tentar recuperar a economia francesa e pôr fim à crise institucional da nação.

Essa estrutura de poder durou até o ano de 1804, quando, através de um plebiscito, Napoleão conseguiu se tornar imperador da França, dando início ao Império Napoleônico. Seu Império foi caracterizado por intensas guerras travadas pelo continente europeu - as famosas Guerras Napoleônicas. Vistas por Napoleão como libertadoras, já que seu principal objetivo era acabar com o absolutismo monárquico em outros Estados, além de possuir um projeto de dominação imperialista de expansão do território francês. Esse período também contou com profundas reformas sociais e políticas na França, através do Código Civil Napoleônico, que garantiu direitos fundamentais, como igualdade dos franceses perante a lei, Estado laico, liberdade de expressão e pensamento, direito de ir e vir, direito de propriedade e vários outros princípios que influenciaram nas constituições democráticas das nações ocidentais a partir do século XIX. Em contrapartida, porém, o mesmo

Código instituiu a proibição de greves e a retomada de escravidão nas colônias francesas.

Napoleão fez diversos inimigos durante seu tempo como imperador, como os reinos da Áustria, Prússia e Rússia - já que simbolizavam a estrutura absolutista na Europa. Além da Inglaterra, inimiga histórica da França. Foi justamente para atingir a Inglaterra que Napoleão decretou o Bloqueio Continental em 1806, que decretava sanções econômicas que os países europeus deveriam aplicar à Inglaterra. Caso houvesse a recusa, o país enfrentaria o ataque das tropas francesas. O Bloqueio Continental possuiu importantes consequências, o governo de Portugal, por exemplo, se recusava a aderir a ele completamente devido a sua aliança comercial com a Inglaterra, da qual era extremamente dependente, e em 1807, com um ultimato de Napoleão, Dom João, o então regente de Portugal, sem condições de enfrentar o exército francês, teve que transferir a Corte portuguesa para o Brasil, que se tornou a sede do reino.

O Império Napoleônico começou a enfrentar problemas em 1812, quando entrou em guerra contra a Rússia, que parou de seguir as sanções do Bloqueio Continental. O inverno rigoroso, a tática da “terra arrasada”, e a forte resistência das tropas russas trouxeram uma imensa derrota aos franceses.

Enfraquecido, Napoleão sofreu com rebeliões que apareciam em diferentes partes do seu domínio, sofrendo seguidas derrotas pela Europa, e tendo oficialmente, em 1815, sido derrotado na Batalha de Waterloo, golpe final que significou o fim do Império Napoleônico.

O Império de Napoleão deixou uma herança na França e Europa. Na França foi consolidado instituições, tais quais o ensino público, Banco da França, Código Civil e Código do Comércio. Na Europa, provocaram o fim do feudalismo e cooperaram para o nascimento do nacionalismo em regiões como a Bélgica, Itália e Alemanha. Ainda, a derrota de Napoleão, fez com que as nações europeias se reunissem na cidade de Viena, para O Congresso de Viena. O objetivo do congresso era restabelecer o Antigo Regime e as novas fronteiras europeias, já que era preciso averiguar a nova situação e os direitos dos reis na Europa pós-Napoleônica. O Império Napoleônico disseminou o ideário liberal, enquanto a Revolução Francesa tornou inegável que o poder absolutista não poderia mais se comportar da mesma forma. Assim, Napoleão teve um papel importante de influência para que se abrisse caminho para a necessidade de haver direitos políticos e sociais mais amplos, dando origem a uma série de revoluções burguesas nos anos seguintes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Disponível em: <<https://www.suapesquisa.com/biografias/napoleao.htm>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

AGUIAR, Lilian. A importância do Iluminismo Francês. Disponível em: <<https://www.historiadomundo.com.br/idade-moderna/a-importancia-do-iluminismo-frances-.htm>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

BEZERRA, Juliana. Império Napoleônico. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/imperio-napoleonico/>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

BEZERRA, Juliana. Revolução Francesa (1789). Disponível em:

<<https://www.todamateria.com.br/revolucao-francesa/>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

DELPHINO, Cristine. Bloqueio Continental. Disponível em:

<<https://www.infoescola.com/historia/bloqueio-continental/>>. Acesso em: 01 ago. 2019.

FERNANDES, Cláudio. "Napoleão Bonaparte"; Brasil Escola. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/biografia/napoleao-bonaparte.htm>. Acesso em 09 de agosto de 2019.

PETRONI, Camila Caldas. Napoleão

Bonaparte. Disponível em:

<<https://www.infoescola.com/biografias/napoleao-bonaparte/>>. Acesso em: 04 ago. 2019.

PISSURNO, Fernanda Paixão. Revolução Francesa. Disponível em:

<<https://www.infoescola.com/historia/revolucao-francesa/>>. Acesso em: 08 ago. 2019.

SANTIAGO, Emerson. Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/direito/declaracao-dos-direitos-do-homem-e-do-cidadao/>>. Acesso em: 06 ago. 2019.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "Congresso de Viena"; Brasil Escola. Disponível em:

<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/congresso-viena.htm>. Acesso em 09 de agosto de 2019.

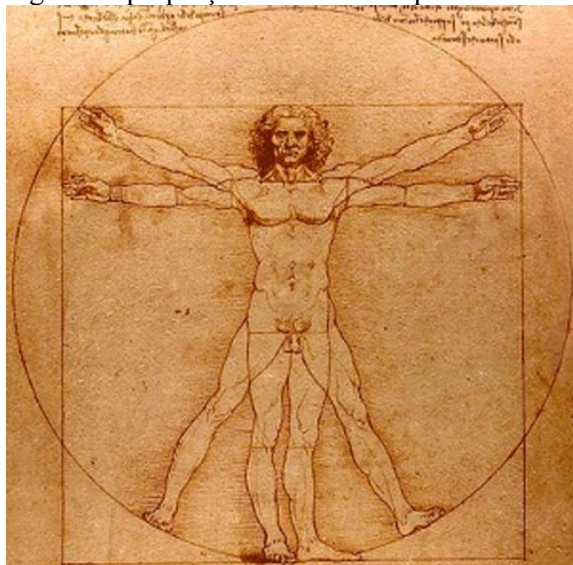
500 Anos Da Morte De Leonardo Da Vinci

Em 2019 houve a celebração dos 500 anos da morte de Leonardo da Vinci (1452-1519). Figura de grande importância e relevância histórica, Da Vinci foi um artista e inventor italiano, considerado um dos maiores exemplos do Renascimento Europeu.

O Renascimento Europeu foi um movimento cultural, econômico e político que surgiu na Itália no século 14 e persistiu até o século 16. Esse movimento obteve inspiração dos valores da Antiguidade Clássica, e foi resultado das modificações que a sociedade passava, dando início à Idade Moderna. Suas principais características foram: o racionalismo (razão como único caminho para chegar ao conhecimento); experimentalismo (todo conhecimento poderia e deveria ser demonstrado através da experiência científica); individualismo (necessidade do homem de conhecer a si mesmo); e o antropocentrismo (homem como centro do universo). Desta forma, Da Vinci simboliza o homem do Renascimento, por apresentar um amplo conhecimento da técnica, ciência e arte; com aptidões de pintor, escultor, cientista, engenheiro, anatomista, matemático, escritor e arquiteto.

Seu legado persiste, seja na pintura, com Mona Lisa, um dos quadros mais famosos do mundo; o Tratado de Pintura, primeira base de dados para a criação de uma teoria das cores; aperfeiçoamento do sfumato, técnica na pintura que borra as linhas entre os personagens e a paisagem, cuja intenção era passar a integração do homem com a natureza.

Leonardo também usava os conhecimentos acerca da geometria e matemática em suas pinturas e projetos de engenharia, o que levou o artista a aplicar, por exemplo, a proporção áurea em suas obras. Um outro exemplo do uso matemático e de geometria em sua obra é o Homem Vitruviano (imagem abaixo), já que Leonardo acreditava que as regras matemáticas regiam as proporções ideais do corpo.



Na parte de anatomia humana, por querer retratar melhor a forma humana em pinturas e esculturas, Da Vinci realizou estudos anatômicos com o intuito de aprender com precisão os detalhes do corpo humano. Através da dissecação de corpos ele descobriu, pela primeira vez, a aterosclerose: o entupimento de uma artéria em decorrência do acúmulo de gordura.

Da Vinci também estudou o voo dos pássaros e tentou reproduzir o movimento de suas asas, criando protótipos mecânicos voadores. O mais famoso é o ornitóptero, precursor da asa-delta de hoje, mas também houve o paraquedas e o helicóptero, em que o inventor deixou anotações com detalhes sobre como este funcionaria no futuro. Além disso, o inventor criou máquinas que podem ser consideradas percursos de robôs, altamente complexos foram utilizados pela Nasa, posteriormente, para a criação do primeiro robô humano.

Leonardo também é reconhecido por seu interesse em tecnologia militar, tendo criado máquinas de guerra, como um projeto rudimentar de uma metralhadora e um carro de assalto, precursor dos tanques de guerra. Também trabalhou com engenharia hidráulica, além de ter sido o primeiro a criar um projeto de um carro de autopropulsão e uma geladeira.

Da Vinci deixou como legado inúmeros estudos em diversas áreas e invenções que continuam a fascinar o mundo até hoje, já que abriu caminhos para diversos estudos e inspiração para colocar suas invenções em prática. Inclusive, uma grande parte de suas invenções tiveram que esperar séculos para que a tecnologia evoluísse e permitisse suas criações. Ajudou a formatar o método científico e conjugou a arte e a ciência, criando obras que fazem agora parte da história e do imaginário coletivo da humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

_____. Itália e França se unem para recordar os 500 anos da morte de Da Vinci. 2019. Disponível em:

<https://www.em.com.br/app/noticia/internacional/2019/05/02/interna_internacional,1050603/italia-e-franca-se-unem-para-remember-os-500-anos-da-morte-de-da-vinci.shtml>. Acesso em: 08 ago. 2019.

_____. Leonardo da Vinci, 500 anos depois: como o gênio transformou as nossas vidas. 2019. Disponível em:

<<https://www.bbc.com/portuguese/geral-48138261>>. Acesso em: 06 ago. 2019.

_____. Memória: 500 anos da morte de Leonardo Da Vinci. 2019. Disponível em: <<https://impa.br/noticias/memoria-500-anos-da-morte-de-leonardo-da-vinci/>>. Acesso em: 06 ago. 2019.

CUNHA, Carolina. Educação - Leonardo da Vinci: 500 anos da morte do gênio renascentista. Disponível em:

<<https://vestibular.uol.com.br/resumo-das-disciplinas/atualidades/educacao---leonardo-da-vinci-500-anos-da-morte-do-genio-renascentista.htm>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

DIANA, Daniela. Renascimento: Características e Contexto Histórico. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/renascimento-caracteristicas-e-contexto-historico/>>. Acesso em: 09 ago. 2019.

GABRIEL, Ruan de Sousa. Por que Leonardo Da Vinci ainda nos impressiona 500 anos após sua morte? 2019. Disponível em:

<<https://oglobo.globo.com/cultura/por-que-leonardo-da-vinci-ainda-nos-impressiona-500-anos-apos-sua-morte-23634967>>. Acesso em: 05 ago. 2019.

Primeiro Poço De Petróleo No Brasil

Os derivados do petróleo têm diversos usos na sociedade atual, como a gasolina, que faz mover os automóveis e aviões, e a nafta, que serve para os motores diesel de caminhão, de automotrizs ferroviárias, e aos motores gigantes dos navios. Do petróleo, pode-se obter até eletricidade: nas usinas termoelétricas, de fato, os dínamos que produzem energia são acionados por motores diesel. Também dele derivam: os óleos lubrificantes, indispensáveis para o bom funcionamento de qualquer tipo de motor, e os asfaltos e os betumes, empregados na construção de rodovias. Transformado em plásticos, pode produzir borracha sintética, tintas, corantes, adesivos, solventes, detergentes, explosivos, produtos farmacêuticos e de cosmética, entre outras muitas aplicações.

No ano de 2019, completou-se 80 anos da descoberta do primeiro poço de petróleo no Brasil, que ficava em Lobato, atualmente um bairro na periferia de Salvador (BA). De lá para cá, a história do chamado “ouro negro” tem momentos de orgulho nacional, como a criação da Petrobras e a descoberta do pré-sal, e de escândalos de corrupção, como os revelados na Operação Lava-Jato.

Em 1939, a localidade de Lobato, no Recôncavo Baiano, ganhou projeção nacional com a descoberta do primeiro poço de petróleo do país, que se revelou economicamente inviável. Coube ao município de Candeias, a quase 50km de Salvador, o pioneirismo na produção comercial de petróleo, em 1941. Nove anos depois, foi inaugurada na região a

Refinaria Landulpho Alves (Rlam), a primeira do Brasil

A partir de 1947, a campanha “O petróleo é nosso” deixou em lados opostos os setores liberais, favoráveis à participação do capital estrangeiro na exploração de petróleo e descritos como entreguistas, e os defensores do monopólio estatal, considerados nacionalistas.

Em 1951, Getúlio Vargas, na época presidente da República, lançou um projeto de lei para a criação da Petrobras. Depois de quase dois anos de batalhas no Congresso, a medida foi aprovada no Senado e sancionada por Vargas em outubro de 1953. Durante mais de quatro décadas, a empresa teve o monopólio da exploração, do refino e do transporte de petróleo.

Mas a economia da região de Candeias perdeu fôlego após a descoberta de óleo na Bacia de Campos, no fim dos anos 1970, o que contribuiu para que a produção em terra ficasse em segundo plano. Segundo dados da Associação Brasileira de Produtores Independentes de Petróleo (Abpip), dos 250 poços perfurados na cidade, apenas 50 têm produção efetiva, de onde saem 500 barris por dia. Em 1958, o volume diário era de 17 mil barris.

A quebra do monopólio da Petrobras veio em 1997, no primeiro governo de Fernando Henrique Cardoso. A lei 9.478, conhecida como Lei do Petróleo, ofereceu a empresas privadas estrangeiras a oportunidade de participar da exploração dessa matéria-prima no Brasil. A nova legislação também permitiu que fosse criada, em 1998, a Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis - ANP,

responsável por fiscalizar o funcionamento dessa atividade industrial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

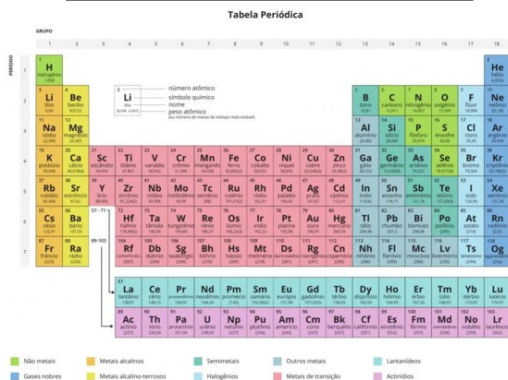
A importância do petróleo para a economia mundial. Larco. Disponível em: <http://www.larcopetroleo.com.br/noticias/a-importancia-do-petroleo-para-a-economia-mundial/>. Acessado em: ? de 2019.

DO primeiro poço ao pré-sal: 80 anos de exploração do petróleo. O Globo (15/05/2019). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/enem/acervo/do-primeiro-poco-ao-pre-sal-80-anos-de-exploracao-do-petroleo-23665525>. Acessado em: ? de 2019.

PETRÓLEO 80 anos: da exploração em terra às águas profundas. O Globo (21/01/2019). Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/petroleo-80-anos-da-exploracao-em-terra-as-aguas-profundas-23387420>. Acessado em: ? de 2019.

SOUZA, Rainer Gonçalves. História do Petróleo no Brasil. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/historia-do-petroleo-no-brasil.htm>. Acessado em: ? de 2019.

150 Anos Da Tabela Periódica



Criada em 1869 pelo russo Dimitri Mendeleev, a Tabela Periódica completa 150 anos em 2019. Muito usada em aulas de química, ela possui a finalidade de organizar os elementos de acordo com algumas propriedades, sendo elas: tamanho, raio atômico, reatividade, entre outras.

Embora efetivamente criada em 1869, sua história iniciou-se muito tempo antes, e a descoberta dos elementos químicos, bem como a evolução dos modelos atômicos, foram o pontapé inicial desta longa trajetória. Na Antiguidade alguns elementos -como o ouro, prata e estanho- já eram conhecidos. Em sequência, a evolução da química aconteceu na Idade Média, acompanhada pelo desenvolvimento da alquimia- que buscava significado metafísico para todas as substâncias. É neste período que ocorreu, então a primeira descoberta científica de uma elemento químico: o fósforo (descoberto pelo alquimista alemão Henning Brand). Em 1789 Lavoisier produziu o “Tratado Elementar da Química”, que além de

apresentar uma das leis mais usadas nessa matéria (“Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”), nomeou os 33 elementos até então conhecidos de acordo com suas capacidades - assim, hidrogênio, por exemplo, significa formador de água.

A primeira proposta de formação da tabela ocorreu no século XIX, por Dobreimer. observando padrões em alguns elementos, ele propôs a separação em tríades, ou seja, grupos de 3 elementos. Em 1862, Chancourtois ordenou os elementos ao redor de uma espécie de cilindro, que mais parecia uma rosca de um parafuso, criando, assim, o modelo conhecido como “Parafuso Telúrico”.

Antes de Mendeleev, a tabela foi organizada por Newlands, e era baseada em notas musicais. Ele criou a chamada “Lei das oitavas”, separando os elementos em grupos baseados na observação de que o primeiro possui propriedades semelhantes às do oitavo.

Finalmente em 1869, a tabela foi sistematizada em linhas (horizontal) e colunas (vertical), seguindo, inicialmente, uma linha crescente de massa atômica. Posteriormente, após o modelo de Bohr, os elementos passaram a ser dispostos por números atômicos (quantidade de prótons), para maior precisão e organização das propriedades periódicas. As linhas, que também são conhecidas por “períodos”, vão de 1 a 7 e indicam o nível de distribuição do último elétron da camada de valência, além de evidenciar o número de camadas (K,L,M,N,O,P,Q) do átomo.

Já as colunas vão de 1 a 18 e representam as “famílias”, as quais reúnem os elementos quimicamente semelhantes, pois todos eles

terminam a mesma quantidade de elétrons no mesmo subnível.

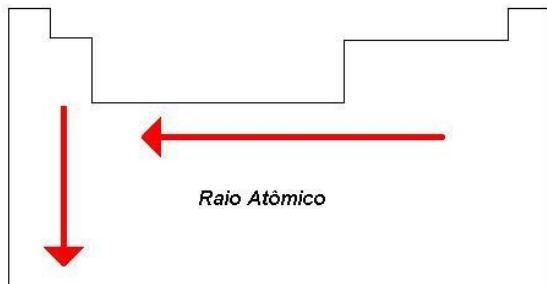
As famílias, ou grupos, ganharam nomes com o passar da história. O grupo 1, por exemplo, é conhecido como “metais alcalinos”.

Família ou Grupo	Elementos	Quantidade de elétrons na camada de valência	Nomes
1	Li, Na, K, Rb, Cs, Fr	1 elétron	Metais Alcalinos
2	Be, Mg, Ca, Sr, Ba, Ra	2 elétrons	Metais Alcalinoterrosos
13	B, Al, Ga, In, Tl	3 elétrons	Grupo do Boro
14	C, Si, Ge, Sn, Pb	4 elétrons	Grupo do Nitrogênio
15	N, P, As, Sb, Bi	5 elétrons	Grupo do Carbono
16	O, S, Se, Te, Po	6 elétrons	Calcogênios
17	F, Cl, Br, I, At	7 elétrons	Halogênios
18	He, Ne, Ar, Kr, Xe, Rn	8 elétrons (com exceção do hélio, que tem 2 elétrons na última camada)	Gases Nobres

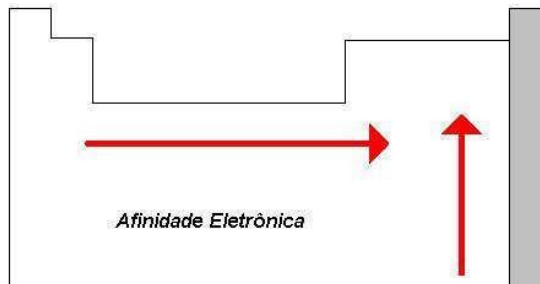
Na tabela periódica, há, ainda, os elementos representativos e os elementos de transição (interna e externa). Essa classificação relaciona-se com o subnível em que o último elétron da camada de valência se encontra. Nos elementos representativos, a distribuição eletrônica termina nos subníveis s ou p. Já nos elementos de transição, a distribuição se encerra nos subníveis d ou f. Essa classificação pode ser facilmente visualizada na imagem abaixo.

Em relação às propriedades periódicas observadas na tabela, pode-se evidenciar:

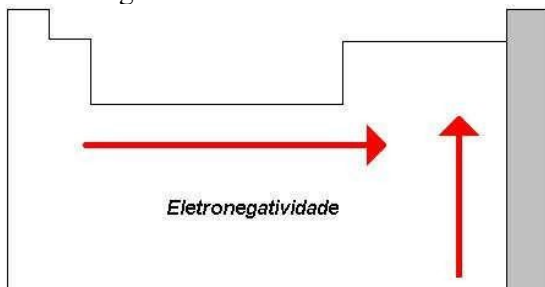
Raio atômico



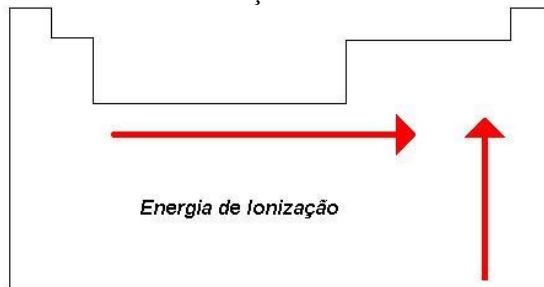
Afinidade Eletrônica



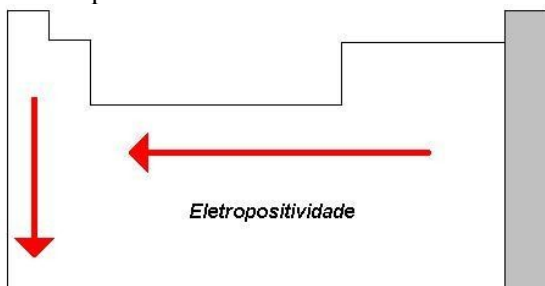
Eletronegatividade



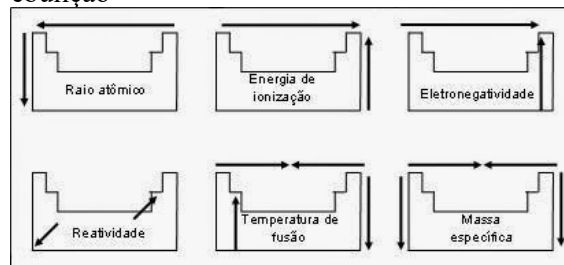
Potencial de Ionização



Eletropositividade



Densidade, Volume atômico, Ponto de fusão e ebulição



111 Anos Da Imigração Japonesa

Há 111 anos desembarcava, no Brasil, o navio Kasato Maru, responsável pela vinda de 781 japoneses cuja função era trabalhar nas lavouras cafeeiras paulistas. Localizados em pontos antípodas do planeta, Brasil de Japão celebram quase 120 anos de intercâmbio cultural, social, político e econômico. O elo migratório é tão forte que o Brasil possui a maior população japonesa fora do Japão, sendo que seus descendentes somam cerca de 2 milhões de pessoas.

Os primeiros passos do relacionamento entre os países iniciam-se já no século XIX, em 1895, com a assinatura do Tratado de Amizade, Comércio e Navegação. Com a crise econômica Japonesa, as relações passaram de esporádicas à efetivas com a chegada dos primeiros imigrantes japoneses em solo brasileiro, que ocorreu em 18 de junho de 1908, graças a produção cafeeira do Oeste Paulista- pois ela estava em crescimento, mas não possuía mão-de-obra suficiente.

Posteriormente, a partir de 1925, o governo japonês passou a incentivar a vinda para o Brasil, arcando com a passagem dos migrantes. Assim, estima-se que na fase anterior à Segunda Guerra, que vai de 1908-1941, o Japão tenha enviado cerca de 190 mil pessoas, as quais vinham majoritariamente na condição de agricultores. Houve o rompimento das relações diplomáticas em 1942, quando o Brasil tomou o partido dos Aliados e o Japão, do Eixo, na Segunda Guerra Mundial. Foi somente em 1952 que as relações Brasil-Japão foram reatadas, e as imigrações japonesas no Brasil cresceram, expandindo-se para outras áreas como a área

industrial. Posteriormente, com a melhora na situação econômica do Japão em 1975, o fluxo de japoneses para o Brasil diminuiu consideravelmente, e houve o crescimento de um pequeno movimento de retorno.

Em relação a este tema é importante analisar o contexto histórico em que este intercâmbio aconteceu (como analisado brevemente acima), bem como suas consequências – entre elas destaca-se a influência da cultura japonesa (a qual vai muito além de pratos e guloseimas), e a importância dos migrantes para o desenvolvimento do nosso país (pois estes contribuíram, e contribuem, com seus talentos, serviços e capitais).

Por fim, vale ressaltar que as relações entre Brasil e Japão têm sido marcadas, desde o início, por visitas de autoridades representativas, bem como acordos comerciais. Atualmente, além do significativo intercâmbio econômico (cujo intercâmbio bilateral foi de mais de US\$ 8,6 bilhões em 2018, segundo o Ministério das Relações Exteriores), o câmbio político cresceu após a cooperação no G-4 (Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas).

25 Anos De Eleição De Mandela + 150 Anos De Nascimento De Gandhi



No ano de 2019 se completa 150 anos do nascimento de um dos principais líderes da independência indiana, Mahatma Gandhi (1869-1948), e 25 anos desde a eleição de Nelson Mandela, o primeiro presidente eleito democraticamente da África do Sul.

Mandela nasceu em 1918 em Mvezo em uma família nobre tribal, na antiga União Sul-Africana, território de domínio britânico que se tornou independente 1931 após o Estatuto de Westminster. No início dos anos 40 após ter terminado a universidade e se mudado para Joanesburgo, inicia sua carreira política participando no partido Congresso Nacional Africano (CNA), um movimento de negros que lutavam contra o sistema segregacionista sul-africano.

No início foi um importante líder pacifista, mas com o aumento da violência e repressão do Estado, se envolveu com a resistência armada, a Umkhonto we Sizwe (MK), Lança da Nação em zulu, braço armado do CNA. Em 1962 é

capturado e fica sobre cárcere durante 27 anos, sendo liberto em 1990 após grande pressão nacional e internacional e pela legalização do CNA (proibido desde 1960 com a instauração do regime do Apartheid). Os anos entre 1990 e 1994 foram de transição, no período do governo de F. W. de Klerk, o qual durante o governo de Mandela é o seu vice. Em 1994 acontecem então as primeiras eleições livres do país, com participação de toda a população e sendo considerada livre e justa por observadores internacionais, e Mandela representado pelo CNA ganha as eleições com 62,9% dos votos, em segundo lugar o Partido Nacional com 22% (responsável pela instauração do Apartheid). Com uma nova constituição, o presidente realiza diversas importantes reformas, e entre 1996 e 2016 o número de pessoas com educação básica mais que dobrou e com ensino superior triplicou, todavia o desemprego continua altíssimo, além de que 80,4% das pessoas pobres no país são pretas, apenas 8,3% são brancas. As cicatrizes de mais de 50 anos de um regime segregacionista ainda tem fortes marcas, e em passos lentos vem sendo superadas.

O líder indiano Mohandas Karamchand Gandhi, também chamado de Mahatma Gandhi (o primeiro nome significa “a grande alma”) nasceu em 1869 em Porbandar. Vindo de uma família de comerciantes ricos, aos 17 anos viaja para a Inglaterra estudar direito, tendo contato com o livro Bhagavad-gita que foi importante para sua formação religiosa e futuramente política. Em 1891 volta à Índia e tendo dificuldades de exercer sua profissão, viaja para a África do sul para realizar um trabalho, e nesse país se depara com a grande

discriminação sofrida pelos indianos, e sabendo de uma proposta de lei que impediria indianos de votarem, Gandhi inicia sua luta social no país. Em 1897 retorna para Índia a fim de buscar sua família, mas encontra dificuldade de entrar no país, e sofre um ato de violência por parte da população branca, mas decide não prestar queixas. Entre 1906 e 1907 inicia seus primeiros atos de desobediência civil e da não violência, baseada na filosofia criada por ele Satyagraha, devido principalmente a uma medida dos ingleses que faziam com que todos indianos fossem registrados para os impedir de realizar certas viagens. Foi preso inúmeras vezes, mas ao conseguir sucesso com seu protesto apenas em 1914, volta para Índia, e em 1919 evoca novos protestos contra leis que reprimiam a oposição indiana no governo local, e nesse ano acontece o massacre de Jallianwala Bagh, quando militares ingleses assassinam 400 pessoas e ferindo 1100. Em 1930 inicia uma marcha de 400km até o mar arábico para produzir sal, assim protestando contra o monopólio britânico sobre o sal. Durante os anos da 2ª guerra mundial, as tensões aumentaram entre extremistas hindus e muçulmanos a favor da independência, e após a guerra, em 1947 o antigo território do Raj Britânico se divide em 2 países independentes (um para hindus e outro para muçulmanos), assim quebrando a vontade de Gandhi de um país unificado, e no ano seguinte em 30 de janeiro é assassinado por um extremista hindu. Mesmo sendo considerado um herói, há narrativas que dizem que ele seria racista contra negros, além de ser misógino; para mais informações, há um link para um texto

explorando o assunto no tópico “Dicas de leitura e filmes”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- "Centenário de Mandela | Nerdologia - YouTube." 3 jul. 2018, https://www.youtube.com/watch?v=W_9jCwTPtps. Acessado em 7 ago. 2019.
- "Nelson Mandela, Anti-Apartheid Activist and World Leader ... - YouTube." 9 fev. 2018, <https://www.youtube.com/watch?v=PyfOrbO0xf4>. Acessado em 7 ago. 2019.
- "The South African general elections: 1994 | South African History Online." 26 abr. 2019, <https://www.sahistory.org.za/article/south-african-general-elections-1994>. Acessado em 7 ago. 2019.
- "África do Sul vive dilemas e mudanças 25 anos após a eleição de" 8 mai. 2019, <https://epoca.globo.com/afrika-do-sul-vive-dilemas-mudancas-25-anos-apos-eleicao-de-mandela-23648512>. Acessado em 7 ago. 2019.
- "MAHATMA GANDHI | HISTÓRIA – YouTube." 14 ago. 2017, <https://www.youtube.com/watch?v=5AaBgO1NMiM>. Acessado em 7 ago. 2019.
- "Mahatma Gandhi - Aventuras na História - Uol." 30 jan. 2019, <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/rep-ortagem/biografia-gandhi-historia.phtml>. Acessado em 8 ago. 2019.
- Dicas de leitura e filmes
- Gandhi era um racista que obrigava meninas a dormir na cama ... - Vice." 15 dez. 2015, https://www.vice.com/pt_br/article/d7ge8j/gandhi-era-um-racista-que-obrigava-meninas-a-dormir-na-cama-com-ele. Acessado em 8 ago. 2019.
- FILME: Gandhi (1982)

25 Anos Do Plano Real

O Plano Real, implementado em 1994 pelo presidente Itamar Franco, faz 25 anos em 2019. O conjunto de medidas que constituía o Plano tinha como objetivo último controlar a hiperinflação dos anos 1980, valorizar o câmbio em relação ao dólar aumentando o poder de compra de importados e inserir as commodities agrícolas de forma mais estratégica.

Na década de 1990 a inflação no Brasil estava em níveis nunca antes vistos, chegando a alcançar 6.800% em doze meses, entre o fim do governo Sarney e o início do governo Collor. Um problema econômico de tamanha magnitude não pode ter uma causa única, era, destacadamente, fruto de dívidas anteriores (como a gerada na construção da cidade de Brasília com o governo Juscelino Kubitschek) e falhas tentativas de correções monetárias, isto é, a impressão de mais dinheiro e planos econômicos que congelavam preços.

Então, para tentar corrigir a inflação até aquele momento começaram a desenrolar-se os primeiros traços que permitiriam a existência do Plano Real. A primeira medida foi a negociação das dívidas externas, ou seja, normalizar relações do país com a comunidade financeira internacional por meio do Plano Brady. Ele teve alcance global, incluindo o Brasil, e transformava uma dívida em dólar impagável em títulos federais (ativo financeiro que tem a receber em prazos estendidos uma dívida de um Estado). Na prática, isso passa para frente a dívida e aumenta a sensibilidade do país ao dólar.

Assim, o Plano Real foi inserido no governo de Itamar Franco, com Fernando Henrique Cardoso (FHC) no Ministério da Fazenda, em 1994. O Plano previa uma mudança no padrão monetário (cruzeiros para real), paridade cambial com o dólar (R\$ 1 = US\$ 1) no seu lançamento e desindexou os preços utilizando as URV (Unidades Reais de Valor).



O Real alcançou seus objetivos, sendo o controle da inflação o mais demorado. Um efeito colateral de uma moeda forte foi a quebra da indústria nacional, inserção internacional das commodities dificultada e inchaço do setor de serviços. Entretanto a constância, e conseqüente previsibilidade, da economia brasileira viria somente no tripé macroeconômico, do fim do primeiro mandato de FHC: responsabilidade fiscal, controle cambial e meta de inflação, ainda hoje praticados.

RONALDO MALTA - “Economia Brasileira 08 Plano Real 199-2002” (2016) Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=riu1DTJ91Kk&t=404s>> Acesso em: 01/08/2019

“Tripé Macroeconômico - O que é e da onde vem?” - Politize! 04 nov. 2016, <<https://www.politize.com.br/tripe-macroeconomico-o-que-e/> Acesso em: 01/08/2019

“O que foi o Plano Real e como ele controlou a hiperinflação” - NEXO Jornal. 30 jun. 2019 <<https://www.nexojornal.com.br/explicado/2019/06/30/O-que-foi-o-Plano-Real-e-como-ele-controlou-a-hiperinfla%C3%A7%C3%A3o>> Acesso em: 01/08/2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Geografia + Meio Ambiente

Brumadinho E Rompimento De Barragens

No dia 5 de Novembro de 2015, em Mariana (MG), após uma série de tremores de terra, rompeu uma barragem que armazenava mais de 50 bilhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro. A lama, que de imediato percorreu o vale, destruiu um vilarejo além de atingir três rios de extrema importância para a região. Campanhas como “Mariana nunca mais” repercutiram até meses depois deste acontecimento que foi considerado a maior tragédia ambiental, não apenas do país mas também, da história mundial. Entretanto, no dia 25 de janeiro de 2019, a história se repetia na mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho (MG), com um número de mortes ainda maior, estima-se que mais de 300 pessoas. Além do número elevado de mortes, este crime ambiental provocou um deslocamento forçado de 24 mil pessoas, e também um impacto ambiental e histórico de dimensões ainda incalculáveis.

A lama atingiu um dos principais afluentes do Rio São Francisco, e amostras coletadas revelam que: foram encontrados valores de chumbo e mercúrio até 21 vezes acima do aceitável. Foi verificada também a presença de cádmio, níquel e zinco em pontos onde foi feito o monitoramento. A concentração de componentes tóxicos, entretanto, não se limita a

lama dos reservatórios, mas é responsável por contaminar solo e água da região, comprometendo diretamente a vida humana e animal. As possíveis implicações para as populações vulneráveis vão desde infecções e intoxicações até câncer e doenças autoimunes, no futuro, além de aumentar significativamente a ocorrência de doenças infectocontagiosas ou parasitárias.

Para além disso, é importante que se façam análises mais profundas em relação à estes acontecimentos. Em primeiro lugar, deve-se dar destaque ao ato de que não se trata de um acidente, mas sim um desastre ou até mesmo crime, uma vez que estudos anteriores ao rompimento já indicavam o risco. Ligado a isso destaca-se a clara atenuação da responsabilização e, conseqüentemente, reparação dos danos, das empresas envolvidas. Em segundo plano, deve ser enfatizado o desmantelamento das políticas de proteção ambiental que estão diretamente ligadas à estes crimes. Os órgãos de fiscalização socioambiental se mostram cada vez mais fragilizados vítimas de cortes orçamentários, e atrelado a isso o crescimento das commodities influencia nas ações governamentais que aceleram os processos de concessão de licenças para atender às demandas do mercado internacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Tragédia em Brumadinho: 165 mortes confirmadas, 160 corpos identificados; 155 desaparecidos. 2019. Elaborado por G1 o portal de notícias. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/ao-vivo/barragem-da-vale-se-rompe-em-brumadinho-na-grande-bh.ghtml>>

Portal Meio Ambiente (Ed.). NOTA DE ESCLARECIMENTO 5 - DESASTRE BARRAGEM B1. Brumadinho, 2019. Color. Disponível em:

<<http://www.ief.mg.gov.br/noticias/1/2580-nota-de-esclarecimento-5-brumadinho>>.

Entenda como funciona a barragem da Vale que se rompeu em Brumadinho. 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/28/entenda-como-funciona-a-barragem-da-vale-que-se-rompeu-em-brumadinho.ghtml>>.

Chernobyl: Conflito Entre Versões Estadunidense E Russa Sobre O Maior Acidente Nuclear Da História



A televisão estatal russa anunciou recentemente que desenvolverá sua própria versão acerca do desastre nuclear de Chernobyl, na tentativa de mostrar possível envolvimento da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA) no acidente. O anúncio é em resposta à minissérie estadunidense/britânica “Chernobyl” pela HBO e Sky, acusada pelo

governo russo de ser uma “propaganda americana e anti-soviética”. A minissérie possui atualmente a pontuação mais alta (9,7) entre programas televisivos pelo website IMDB, que avalia filmes e séries, e foi aclamada por diversos críticos por “mostrar a realidade de Chernobyl”.

O próprio desenvolvimento e conflito entre as duas versões nos trazem à tona o contexto da Guerra Fria e a história do acidente do dia 26 de abril 1986 na usina nuclear de Chernobyl, localizada ao norte da Ucrânia Soviética, próxima à cidade de Pripyat. O motivo foi a explosão do reator número 4 durante um teste de segurança. A explosão foi resultado de falhas no projeto do reator e também dos operadores do teste, e acabou por expor o núcleo e expelir grandes quantidades de material radioativo em forma de nuvens e incêndio tóxico que atingiram cerca de três quartos de todo o território europeu (em maior quantidade Ucrânia, Rússia e Bielorrússia).

Foram ocasionadas 31 mortes nos momentos iniciais da explosão (de trabalhadores da usina e oficiais tentando conter o incêndio). No entanto, o acidente também vitimou direta e indiretamente milhares de pessoas por doenças e males relacionados à grande exposição à radiação. Centenas de milhares de pessoas foram obrigadas a deixarem seus lares pelos perigos da radiação. Na ocasião, o governo soviético tentou ocultar o acidente, apenas se pronunciando três dias após o ocorrido.

Para evitar o vazamento de camadas ainda mais fortes de material radioativo, foi construída entre 2010 e 2017 uma estrutura de concreto para “enterrar e conter” o magma radioativo.

Atualmente, os altos índices de radiação mantêm inabitável a região, que é alvo de polêmicas por estar se tornando um complexo turístico em projeto encabeçado pelo também polêmico presidente ucraniano Volodymyr Zelensky, na tentativa de mudar a imagem que a região tem para o mundo. No entanto, o “turismo de tragédias” em Chernobyl ocorre sem conscientização e acaba atraindo influenciadores digitais do mundo inteiro em busca de angariar curtidas em suas fotos, mesmo em ambiente de sombrios antecedentes.

Ao abordar críticas à negligência e omissão por parte dos operadores e governo soviéticos, a minissérie “Chernobyl” mexe com questões ainda não completamente resolvidas da Guerra Fria que incomodam as autoridades russas, que não descartam um envolvimento estadunidense no caso, por mais conspiratório que soe. Tais condições fazem com que o maior acidente nuclear da história seja ainda mais emblemático, mesmo após mais de 30 anos de sua ocorrência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BBC Brasil – Chernobyl: como série de TV é vista na Rússia e por que o país está fazendo sua própria versão. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-48569446>> Acesso em: 09/08/19

G1 – Chernobyl: desastre nuclear na Ucrânia completa 30 anos. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/04/chernobyl-desastre-nuclear-na-ucrania-completa-30-anos.html>> Acesso em: 09/08/19

Série da HBO resgata Chernobyl e seu desastre nuclear do esquecimento – EXAME. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/mundo/serie-da->

hbo-resgata-chernobyl-e-seu-desastre-nuclear-do-esquecimento/> Acesso em: 09/08/19

Furacão Em Moçambique

No início do mês de março um ciclone denominado de Idai assolou o sul da África. O ciclone formou-se de uma depressão tropical de início na costa leste de Moçambique.

Chama-se ciclones tropicais os sistemas de ar de baixa pressão que se formam sobre os mares dos trópicos. Uma área de baixa pressão atmosférica é onde o ar faz menos força sobre a terra, e sobre as pessoas, do que na região vizinha. Áreas de baixa pressão atraem ventos, que sopram para dentro dela tentando equilibrar a força que o ar faz sobre aquele trecho da superfície. Quando os ventos de um ciclone tropical não superam os 60 km/h, ele é chamado de depressão tropical.

O Idai passou por várias áreas do continente africano destruindo casas, escolas, hospitais, estradas e de acordo com a afirmação do presidente moçambicano, Filipe Nyusi o número de vítimas é de cerca de mil pessoas, com oficialmente, 84 mortos até o momento da fala (registrada em 19/março).

Esse desastre humanitário tomou proporções catastróficas, com mais de 600 mil pessoas atingidas por enchentes, deslizamentos e desabamentos, enquanto mais de 100 mil ainda esperavam para serem resgatadas. Na cidade de Buzi, província mais atingida pelo ciclone, o rio que leva o mesmo nome inundou deixando uma faixa de 50km de terra submersa. No Zimbábue,

o governo decretou estado de calamidade contabilizando 98 mortos e 217 desaparecidos nas áreas afetadas pelo ciclone.

Na cidade de Beira, Moçambique, o ciclone Iдай atingiu com ventos de 177km/h a região, destruindo todos os edifícios, redes de comunicação e de eletricidade. Mais de 1,5 mil pessoas ficaram feridas devido as quedas de árvores e de telhados. O governo do Reino Unido prometeu ajudar com 6 milhões de libras e com o envio de barracas e abrigos à Moçambique e ao Maluú, que também foi afetado por enchentes e deslizamentos provocadas por chuvas intensas que caíram antes da passagem do ciclone, deixando 122 mortos.

O secretário-geral da Federação Internacional das Sociedades da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, Elhadj As Sy ressaltou a necessidade de ajuda humanitária. A distribuição de alimentos aos milhares de sobreviventes foi realizada com muita dificuldade, famílias receberam somente pão, enquanto outros não receberam nada. A reconstrução também enfrenta dificuldade e demora, muitas pessoas recorrem aos escombros de supermercados buscando chapas de metal ou algum tipo de material para construir casas precárias. A demanda é muito superior a capacidade do Governo local de fornecer suprimentos e recursos para os habitantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<http://www.invivo.fiocruz.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=706&sid=9>

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47622803>

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/03/22/passa-de-500-o-numero-de-mortos-pelo-ciclone-em-mocambique-zimbabue-e-malawi.ghtml>

Meio Ambiente + Acordo Mercosul UE + Agrotóxicos

Segundo dados de “O Globo” desde janeiro de 2019 o Brasil desde o início da gestão do Presidente Bolsonaro (PSL) liberou ao todo 239 novos agrotóxicos, esse tipo de ação vai de encontro ao desmatamento da amazônia que sofreu um crescimento de 278% em relação ao mês de julho do ano anterior, segundo informações da “Folha de São Paulo”, demonstrando dessa forma que as pautas ambientais não são preocupações do presidente eleito.

Em contrapartida, o governo Etíope plantou no mesmo ano 350 milhões de árvore em um dia batendo o recorde mundial no ato. O país africano tem adotado importantes medidas de reflorestamento de sua cobertura vegetal original, que foi severamente desmatada para o uso da madeira.

A Etiópia tem mostrado cada vez mais importância no cenário mundial, sendo sede da União Africana, além dos esforços concebidos em relação ao meio ambiente e água, o país também melhorou sua situação em relação à fome, no qual o Brasil parece ter tomado o caminho inverso.

Ainda no mesmo ano, o Mercosul e a União Europeia declararam que acabaram as

negociações, que estavam 20 anos em curso, de um acordo de livre comércio entre os dois blocos. Para o Brasil, isso pode significar maior facilidade de penetração e maior competitividade de seus produtos, entretanto diversos países da UE tem dado declarações de repúdio à falta de preocupação com o meio ambiente demonstrada pelo governo, no que pode se tornar um assunto que travaria a votação do acordo nos congressos europeus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

"Governo federal libera mais 42 agrotóxicos no Brasil e amplia recorde" 24 jun. 2019, <https://oglobo.globo.com/sociedade/governo-federal-libera-mais-42-agrotoxicos-no-brasil-amplia-recorde-desde-posse-de-bolsonaro-23760869>. Acessado em 11 ago. 2019.

"Etiópia planta 350 milhões árvores em um dia e bate recorde mundial" <https://epocanegocios.globo.com/Mundo/noticia/2019/07/etiopia-planta-350-mil-arvores-em-um-dia-e-bate-recorde-mundial.html>. Acessado em 11 ago. 2019.

Segurança Alimentar, Agrotóxicos E Saúde

O termo “segurança alimentar” começou a ser utilizado após o fim da Primeira Guerra Mundial, no qual o fenômeno da fome foi agravado pela guerra. A partir de então, a segurança alimentar passou a ser analisada como uma estratégia global. Este contexto, porém, provou que um país poderia dominar

outros a partir do seu controle de fornecimento de alimentos, ou seja, entendeu-se que a soberania de um país dependia também de sua capacidade de auto-suprimento de alimentos. E então a ONU (Organização das Nações Unidas), em sua Assembléia Geral de 1948, reconheceu em um dos Artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos a alimentação como um dos direitos básicos humanos. O Artigo diz que: consiste na realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo em base práticas alimentares promotoras da saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam ambiental, cultural, econômica e socialmente sustentáveis.

A segurança alimentar, entretanto, não garante (ou deveria garantir) apenas o acesso aos alimentos, como também demanda ações intersetoriais, como o acesso à terra urbana e rural, fortalecendo a agricultura familiar e a produção orgânica e agroecológica, e também fomentando a proteção de povos indígenas, populações negras, quilombolas e povos e comunidades tradicionais.

Estes fatores são de extrema importância, principalmente no Brasil, onde segundo o Ministério do Desenvolvimento Agrário, 70% do que vai para a mesa dos brasileiros é fruto de agricultura familiar. Importante relatar que este mesmo relatório alerta para o uso, cada vez mais crescente, de agrotóxicos no Brasil, dizendo que: o pacote tecnológico aplicado nas monoculturas em franca expansão levou o Brasil a ser o maior mercado de agrotóxicos do mundo. [...] Entre 2000 e 2007, a importação de

agrotóxicos aumentou 207%. [...] Mais de 50% dos produtores rurais que manuseiam estes produtos apresentam algum sinal de intoxicação.

Um estudo mostrou que: são diversos os casos de intoxicações e outros agravos à saúde humana. [...] no período de 1999 a 2009, foram registrados quase 10 mil casos de intoxicação por agrotóxicos no Nordeste do Brasil, e que o estado de Pernambuco foi o mais acometido. Nesse estado, entre os anos de 2007 a 2010, foram identificados 549 casos de intoxicações. São 2.052 óbitos por intoxicação por agrotóxicos no período de 2000 a 2009, e, somente no ano de 2005, foram mais de 1.200 casos de intoxicações no Nordeste brasileiro.

Para além disso, diversos quesitos são responsáveis por influenciarem a segurança alimentar, como por exemplo, mudanças climáticas ou combustíveis fósseis (que por sua vez, são utilizados na produção de fertilizantes e pesticidas).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

(ICMBIO), Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Agrotóxicos. Brasília - Df: Ministério do Meio Ambiente, 2006. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/seguranca-quimica/agrototoxicos>>.

(INCA), Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. POSICIONAMENTO DO INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA ACERCA DOS AGROTÓXICOS. 2015. Disponível em: <<http://www1.inca.gov.br/inca/Arquivos/comunic>

[acao/posicionamento_do_inca_sobre_os_agrototoxicos_06_abr_15.pdf](#)>.

Agrotóxicos e a poluição das águas. Sp: Agsolve, 2012.

<<https://www.agsolve.com.br/noticias/agrototoxicos-e-a-poluicao-das-aguas>>.

Brasil é o país que mais consome agrotóxicos no mundo. 2017. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/brasil-e-o-pais-que-mais-consome-agrototoxicos-no-mundo.ghtml>>.

Atualidades

Transparência De Governo E Imparcialidade Da Justiça

Desde a última edição deste Manual, dois eventos mereceram destaque da imprensa nacional e internacional, os quais nos deteremos nesta seção: a prisão de Julian Assange e a exposição da relação entre o então juiz Sérgio Moro e o procurador Deltan Dallagnol, exposição esta revelada pelo jornal The Intercept.

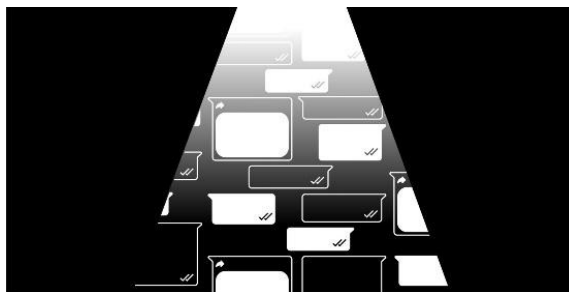
1. Prisão de Julian Assange



A Polícia Metropolitana de Londres prendeu, no dia 11 de abril, Julian Assange, co-fundador do Wikileaks, depois do Equador ter cassado o asilo diplomático que lhe oferecia há quase sete anos. O jornalista vivia desde junho de 2012 dentro da Embaixada equatoriana em Londres.

Ele enfrenta a acusação de crime contra a segurança, por invadir computadores e publicar, no site Wikileaks, centenas de milhares de documentos do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. A penalidade por esse tipo de ato é de cinco anos de prisão. Naquela ocasião, ele teve a colaboração de uma analista de inteligência, Chelsea Manning (que trabalhava no Pentágono com o nome de Bradley Manning, antes de transicionar de gênero). Juntos, eles publicaram informações como as das guerras no Iraque e no Afeganistão e as de telegramas diplomáticos do Departamento de Estado dos EUA, o que promoveu desconfiança de vários governos em suas relações com Washington.

2. Glenn Greenwald e o The Intercept



No dia 09 de junho, no Brasil, começaram a vir ao público os supostos supostos diálogos privados da Operação Lava Jato por meio de uma série de reportagens publicadas inicialmente pelo site de jornalismo investigativo The Intercept Brasil.

As conversas mostram diálogos no aplicativo Telegram, atribuídos a Sérgio Moro (ministro da Justiça e na época das conversas juiz responsável pelos processos da Lava Jato na

primeira instância em Curitiba) e Deltan Dallagnol, procurador que chefia a Lava Jato em Curitiba; entre outros membros da força-tarefa.

As mensagens abrangem o período total de 2014 a 2019. O site afirma ter recebido o material de fontes anônimas — pela Constituição, jornalistas não são obrigados a revelar a identidade das suas fontes.

Após as primeiras reportagens, o Intercept fechou parcerias com o jornal Folha de S.Paulo, com a revista Veja e com o jornalista Reinaldo Azevedo, da rádio BandNews FM. Esses veículos de comunicação também atestaram a autenticidade das mensagens e passaram a fazer apurações conjuntas com o Intercept.

As conversas sugerem conduta indevida por parte do ministro, já que Moro estaria atuando ao lado da acusação em muitos dos casos dentro da operação Lava Jato. No sistema de justiça brasileiro, o juiz não deve estar envolvido no processo, tanto do órgão acusador, o Ministério Público, quanto da defesa dos réus. Por isso, as condutas expostas pela podem levar ao questionamento da imparcialidade das condenações.

O agora ministro da Justiça tem reafirmado em declarações públicas que não teve nenhuma conduta irregular quando era juiz de casos de corrupção na Lava Jato, que os diálogos foram obtidos de modo criminoso por hackers e que o conteúdo pode ter sido adulterado.

Segundo o ministro, trata-se de uma tentativa de anular condenações criminais de corrupção. Outro ponto do discurso de Moro, já usado em mais de uma oportunidade, é pôr em dúvida a credibilidade jornalística do Intercept, chamando-o de “sensacionalista”.

A força-tarefa em Curitiba, formada por procuradores e policiais federais, também não reconhece a veracidade das conversas divulgadas, diz que a Lava Jato mirou partidos diversos e de posições distintas no espectro ideológico. Também defende a isenção e reafirma que as decisões judiciais da operação foram revalidadas por outras instâncias da Justiça, com independência e sem que a posição acusatória do Ministério Público prevalecesse sempre. Afirma ainda que foram vítimas de uma invasão criminosa de aparelhos e isso deve ser esclarecido.

Saiba Mais: ainda há revelações sendo feitas pela mídia. Acompanhe a série de publicações no link abaixo:

<https://theintercept.com/series/mensagens-lava-jato/> .

3. Liberdade de Imprensa

Segundo o artigo 220 da Constituição Federal Brasileira de 1988, “a manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição, observando o disposto nesta Constituição”. O primeiro parágrafo, especificamente, aponta que nenhuma lei conterá dispositivo que possa constituir embaraço à plena liberdade de informação jornalística em qualquer veículo de comunicação social. Neste sentido, a liberdade de imprensa é um direito assegurado ao cidadão brasileiro, que não pode ser afetado por nenhum

governo (desde que respeite os outros artigos da Constituição Federal).

No entanto, enquanto meio de divulgação, a imprensa acaba sendo alvo de muitos ataques feitos em meio a escândalos e crises dos governos de diversos países. No caso do Brasil, linchamentos virtuais a jornalistas, inclusive, explicitam uma tendência de silenciamento e intimidação de vozes dissonantes. Isto é muito comum que em contextos de acirramento político, como os períodos eleitorais, por exemplo.

Hoje em dia, vê-se que ódio contra a mídia se espalha por todos os países. O presidente dos EUA, Donald Trump, qualifica os jornalistas como "inimigos do povo" e, na Polônia, a nova lei sobre meios de comunicação levou a demissões em massa e ao estrangulamento econômico de publicações críticas. Nicarágua e Venezuela redobram a censura governamental. Em alguns casos atacam as sedes de jornais e em outros restringem o acesso ao papel para punir jornais impressos que não concordam com o Governo. Na Espanha, a apreensão policial dos celulares de dois redatores da Europa Press e do Diário de Mallorca provocou uma onda de críticas. Em 2018, o assassinato do colunista do Washington Post, Jamal Khashoggi, na sede da Embaixada da Arábia Saudita em Istambul, foi o caso que atraiu a maior atenção e cobertura da mídia.

Além dos ataques realizados pelos próprios governos, os sentimentos de ódio também encontram um terreno fértil nas redes sociais. Nas plataformas digitais, como o Facebook e o Twitter, a aversão à imprensa é fomentada.

Esse ódio resulta em um aumento notável na violência contra jornalistas, que alcança um nível sem precedentes. Todas as cifras – tanto de assassinatos e prisões, como de desaparecimentos forçados – aumentaram em 2018, segundo relatório do Repórteres Sem Fronteiras, publicado no fim do ano passado.

É preciso ressaltar que, em regimes democráticos, a liberdade de imprensa é crucial para a promoção do debate saudável e plural. A isso se ancora o Wikileaks, o The Intercept e todos aqueles que trabalham para publicizar temas de interesse público com compromisso ético pela verdade e pela justiça.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORSALETTE, Conrado; PIMENTEL, Matheus. O que dá para concluir dos diálogos vazados da Lava Jato. Nexo (08/07/2019).

Disponível em:

<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2019/07/08/O-que-d%C3%A1-para-concluir-dos-di%C3%A1logos-vazados-da-Lava-Jato>. Acessado em: 01 ago. 2019.

GÓMEZ, Rosario G. Ataques à liberdade de imprensa aumentam em 2018. El País (24/12/2018). Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/23/internacional/1545586593_128591.html. Acessado em: 01 ago. 2019.

MIGUEL, Rafa de. Julian Assange, cofundador do Wikileaks, é preso em Londres após Equador retirar asilo diplomático. El País (11/04/19).

Disponível em:

https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/11/internacional/1554975440_843068.html . Acessado em: 01 ago. 2019.

Columbine, Suzano E A Discussão Sobre Posse De Armas

Em abril de 1999, dois adolescentes invadiram a escola secundária de Columbine, nos EUA, e deixaram 13 mortos e 21 feridos. A dupla tinha um projeto planejado meses antes, que durou cerca de uma hora e envolveu armas de fogo e bombas caseiras. Eric e Dylan, os adolescentes envolvidos, cometeram suicídio após dar cabo em seu plano.

Vinte anos depois, em uma escola pública de Suzano, duas pessoas cometeram um ato muito similar. Luiz Henrique de Castro, de 25 anos, e Guilherme Taucci, de 17, atacaram a escola Raul Brasil, matando 8 pessoas e deixando outras 11 feridas. Os jovens haviam planejado o ato por mais de um ano e estavam munidos de revólveres, carregadores, machadinhas e uma arma medieval. Um deles atirou no outro e se suicidou em seguida.

Casos como estes mencionados acima não são incomuns. Estima-se que, nos últimos anos, já houve pelo menos mais outros oito casos similares ao de Suzano em escolas brasileiras. Nos EUA, apenas em 2018, a Education Weekly apontou 23 casos com 113 mortos e feridos em escolas.

Estes casos trazem à tona um debate muito antigo no campo da segurança pública e das leis sobre armas. Há quem acredite que a posse de armas deveria ser liberada, assim como os professores deveriam ser treinados e armados para dar aulas. Por outro lado, há quem defenda que deve haver maiores restrições para a posse de arma, atribuindo a responsabilidade pela

segurança da sociedade somente às autoridades competentes.

No Brasil, a posse de armas tem sido severamente discutida há alguns anos, com especial atenção ao período eleitoral de 2018, no qual alguns candidatos defendiam a liberação da posse de armas para a sociedade civil. Entre eles, o atual presidente Jair Bolsonaro. Diante da eleição do mesmo, o assunto continua em voga, como um dos focos das discussões sobre segurança pública.

O partido do presidente, assim como outras alas da política brasileira, defendem o fim do Estatuto do Desarmamento, isto é, a lei federal consolidada em 2003 que tem por serventia elevar a burocracia e, por consequência, dificultar a posse e porte de armas pela população. A lei faz com que o indivíduo que deseje a posse de armas tenha que atestar a necessidade da arma, cuja justificativa é avaliada pela Polícia Federal, além de apresentar documentos que comprovem ausência de antecedentes criminais e de processos judiciais em andamento, residência fixa, emprego formal e atestados de aptidão técnica e psicológica.

Assim, se houvesse o afrouxamento desta lei, ou mesmo a sua revogação, o futuro da segurança pública estaria em cheque? Como dito anteriormente, quando se trata da discussão sobre posse de armas, há partes que acreditam que a segurança pública não é afetada, assim como há quem afirme com veemência de que sim e há sempre um desastre iminente.

Tendo em vista os dois casos mencionados no início deste texto e o crescente número de massacres ao redor do mundo, além de outros

extremismos correntes, questiona-se até que ponto a posse de armas por parte da sociedade civil deve ser de fato discutida. De qualquer forma, é impossível debater tal questão sem antes perpassar por outros temas como políticas públicas, educação, liberdades individuais e vida em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Superinteressante. Como foi o massacre de Columbine. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/como-foi-o-massacre-de-columbine/>> Acesso em: 19 de agosto de 2019.

El País. Columbine, Realengo e Suzano: os mais sangrentos massacres nas escolas de Brasil e EUA. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/13/internacional/1552503550_809750.html> Acesso em: 19 de agosto de 2019.

Manual do Mundo 2018. Estatuto do Desarmamento e as Eleições Brasileiras de 2018. Disponível em: <<https://cenariosprospectivos.wixsite.com/site-cenarios>> Acesso em: 20 de agosto de 2019.

A Crise Na Venezuela



A Venezuela, país sul-americano, passa por uma grave crise não só econômica como também política e humanitária.

A crise política no país consiste na disputa pelo poder entre chavistas (apoiadores do governo de Hugo Chávez, que tem como princípios o anti-imperialismo e o nacionalismo) e os opositores do governo, que esperam pelo poder à 19 anos. O atual presidente venezuelano, o chavista Nicolás Maduro é apoiado por países como Rússia e China. Já Juan Guaidó, representante da oposição e autodeclarado presidente interino tem o apoio de países como EUA, Brasil, Canadá, Colômbia e Argentina. A crise política no país tem dividido a população entre o apoiadores e não apoiadores do governo de Maduro, bem como aumenta a tensão internacional.

A Venezuela é membro da OPEP - Organização dos Países Exportadores de Petróleo e tem como principal produto de exportação o petróleo, já que conta com grandes reservas petrolíferas, uma das maiores do mundo. Dessa forma, com o preço do barril de petróleo em alta havia muito lucro para o país,

utilizado para financiar programas e serviços sociais.

Entretanto, o governo venezuelano não investiu no desenvolvimento da indústria e da agricultura, deixando o país dependente da exportação do petróleo. Em 2014 com a queda no preço do petróleo, devido à uma diminuição na demanda por petróleo, causada pelo crescimento da extração de xisto pelos EUA, fazendo com que sua demanda por importações caísse, assim como a desaceleração da economia chinesa. Além disso, alguns países membro da OPEP se recusaram a desacelerar a produção de petróleo, contribuindo ainda mais para a queda no preço. Como a economia venezuelana é muito dependente do petróleo, essa queda nos preços ocasionou uma grave crise econômica.

Outro ponto a ser destacado é a desvalorização da moeda venezuelana, que desestimula investimentos estrangeiros no país e algumas medidas do ex presidente Hugo Chávez como, a nacionalização de indústrias e o controle de preços impedindo o desenvolvimento da indústria local.

O resultado disso é, além do aumento significativo da miséria, da fome e da violência no país, há também uma grave falta de produtos para sobrevivência básica da população, como alimentos nos supermercados, remédios e materiais médicos. Alguns países como o Brasil, Colômbia e EUA têm enviado ajuda humanitária para o país, porém o atual presidente Nicolás Maduro tem negado a permissão de entrada no país dos caminhões com suprimentos para a população da maioria dos países, aceitando ajuda apenas da Rússia e União Europeia.

Com as difíceis condições de vida na Venezuela, muitos cidadãos têm procurado refúgio em países vizinhos em busca de emprego e melhores condições de vida. O Brasil é um dos principais destinos escolhidos, com acesso pela fronteira de Roraima. O município tem formulado estratégias para abrigar o grande número de refugiados venezuelanos que chegam ao local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-45909515>

<https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/entenda-o-motivo-da-queda-do-preco-do-petroleo/>

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/02/22/escassez-de-remedios-assola-venezuela-enquanto-prosegue-impasse-sobre-ajuda-humanitaria-internacional.ghtml>

<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-47418365>

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/04/o-que-levou-a-venezuela-ao-colapso-economico-e-a-maior-cri-se-de-sua-historia.shtml>

Incêndios Em Notre-Dame E Em Museus Brasileiros

No dia 15 de abril deste ano, o mundo perdeu para um incêndio um dos maiores marcos históricos da civilização ocidental: a Catedral de Notre Dame. Em 14 horas de fogo, foram destruídos tesouros artísticos e religiosos com mais de 850 anos de história.

A igreja começou a ser construída em 1163, concluída apenas 180 anos depois de seu início, já apresentando as características hoje conhecidas. Ela recebe, por ano, 13 milhões de visitantes, já que conta com atrações mundialmente conhecidas, como a escultura da Pietà e a Rosácea do Meio-Dia (ambas salvas da tragédia ocorrida). O fogo danificou, principalmente, o teto da construção e a chamada “Flecha”, estrutura à esquerda da igreja que representava a conexão do homem com Deus.

A Procuradoria de Paris ainda não identificou a causa do incêndio, porém descarta intenção criminosa. Depois de mais de 70 dias de investigações, encerram-se as buscas por respostas. A possibilidade mais aceita pelos especialistas é a de negligência dos agentes políticos responsáveis, já que o Ministro da Cultura da França, Franck Reister, determinou que os empreiteiros economizassem o máximo de recursos e seguissem em marcha lenta a restauração da igreja que vinha desde abril de 2018, por conta da falta de verba. Outra possibilidade é a de que houve uma falha elétrica que causara todo o fogo.

No mesmo dia do incêndio, o presidente francês, Emmanuel Macron, deu uma declaração a respeito da tragédia: “Nós a reconstruiremos juntos”, sendo que no dia seguinte as doações para a reconstrução já acumulavam a quantia de R\$ 2,6 bilhões.

Ademais, as queimadas contam com mais uma vítima: os museus brasileiros. Em 10 anos, mais de 8 prédios ricos em patrimônios culturais e científicos foram destruídos pelo fogo. Entre eles, estão o Memorial da América Latina

(2013), o Museu da Língua Portuguesa (2015) e, o mais recente, o Museu Nacional (2018).

Este último, ocorreu no dia 2 de setembro de 2018, ano em que o museu completara 200 anos de existência, na cidade do Rio de Janeiro. A instituição colecionava mais de 20 milhões de itens de suma importância científica, em especial para as áreas de geologia, paleontologia, botânica, zoologia, antropologia biológica, arqueologia e etnologia.

A maior parte do acervo foi destruída na noite da queimada, entretanto não deixou nenhum ferido. A causa do incêndio ainda se apresenta desconhecida, mas deve-se considerar que o Museu também se encontrava afetado pela crise do Estado do Rio e estava funcionando com o orçamento muito reduzido há 3 anos. A situação chegou ao ponto da equipe do museu fazer uma “vaquinha” na internet.

O diretor do Museu Nacional, Paulo Knauss, afirmou sobre o ocorrido: “É uma tragédia lamentável. Em seu interior há peças delicadas e inflamáveis. Uma biblioteca fabulosa. O acervo do museu não é para a história do Rio de Janeiro ou do Brasil. É fundamental para a história mundial. Nosso país está carente de uma política que defenda os nossos museus”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

“O incêndio da Catedral de Notre Dame” - ISTOÉ 18 abr. 2019 <<https://istoe.com.br/o-incendio-da-catedral-de-notre-dame/>> Acesso em: 04/08/2019

“Procuradoria de Paris não sabe a causa do incêndio de Notre-Dame, 72 dias após tragédia” - El País 26 jun. 2019

<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/26/cultura/1561560114_951764.html> Acesso em: 04/08/2019

“Museu Nacional: Em 10 anos, fogo dizima ao menos 8 prédios com tesouros culturais e científicos do país” - BBC Brasil 3 set. 2018 <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45348664>> Acesso em: 04/08/2019

“Incêndio de grandes proporções destrói o Museu Nacional, na Quinta da Boa Vista” - G1 Rio, GloboNews e TV Globo 2 set. 2019 <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/02/incendio-atinge-a-quinta-da-boa-vista-rio.ghtml>> Acessado em: 04/08/2019

Os Apátridas De Myanmae: Rohingyas

A crise de refugiados é um tema muito em voga, dada as constantes exposições e mudanças de conflitos globais. Todo ano, milhares de pessoas perdem direitos essenciais à vida, ou porque estão na linha de fogo de grupos rivais, ou porque estão em meio a crises humanitárias, como falta de alimentos.

Um exemplo de refugiados que vêm ganhando destaque no cenário mundial, por ser o contingente humano mais perseguido atualmente, são os rohingyas, grupo minoritário no país sul-asiático Myanmar, de maioria budista. A diferença de crenças entre esses dois atores (rohingyas e Myanmar) acabou sendo o ponto de partida para a situação apátrida daqueles.

Os rohingyas são muçulmanos sunitas, que se encontravam em território birmanês antes mesmo da dominação colonial britânica. A

maioria deles vive em Rakhine, estado na costa oeste de Myanmar, e perderam sua cidadania já nos anos de 1980, sob regimes militares ditatoriais.

Até então, a alegação birmanesa era a de que os muçulmanos eram imigrantes ilegais da vizinha Bangladesh. No entanto, essas pessoas negavam tal posição, afirmando que a permanência delas naquelas terras data há gerações, mas o governo recusava-se a conceder de volta a cidadania dos rohingyas.

Foi quando em 2015, o regime de militares é derrubado para ascensão ao poder do partido de Aung San Suu Kyi, Nobel da Paz em 1991 e prisioneira-política da época. Essa vitória restaurou as esperanças sobre a questão dos apátridas, uma vez que a visão pacificadora de Suu Kyi podia ressignificar os anos de rusgas entre governo e rohingyas.

No entanto, foi sobre esse novo regime que a opressão contra os muçulmanos no Myanmar aumentou. O exército birmanês, junto a budistas nacionalistas, começou uma onda de violência sem precedentes. Queima de vilarejos, fuzilamentos, desalojamentos, ameaças, saques e estupros sistemáticos não só colocaram em dúvida a imagem de Aung San Suu Kyi no palco internacional como provocou a saída em massa dos rohingyas para os países vizinhos em 25 de agosto de 2017.

Segundo a Acnur (Agência da ONU para Refugiados), desde essa data até maio de 2018, mais de 700 mil pessoas foram obrigadas a fugirem para Bangladesh. Lá, estabeleceram-se em acampamentos de refugiados que gradualmente recebem cada vez mais pessoas, em um número que já ultrapassou as previsões

de órgãos internacionais. No estado de Rakhine, os suprimentos alimentícios e medicinais foram suspensos, o que agravou a situação dos rohingyas, mas nos assentamentos bengaleses a situação da infraestrutura é preocupante: o êxodo superlotou esses lugares, havendo um descompasso entre a ajuda humanitária e a chegada das vítimas muçulmanas.

Os rohingyas desejam voltar para Myanmar, onde antes moravam, mas muitos que conseguiram fugir só querem voltar quando o governo birmanês conceder a cidadania de volta para eles. Enquanto isso, Myanmar e sua população budista não dão sinais de fazer valer o desejo dos muçulmanos, com a ONU destacando para o que é chamado de “uma limpeza étnica” no país. Nesse sentido, não há uma solução para o problema desses apátridas a curto ou longo prazo, com milhares de homens e mulheres sendo alvos desse embate.

Mobilidade Urbana

Mobilidade urbana faz referência à facilidade de deslocamento de pessoas e bens na cidade. Nesta questão há, também, a união de diferentes políticas como as de acessibilidade, transporte, desenvolvimento sustentável, trânsito e redução das desigualdades sociais.

Atualmente, a sociedade brasileira enfrenta vários problemas de mobilidade no meio urbano, os quais possuem raízes históricas e relacionam-se com o quesito da desigualdade social. Desde sua colonização, no século XVI, o Brasil apresenta um caráter agroexportador, principalmente de commodities (matérias

primas de baixo custo como, por exemplo, cana-de-açúcar, algodão, café). Por isso, até meados do século XX, sua população era majoritariamente rural, e a concentração urbana era pequena e mais concentrada no litoral. Esta situação começa a mudar no início da chamada “Era Vargas”(1930-1945), período em que Getúlio Vargas é presidente do governo brasileiro, pois é nela que inicia-se o processo de industrialização. Assim, com emprego urbano em larga escala, e com a presença da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas), a cidade tornou-se mais atrativa e passou a receber uma enorme quantidade de pessoas em um curto período de tempo.

A urbanização intensifica-se em 1960, pois, com a Revolução Verde (em que há a mecanização do campo), houve a diminuição da oferta de trabalho na zona rural e o encarecimento da mão de obra neste meio. Logo, a cidade passou a crescer cada vez mais, e de forma desordenada, causando um inchaço populacional. Muitas pessoas passaram a buscar melhores condições de vida e empregos na cidade, mas perceberam que manter-se nela não era tão fácil como parecia. Uma vez que o centro, região onde concentra a maior oferta de trabalho, era caro, a população buscou áreas mais afastadas a fim de diminuir o custo de vida e, assim, houve o processo conhecido como “periferização”.

Afastar-se, ou, em outras palavras, deslocar-se para a periferia, representava muito mais do que a busca por sustento e moradia, evidenciava também, a enorme desigualdade social pois aqueles que possuíam mais recursos concentram-se em áreas privilegiadas, enquanto

aqueles que não os tinham, eram obrigados a mudar-se para áreas afastadas, com baixa infraestrutura, difícil acesso e que necessita de maior tempo de deslocamento.

Pela diminuição do custo de vida e tentativa de manter-se nas cidades, houve a formação de favelas e cortiços, além da ocupação de áreas impróprias para moradia, as quais não possuem infraestrutura adequada até os dias atuais.

Somado a esses problemas, evidencia-se a realidade da maioria dos centros urbanos brasileiros: transporte público ruim e de alto custo, o que estimula a compra de um carro próprio e contribui para o congestionamento em rodovias e avenida, além do aumento da emissão de gás carbônico (CO₂)- que favorece o aquecimento global.

Vale dizer, também, que os transportes públicos não são capazes de atingir todas as áreas da cidade e, assim, dificulta a mobilidade de muitas pessoas e, inclusive, as segrega de alguns lugares pela impossibilidade de deslocamento.

Como melhorar este problema?

A questão da mobilidade urbana pode ser melhorada com o melhor planejamento das cidades, melhoria e ampliação do sistema de transporte público, criação de ciclovias e incentivo do uso de bicicletas, diminuição do custo dos transportes públicos coletivos, compartilhamento de caronas, maiores investimentos e trens e metrô, incentivo à aplicativos de transporte que diminuam o custo do deslocamento e a quantidade de automóveis

em trânsito, criação e aplicação de leis e políticas públicas.

O que já está em vigor

A lei federal número 12.587, de 2012, institui os objetivos fundamentais da Política Nacional de Mobilidade Urbana, sendo eles:

Reduzir as desigualdades e promover a inclusão social;

Promover o acesso aos serviços básicos e equipamentos sociais;

Proporcionar melhoria nas condições urbanas da população no que se refere à acessibilidade e à mobilidade;

Promover o desenvolvimento sustentável com a mitigação dos custos ambientais e socioeconômicos dos deslocamentos de pessoas e cargas nas cidades;

Consolidar a gestão democrática como instrumento e garantia da construção contínua do aprimoramento da mobilidade urbana.

Vale lembrar

Outros problemas urbanos:

- infra-estruturais
- precariedade no sistema de abastecimento e saneamento básico
- déficit de moradia e emprego
- sobrecarga no sistema de saúde e educacionais
- Insuficiência de espaços inclusivos

Ambientais:

- ilhas de calor
- desmatamento
- impermeabilização do solo

- canalização de rios
- ocupação de margens e encostas
- contaminação de mananciais
- chuva ácida

Morte De João Gilberto

No dia 06 de Julho de 2019, João Gilberto, um dos mais importantes músicos brasileiros, faleceu aos 88 anos no Rio de Janeiro. Nascido em 1931 na Bahia, Gilberto foi um dos responsáveis pela criação e popularização mundial da Bossa Nova junto de Tom Jobim e Vinícius de Moraes.

O surgimento da Bossa Nova esteve inserido num contexto de mudança na vida brasileira. O país passava por um novo impulso desenvolvimentista e tornava-se mais urbano, principalmente por todo o impacto que a construção da nova capital do país, Brasília, pelo presidente Juscelino Kubitschek - conhecido como o “presidente bossa nova” - em 1960. O mundo também passava por um novo ritmo cultural devido ao impacto do pós-II Guerra Mundial. A influência do jazz americano e da música clássica impressionista são sentidas em sua combinação com as sonoridades brasileiras, principalmente o samba e as modas de viola. Diferente desses ritmos, a formação da bossa nova foi mais elitizada, surgindo por uma juventude de classe média boêmia da Zona Sul do Rio de Janeiro.

Gilberto era apaixonado por música desde a juventude e iniciou sua carreira musical em Salvador. Tentou se estabelecer como cantor no Rio de Janeiro fazendo parte do grupo Garotos

da Lua, mas só foi se consolidar a partir de 1957 ao experimentar novos ritmos e tornar-se um grande influente na cena artística brasileira. Foi um dos pioneiros da Bossa Nova e viajou o mundo apresentando o novo gênero musical, tendo muitas músicas famosas lançadas como “Desafinado” e “Chega de Saudade”, além de gravações de diferentes músicas da Bossa Nova, como “Garota de Ipanema”.

Sugestão de Álbuns:

- Getz/Gilberto” (1964)
- “Amoroso” (1977)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EL PAÍS. Morre João Gilberto, cantor que apresentou a bossa nova ao mundo. 2019.

Disponível em:

<https://brasil.elpais.com/brasil/2019/07/06/cultura/1562442230_459816.html>

O Descrédito Da Ciência Na Atualidade

Uma significativa onda se concretizou fortemente no começo do século: os movimentos de contestação exacerbada à ciência - os quais se manifestam de várias formas.

Na sua lista de 2019 sobre os 10 maiores riscos à saúde global, a OMS (Organização Mundial da Saúde) incluiu o movimento antivacina. Este teve sua quantidade de adeptos aumentada rapidamente nos últimos anos, o que levou à volta de epidemias de doenças como o sarampo no mundo todo. O Brasil, que em 2016 tinha recebido o certificado de erradicação da

doença pela OPAS (Organização Panamericana de Saúde), teve casos recentes nesse ano.

Outra manifestação da descrença quanto à ciência é o ceticismo que as pesquisas do INPE (Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais) relatam sobre a condição do desmatamento da Floresta Amazônica. De acordo com os dados fornecidos pelo Instituto, 7.536 km² da Floresta foram desmatados no último ano, acréscimo de 8,5% em relação à 2017 - ano em que foram apurados 6.947 km². Houve um questionamento sobre a veracidade dos dados pelo atual governo e boa parte da população, o que resultou na exoneração do diretor do INPE, Ricardo Galvão.

Vale dizer, por fim, que a desconfiança da ciência por meio da população foi transformada em pesquisa pela “Wellcome Global Monitor 2018”, feita com 140 mil pessoas de 144 países. De acordo com a pesquisa, 35% dos brasileiros desconfiam da ciência, e um em cada quatro acredita que a produção científica não contribui para o país. De acordo com a pesquisa, Tal descrença certa ligação com a religião, pois quase metade dos brasileiros pesquisados afirmou que “a ciência discorda da minha religião”, e 75% afirmou que “quando a ciência e religião discordam, escolho a religião”. Além do fundo religioso, Também há uma tendência histórica da população ter certo receios da ciência, como demonstrado no caso da Revolta da Vacina em 1904, quando a população causou um motim contra a obrigatoriedade da vacina da varíola. Um interessante ator nesses dois casos é justamente a falta de instrução e conscientização governamental quanto à necessidade das vacinas.